KRISHNAMURTI
ONDE ESTÁ A
BEM-AVENTURANÇA
ICK

ONDE ESTÁ A BEM-AVENTURANÇA

KRISHNAMURTI

Em 1968 fez Krishnamurti uma série de palestras na Europa — três em Roma, cinco em Paris e cinco em Amsterdã, cuja tradução, habilmente feita por Hugo Veloso, consta deste livro. Respondeu então a várias perguntas que lhe foram formuladas sobre o eterno problema do viver, ressaltando sempre a necessidade do "autoconhecimento", por ser ele o principal fator da sabedoria. E a sabedoria, efetivamente, é indispensável à consecução da felicidade, como veremos com a leitura das presentes páginas. Não hesitem, pois, em lê-las, porquanto, indubitavelmente, elas bem podem suscitar em cada um de nós o significativo estado de bem-aventurança.

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Rio de Janeiro — Estado do Rio de Janeiro

KRISHNAMURTI ONDE ESTÁ A BEM-AVENTURANÇA

ONDE ESTÁ A BEM-AVENTURANÇA

Continuando no sério trabalho de divulgar em nosso idioma, no território pátrio, o sábio ensino de Krishnamurti, a Instituição Cultural Krishnamurti (ICK) tem a satisfação de dar a lume a presente obra, que houve por bem intitular ONDE ESTÁ A BEM-AVENTURANÇA. Trata-se das palestras proferidas por esse pensador na Europa no ano de 1968, nas quais examina diversos e importantes problemas com que se defronta a humanidade, principalmente quantos já chegaram a compreender a necessidade de haver no mundo, na consciência e no coração do homem, uma radical transformação. Um desses problemas é a fragmentação da vida e da mente humana, o conflito, o medo e a violência deles resultantes. Pergunta Krishnamurti: "É possível atuarmos de maneira tão completa, tão integral, que não haja fragmentação de espécie alguma?" Requer isso "uma revolução interior, no nível psicológico", que para o homem representa a única solução possível. Eis o tema central.

Para bem se atinar com a relevância desta obra, cumpre haver uma certa familiaridade com o emprego das palavras utilizadas pelo autor, embora nada se encontre nelas que não seja de fácil assimilação para todos que sentem o seu propósito básico: levar-nos a ver de imediato como se impõe e urge aquela mudança íntima, que deverá ocorrer com a libertação dos nossos "condicionamentos".

As perguntas e respostas constantes deste livro ajudam a clarificar os seus enunciados e a elucidar o significado das respectivas asserções. Krishnamurti toma sempre por ponto de partida aquilo que pode ser prontamente observado e compreendido pela mente racional, mas o seu desafio aos entes humanos vai bem mais longe, ultrapassa em muito o que o pensamento

(cont. na outra dobra)

é capaz de atingir. Alude ele, como aqui se expressa, à consecução "daquela coisa imensurável que o homem tem incessantemente buscado", aquela realização, sem a qual não tem a vida nenhum sentido. E a obrigação de alcançá-la repousa nos ombros de cada um de nós, de cada indivíduo que aceita o desafio.

Meditando nesses conceitos, percebendo o quanto eles nos esclarecem e ampliam a visão espiritual, é que nos habilitamos a descortinar aquela imensurabilidade, aquela coisa inefável e eterna e que nos trará, como que por encanto, a almejada "bem-aventurança". Só então poderemos sentir quão pródiga, bela e inspiradora é a existência.

A respeito dos gurus e de outros pretensos mestres, adverte-nos Krishnamurti que eles são seres que apenas mostram o caminho... "como a placa, à margem da estrada, eles nos indicam a direção". E acrescenta: "Não aceitem o que diz este orador, porém considerem-no como um espelho em que se vejam refletidos como realmente são". Porque, sem dúvida, o *autoconhecimento* é imprescindível à obtenção da sabedoria, e divisar a verdade, sobretudo a verdade sobre si próprio, exige honestidade e o apaixonado empenho em compreender a vida.

Deve cada um de nós recusar-se a aceitar um éden acenado por outrem, ou segundo a concepção dos que se dizem intérpretes da realidade. Ninguém, nem no céu nem na terra, tem o condão de propiciar-nos aquela duradoura bênção. Para alcançá-la, temos de trabalhar por ela — infinitamente —, conquanto possa surgir-nos quando menos esperamos.

Eis alguns dos temas tratados nestas luminosas páginas, cuja leitura bem poderá mudar os horizontes de nossa vida: "Não há problema isolado", "O Medo", "Liberdade Interior", "A Estrutura do Pensamento", "O Amor", "A Libertação do Apego", "O Observador e a Coisa Observada", e outros mais de real interesse humano.

ONDE ESTÁ A BEM-AVENTURANÇA

J. KRISHNAMURTI

ONDE ESTÁ A BEM-AVENTURANÇA

Tradução
de
Hugo Veloso

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Av. Pres. Vargas, 418, sala 1109
Rio de Janeiro — Estado do Rio de Janeiro
Tel. 253-6123

ÍNDICE

TRÊS PALESTRAS EM ROMA

NÃO HÁ PROBLEMA ISOLADO

(Roma — I)

É BEM certo que todos os problemas humanos estão relacionados entre si; não há nenhum problema separado, isolado, existente de per si. E, neste particular, não há Ocidente nem Oriente. Os problemas humanos são comuns a toda a humanidade, não importa se a pessoa nasceu na Índia, na Rússia, na América ou na Inglaterra. Tendemos — assim me parece — a considerar um dado problema separadamente dos demais, em vez de tratarmos de compreender os problemas em seu conjunto total. Essa compreensão só é possível se formos suficientemente sérios e capazes de investigar e aprofundar um problema; veremos, assim, que todos os outros problemas estão com ele relacionados. E, no meu sentir, é bem importante compreender isso. Não há problema isolado, cada problema está relacionado com todos os outros problemas e, como entes humanos, temos inúmeros problemas. Aparentemente, tudo o que tocamos se converte num problema.

Por conseguinte, nesta e nas duas palestras seguintes, consideraremos os numerosos problemas, as variadas questões que estão desafiando cada um de nós, como ente humano. Sabeis muito bem o que está ocorrendo no mundo. Observa-se na sociedade, em toda a parte, numa escala tremenda, a violência, a incerteza e o medo — uma espécie de anarquia organizada, e florescente. A sociedade se tornou uma estrutura onde há guerras, religiões separadas e diferentes nacionalidades em conflito entre si. E, em todo o mundo, o homem perdeu a fé; já não confia em ninguém, nem nos sacerdotes, nem nos políticos — em

ninguém, nem mesmo nos próprios pais, porque a geração mais velha criou uma sociedade tão monstruosa, um mundo onde só há guerra, constante insegurança e, conseqüentemente, medo. A religião, não importa se a deste País, a da Índia, ou a do Extremo Oriente — o budismo — já nada significa. E, embora os sacerdotes de todas as religiões organizadas preguem incessantemente que devemos ser bons, amoráveis, em nome de Deus, em nome de Cristo, em nome de tudo quanto é divindade, o fato é que continua a haver muita inveja, ódio, avidez, brutalidade, antagonismo e violência. Começa, pois, o homem a reconhecer que não há ninguém para quem apelar, ninguém que possa ajudá-lo a sair deste caos e desta aflição.

Vamos, por conseguinte, examinar os fatos — não supostos fatos, nem o que pensamos deveríamos ser, já que as ideologias pouco importam. Crer ou não crer em Deus é, decerto, uma questão de condicionamento. Neste País, tal como na Índia ou noutra parte qualquer — exceto a Rússia e o mundo comunista — a Igreja, através de dois milênios de propaganda, condicionou o homem para crer em Deus, para crer num Salvador. E, no mundo comunista, ele é condicionado para não crer em "tal absurdo". Assim, em todo o mundo, graças à propaganda e à ação de certos grupos intelectuais, sagazes, os entes humanos estão sendo condicionados — no presente como no passado — por palavras, por fórmulas, por ideologias que separam as sociedades — a ideologia capitalista e a ideologia comunista. O mundo está dividido, não só religiosamente, mas também nacionalmente — Itália, França, América, Rússia, etc. Todas as ideologias são absurdas, irracionais, não têm significação nenhuma. O que tem significação e importância é "o que é" — não "o que deveria ser" ou "devia ter sido" no passado. Ora, quando nos vemos, como atualmente, em tremenda confusão, apelamos para o passado, para a cultura em que fomos criados, esperando, dessa maneira, reformar os nossos pensamentos.

É bem evidente que as ideologias falharam, e a educação falhou. A educação pode proporcionar-nos maravilhoso saber técnico, graças ao qual o homem é capaz de ir à Lua, de manejar um computador, de matar milhares de seus semelhantes a grandes distâncias, mas ainda não resolvemos os problemas humanos, não sabemos cooperar e encontrar a união nas relações do homem com o homem. Essa é a única coisa realmente importante; nada

mais o é! Importante não é crermos em Deus, na Igreja e seus rituais, nos dogmas e sacerdotes, porém, sim, sabermos conviver pacificamente, como entes humanos, com amor, com generosidade, e sem violência. Eis o problema básico. Se não soubermos resolvê-lo, iremos destruir-nos mutuamente, como já estamos fazendo. Todos nos tornamos imensamente egoístas e egocêntricos, porque a sociedade está organizada para funcionar anarquicamente, num estado de caos.

Assim, a todo ente humano interessa este problema primário de viver no mundo, exercendo uma profissão, com a máxima competência e, entretanto, sem estarmos destruindo uns aos outros — o problema de viver em paz, visto que a paz é necessária. Não me refiro à paz política, à paz entre duas guerras, porém à paz no nosso viver diário, sem competição, sem a destrutiva ambição que separa os pretos dos brancos, os pardos dos amarelos. É possível essa paz? Viver com uma mente lúcida, sobremodo inteligente e, portanto, sensível, uma mente sábia, sem ódio, sem ciúme, sem inveja. Foi sempre este o problema principal, em todas as idades: descobrir um estado de correta relação entre os homens, viver pacificamente, sem ódio. E o homem ainda não foi capaz disso; vivemos provavelmente há muitos milhões de anos e ainda não conseguimos resolver este problema. A religião apenas oferece uma fuga do problema central, porque as religiões sempre permitiram as guerras como norma da vida; e nós aceitamos este conflito e esta batalha existente nas relações. Tudo isso são fatos.

Estamos vivendo numa época em que o homem, deveras, perdeu toda a fé e confiança nas organizações. Não me refiro, naturalmente, às organizações que nos fornecem o leite e nos entregam as cartas, porém à superestrutura que a sociedade erigiu com suas guerras, suas sublevações, e as divisões que cada um de nós deve rejeitar de todo. E há a revolta contra esta sociedade por parte dos jovens — os *hippies*, os *beatles*, etc.; acham-se eles revoltados contra a estrutura de uma sociedade geradora de guerras, de ódio e antagonismo.

Há duas espécies de atividade: ou o homem é um revolucionário completo, ou meramente um revoltado. Não estamos empregando a palavra "revolucionário" no sentido comunista, não nos referimos à revolução sangrenta que visa a der-

rubar governos e a efetuar reformas econômicas; não é a esta, absolutamente, que nos estamos referindo. Por "revolução total" entendemos aquela em que o homem — que durante tantos séculos, pela palavra e a propaganda, esteve sujeito a um tremendo condicionamento, — se torna capaz de libertar-se completamente da estrutura de uma sociedade que ele próprio criou, psicologicamente, com sua ambição, sua avidez, inveja e brutalidade. E esta é a mais elevada forma de revolução: a revolução na própria psique, a mutação total da mente. A menos que se verifique esta revolução, a atual revolta da juventude, em todo o mundo, é de muito pouca significação. Antes de mais nada, é essencial compreender a estrutura da sociedade, como o homem a construiu e inventou deuses, criando assim uma sociedade corrupta, dividida em nações, raças, diferentes religiões, etc. Se não se compreender essa estrutura, o revoltar-se contra ela significa apenas cair noutra armadilha. Vemo-nos, pois, em face deste problema dos jovens revoltados contra a sociedade, e possivelmente na iminência de caírem numa nova armadilha. E nela cairão, sem dúvida, por não compreenderem a estrutura psicológica que a produziu. O verdadeiro revolucionário é aquele que compreende completamente, não intelectualmente, essa ordem social que é ele próprio, já que ele próprio faz parte dela.

O problema, por conseguinte, é este: para que o homem possa transformar-se radicalmente, fundamentalmente, torna-se necessária uma mutação nas próprias células cerebrais de sua mente. Dizem-nos que devemos mudar, que devemos agir, que devemos transformar nossa mente, nosso coração, tornar-nos uma coisa totalmente diferente. Isso vem sendo pregado há milhares de anos por homens muito sérios, muito ardorosos, e também por charlatães interessados apenas em explorar o povo. Mas, agora, chegamos ao ponto em que não há mais tempo a perder. Compreendei isto, por favor. Não dispomos de tempo para efetuar gradualmente tal transformação. Os intelectuais de todo o mundo estão reconhecendo que o homem se acha à beira de um abismo, na iminência de destruir a si próprio. Nem religiões, nem deuses, nem salvadores, nem mestres, nem as lengas-lengas dos gurus, poderão impedi-lo. Dizem os intelectuais ser necessário inventar uma nova droga, uma "pílula dourada" capaz de produzir uma completa transformação química; e os cientistas

provavelmente descobrirão essa droga. Não sei se estais bem a par dessas coisas. Ora, conquanto o organismo físico seja um produto bioquímico, pode uma droga, uma superdroga, fazer-vos amar, tornar-vos bondosos, generosos, delicados, não violentos? Não o creio; nenhum preparado químico pode fazer os homens amarem-se uns aos outros. O amor não é produto do pensamento; também não é coisa cultivável, como a flor que cultivamos em nosso jardim. O amor não pode ser comprado numa drogaria, e o amor é a única coisa que poderá salvar o homem — e não os artifícios das religiões, nem seus ritos, nem todos os exércitos do mundo. Podemos fugir, assistindo a concertos, visitando museus, entregando-nos a divertimentos de toda ordem — debalde! — porque o homem se acha hoje em dia em presença de um tremendo problema: se tem a possibilidade de transformar-se radicalmente, de efetuar uma total mutação de sua consciência, não amanhã, nem daqui a alguns anos, mas agora! Eis o problema principal: se o homem, em qualquer país que viva, com todas as suas belezas naturais, é capaz de operar uma mutação radical em seu interior, *imediatamente*. E não podeis resolvê-lo com vossas crenças, vossas ideologias, vossos deuses, salvadores, sacerdotes e rituais. Essas coisas já não têm o menor significado.

Assim, nestas palestras — se isto vos interessa seriamente — iremos investigar se o homem, se vós e eu temos alguma possibilidade de modificar toda a nossa maneira de pensar, toda a nossa maneira de viver, *não* verbalmente, *não* intelectualmente, porém *realmente,* porque a vida é relação; sem relação não há vida. O próprio monge, em seu mosteiro — que é em verdade um refúgio — o próprio monge se acha em relação. Relação significa vida e quando, nessa relação, há conflito, seja interior, seja com o marido, a esposa, o vizinho, seja com outro qualquer, a vida se torna um campo de batalha. Fizemos de nossa vida esse viver cotidiano que vai sempre acabar num Vietnã. Por isso, todos nós somos responsáveis, não apenas os americanos, mas os italianos, os russos, os indianos — todo o mundo! Todos somos responsáveis pela guerra, porque somos entes humanos e criamos as guerras; elas fazem parte de nossa vida. E porque dizer que os americanos são terríveis, brutais, violentos, se vós também o sois? Não sentis, de modo nenhum, essa responsabilidade!

Há dias, estávamos passeando num bosque; era primavera, mas não se via um só pássaro. Dois homens caminhavam, armados

de espingardas. Vossa vida é toda de violência. Sois criados para matar animais para comer. Não me parece que percebeis quanto é séria esta questão; se cada um de nós se sentisse totalmente responsável por todas as guerras, haveríamos de criar uma sociedade de espécie diferente, com uma diferente educação, diferentes livros de História. Mas vós não tendes interesse, não vos sentis responsáveis. E, por essa razão, a geração mais nova está a rebelar-se, como é inevitável! Mas, infelizmente, como os jovens não compreendem a natureza dos entes humanos, irão criar, à sua maneira, outra sociedade corrupta e destrutiva. O problema é: como realizar essa mutação da mente e do coração humanos, e se o intelecto é capaz de efetuar essa mudança. O intelecto tem a capacidade de pensar com muita clareza, sã, lógica e objetivamente — tal é sua função. Mas o intelecto, como agora se vê, criou, em todo o mundo, esta sociedade destrutiva, inventou canhões, inventou a distinção de classes e, buscando a segurança, inventou deuses e a crença organizada, com o nome de religião. O pensamento, pois, criou esta estrutura chamada "sociedade", e por ela é responsável. O intelecto é responsável pela guerra existente em vós mesmos, pela guerra do Vietnã, pela guerra entre vós e vossa esposa ou marido, pela guerra com vosso próximo. O intelecto, funcionando como pensamento, produziu tudo isso; inventou também a bomba atômica, o computador, o avião a jato, os foguetes nucleares, capazes de exterminar milhares de seres humanos. E, ao mesmo tempo, tornou confortável a vida do homem moderno. E, assim — se está bem cônscio das coisas — pergunta o homem se o pensamento pode, sozinho, promover tal mudança — sendo o pensamento reação da memória, e esta a acumulação de experiência na forma de conhecimento. E pode esse saber, essa experiência, que é memória, realizar uma revolução radical em nossa mente e coração?

Vede, por favor, que aqui não está um professor a fazer uma conferência, que podeis ouvir indiferentemente, concordando ou discordando, aceitando o de que gostais e rejeitando o de que não gostais. Esta não é uma palestra desse tipo. Estamos aqui, como entes humanos, compartilhando os problemas da vida, empreendendo juntos uma viagem de exploração deste enorme e complexo problema do viver. Sois, por conseguinte, responsáveis pela maneira como escutais e pelo uso que fazeis do que escutais, porque, se ouvirdes com plena atenção (e isso só será

possível se fordes verdadeiramente *sérios*), vereis o enorme perigo em que vos achais e lhe dareis séria atenção. Mas, se escutardes com vossos preconceitos de católico, protestante, hinduísta ou budista, ou o que quer que sejais, então, não estareis escutando verdadeiramente. Só sereis capazes de fazê-lo, se não traduzirdes em vossa própria terminologia, ou segundo o vosso "fundo", o que se vai dizer. Não sei se alguma vez experimentastes olhar uma flor, uma nuvem ou uma árvore. Se o fazeis, estais olhando a flor, a nuvem ou a árvore, através das imagens que delas tendes? Se assim é, então não estais olhando realmente a flor, mas só as imagens que a respeito dela formastes. De modo idêntico, isto é, através da imagem, vos olhais uns aos outros; a esposa olha o marido com a imagem que dele formou, através de anos de vida marital ou não marital. E ele, por sua vez, formou uma imagem dela — imagem de prazer e de dor, de blandícias e satisfação sexual, de arrufos e insultos; sabeis como se formam essas imagens nas relações. Assim, sem a imagem, não olhais nem a flor, nem o marido, nem a esposa, nem vosso próximo — quer dizer, *nunca olhais!* Jamais olhais para uma flor ou uma bela estátua; tendes uma imagem, um símbolo, quereis saber quem fez a estátua, para então a admirardes. Assim, enquanto estiverdes ouvindo esta palestra, ficai escutando, não tenhais imagens! Vereis então que, se consagrardes de fato vossa mente e vosso coração, todo inteiros, a este problema, nada tereis que fazer, porque tudo estará pronto — uma enorme transformação se verificará.

Como dissemos, esta não é uma palestra para o intelecto exercitar suas habilidades de argumentação, sua opinião, seu julgamento. Estamos examinando com toda a seriedade este complexo problema do viver, o qual interessa a vossa vida e não à vida deste orador ou outra vida que ele porventura vos descreva. Trata-se de vossa vida, e vossa vida é responsável pelas guerras, pelas aflições e agonias de cada ente humano. E nossa questão é se há, ou não, possibilidade de mudança.

Há certas coisas que precisam ser levadas em conta, em relação a essa mudança. Primeiro, temos de descobrir o que significa "mudança". Eis outro problema muito complexo. Para a maioria de nós, mudança implica um processo gradual. Sou isto: violento — se de fato estou cônscio de minha violência — sou

violento e, gradualmente, dia por dia, me livrarei desta violência. Por isso, o homem inventou a ideologia da "não violência". Mas o fato é que sou violento, na minha vida, nas minhas ações. Sou violento no falar, no tratar as pessoas, nas minhas maneiras com elas, no meu modo de olhá-las. Sou violento da cabeça aos pés. Eis o fato, "o que é". E não sei o que fazer em relação a esse fato, como tentar a mudança e, assim, invento uma ideologia: não devo ser violento. E, dizendo que não devo ser violento, ou inspirando-me na ideologia da "não violência", espero tornar-me livre da violência. Há, assim, um intervalo entre o fato — *o que é* — e o que "deveria ser". Está claro? Ora, quando há essa ideologia do "deveria ser" — que é uma coisa totalmente diferente de "o que é" — começa o conflito da dualidade. E essa ideologia o homem a inventou como meio de fuga ao que *é;* o homem gosta de fugir. Na Índia, de norte a sul, prega-se incessantemente a "não violência, a ideologia. E aqui, na Itália, a mesma coisa se faz, à vossa própria maneira. Isso leva a uma grande hipocrisia, pois, se se evita o fato, *o que é,* não se pode deixar de ser hipócrita. Assim, as ideologias, como a "não violência", só levam a conflitos maiores.

Continuai a seguir-me, passo a passo, porque vou examinar esta questão da violência . Eu não sei o que fazer a respeito da violência. Sempre me ensinaram a não ver violento ou a achar razões para justificar a minha violência. A violência, afinal de contas, é nossa herança dos animais. Somos o produto dos animais e, com raras exceções, os animais são rapaces. Mas, o oposto de "o que é" gera sempre conflito; compreendei, por favor, este fato psicológico tão simples. Se o virdes, não intelectualmente, porém realmente, largareis todos os ideais e opostos e ficareis frente a frente com o fato, com *o que é.* Surge então a questão: É possível mudar *o que é?* E, se não há oposto, então "o que é" está certo? Deixai-me explicar mais completamente este ponto. Tenho raiva ou não gosto de uma certa coisa; isso é uma forma de violência. Há muita violência em mim, como ente humano que sou. Pois bem; se não sou o "oposto", como posso saber que sou violento? Estais percebendo? Conheço a violência só porque conheço a "não violência"? Muito importa compreender isso, porque vamos considerar a questão da mudança total, de como ficarmos completamente livres da violência, não só conscientemente, mas também no nível inconsciente. Por-

tanto, precisamos de muita clareza a este respeito. Se não tendes um oposto — a "não violência" — como podeis saber que sois violentos? Nós vivemos de palavras. Para nós, a palavra é a coisa verdadeira. Para um crente, a palavra "Deus" é de enorme importância. Mas, a palavra não é a coisa; a palavra "porta" não é a porta; a palavra "microfone" não é o microfone, um objeto que podemos tocar com as mãos. Entretanto, para nós, o símbolo se tornou a realidade; num templo, numa igreja, a imagem é para nós a realidade. Assim, ao considerarmos a questão da violência, devemos ver bem claramente se é, ou não, a palavra que nos faz violentos. Se temos o oposto, sabemos, por isso, que somos violentos? Mas, se não temos nem o oposto, nem a palavra, que é "violência"? Considerai, por exemplo, vossa própria violência (estou bem certo de que todos sois violentos, cada um a seu modo) e olhai-a! Esse estado de furor, de ódio, é resultado do oposto ou é despertado pela palavra, que é pensamento? Não podeis pensar sem a palavra, isto é, o símbolo; sem a palavra, não há possibilidade de pensar. Se nenhuma palavra tendes, nenhum pensamento tendes. O pensamento, por conseguinte, reconhece (pois pensamento é memória, etc.) o vosso estado como sendo de violência. Isto é simples. O pensamento, por meio da palavra, chama-o "violento"; mas o pensamento é sempre velho, jamais pode ser novo, pois pensamento é memória, experiência, conhecimento —não importa se tal memória, experiência e conhecimento é consciente ou inconsciente. Assim, o pensamento, que é sempre velho, reconhece a reação como "violência". Mas, pode o pensamento ficar em silêncio quando ocorre a reação de cólera?

Esta investigação exige muita meditação — assunto de que trataremos, talvez, noutra oportunidade. Como cristãos — crendo em certos símbolos e dogmas — fostes condicionados, através de dois mil anos, pela propaganda, tal como aconteceu na Índia durante cinco mil anos. Sois, por conseguinte, o resultado desse pensamento organizado. O problema, portanto, é este: Podeis olhar a vós mesmos sem o símbolo criado pelo pensamento? Porque, quando vos olhais *através do pensamento* (que é "o velho"), estais olhando a vós próprios segundo o velho padrão; por conseguinte, estais firmando mais e mais a tradição relativa ao que sois. Ora, podeis olhar-vos, podeis olhar isso a que destes o nome de "violência", prescindindo do mecanismo do pensamento? Isso

não significa adormecer ou ficar com a mente "em branco"; ao contrário, significa percebimento e atenção no mais alto grau.

Se me permitis perguntar, já alguma vez prestastes toda a atenção a alguma coisa? Atenção completa, isto é, com os olhos, com os ouvidos, com os nervos, com tudo. Nessa atenção existe pensamento? Quando prestamos toda a atenção (no sentido que estamos dando a essa palavra) ao sentimento que chamamos "violência", existe violência? Se me viestes acompanhando, não intelectualmente, porém realmente, servindo-vos do orador como um espelho em que vos vedes refletidos, então podeis ver que, quando se presta inteira a atenção a uma coisa, o pensamento está totalmente ausente; por conseguinte, a coisa se transforma completamente.

Como sabeis, estamos acostumados a mudar pela ação da vontade: quero fazer *isto*, quero transformar *aquilo*. Foi dessa maneira que nos ensinaram a tentar a transformação. Mas, a vontade é produto do desejo. Não estamos dizendo que o desejo seja "certo" ou "errado"; estamos olhando o fato. Quando olhamos o fato, não há julgamento: é o fato. A vontade resulta do desejo, que se fortaleceu e enrijeceu, e por meio da vontade esperamos mudar. Ao examinarmos a vontade — que é a essência mesma do desejo — vemos que na vontade está implicado o prazer. Conseqüentemente, dizemos que desejamos mudar, porque o outro estado é mais agradável, mais seguro. A vontade, pois, não é o meio de produzir a mudança, porque nela está implicado o pensamento, o desejo e o prazer. Nossa moralidade social, que é realmente imoral, baseia-se no prazer. Não sei se já notastes esse fato, tão evidente é. O pensamento, pois, não pode de modo nenhum mudar a mente humana, porque o pensamento é memória, o pensamento é sempre "o velho"; e a vontade é também sempre "o velho". Olhai este fato, examinai-o; fareis então vossos próprios descobrimentos. Os hábitos que temos cultivado por meio do pensamento, por meio da vontade, a fim de efetuarmos a mudança, são de todo em todo inúteis, porque tudo isso o homem já tentou. Que se pode fazer, então? Se nem o pensamento nem a vontade podem transformar a violência (é um fato comprovado, não uma teoria, que nem um nem outro jamais puderam promover uma revolução radical na mente humana) — que é então que pode transformá-la?

Espero me tenhais acompanhado até aqui, não abstratamente, porém concretamente. Para olharmos qualquer coisa precisamos ter olhos novos, olhos inocentes, olhos que vêem todas as coisas como que pela primeira vez. E, para compreenderdes a violência, deveis olhá-la de maneira *totalmente nova,* e não pela velha maneira. Para olhardes uma flor ou uma nuvem esplendorosa, necessitais de olhos límpidos, imaculados, olhos que viram e viveram milhares de experiências e, entretanto, livres de toda experiência; só então é possível *ver.* E só podeis ver totalmente, com olhos inocentes, quando há atenção completa. Ora, esta atenção não é produto da vontade. Não podeis dizer "quero estar atento", "quero devotar meu coração a esta atenção". Se o fizerdes, tereis introduzido o conflito na atenção. Mas, se realmente virdes, com vossos olhos, com vossos ouvidos, com vosso coração, com vossa mente, que só é possível operar-se uma revolução radical na própria psique quando se presta atenção completa a cada palavra, cada gesto, cada sentimento, a tudo, enfim, vereis então ocorrer uma mutação radical na mente e no coração; e ela ocorre sem nenhuma ideologia, nenhuma luta, nenhum esforço. Tal mudança é imediata, porque se viu claramente o perigo da violência.

Há outra questão a considerar, ou seja se o inconsciente, que é o resíduo de todo o passado, pode interferir na ação imediata. Bem sabeis que se está atribuindo desmedida importância ao inconsciente. Não sei porquê. Naturalmente, é moda, moda introduzida pelos analistas, pelos psicólogos. Mas, porque dar tanta importância ao inconsciente? O inconsciente é tão estúpido, tão trivial, tão cheio de absurdos como o consciente, porque o inconsciente é o passado, o resíduo da herança racial, e a mesma coisa é o cérebro consciente. E podeis varrer, com uma só vassourada, o inconsciente, quando sabeis, quando percebeis a grande importância de olhar as coisas sem a imagem, sem o passado; isso significa olhar sem medo. Apreciaremos a questão do medo na próxima reunião.

10 de março de 1968.

O MEDO

(Roma — II)

Na última reunião estivemos considerando o problema da violência. Dissemos que a violência não é apenas física, mas é também a atividade da pessoa não anônima; só a pessoa anônima é "não violenta". Também dissemos que não temos tempo para nos livrarmos da violência; isto é, a violência tem de desaparecer incontinenti. Examinamos mais ou menos extensamente esta questão.

Nesta tarde, talvez possamos investigar se o medo, em qualquer forma que seja, está relacionado com a violência. Vemos que, em todo o mundo, as pessoas temem. Esse medo tem sido nutrido pela cultura, pela sociedade em que vive o homem. Empregando a palavra "sociedade", temos em mente a religião, as condições econômicas, etc. Pode-se observar que, em todo o mundo, o medo sempre foi fomentado pelas religiões. Isso sempre se fez para controlar o homem, moldar a sua mente, porque, por meio da crença e do dogma, a Igreja pode dirigir todo o "processo" do pensar. Observando-se bem, pode-se ver que, basicamente, o medo se relaciona com a autoridade. "Autoridade" é uma palavra fortemente "carregada". Há a autoridade da lei, do policial, a autoridade da tradição, e a autoridade da experiência. E essa autoridade impõe-nos obediência. Obedecer é uma forma de violência; se o homem não tivesse medo de nada, não haveria necessidade nenhuma de obedecer; ele funcionaria sã e racionalmente. Mas, tal é o temor dos entes humanos, que todas as suas atividades são irracionais, contraditórias e "imitativas". Assim, para compreendermos realmente, e, por conse-

guinte, ficarmos livres da violência, precisamos entrar bem fundo nesta questão do medo.

O medo não é apenas reação das glândulas adrenais, mas também um processo psicológico. Para compreendermos o medo e dele nos libertarmos, não intelectualmente, porém de fato, temos de dispensar-lhe uma penetrante observação, de olhá-lo "bem de perto". Quando a mente — educada que foi numa cultura que aceita o temor como parte da vida com toda a sua violência — compreender o medo, teremos então, talvez, a possibilidade de ficar completamente livres dele, não só consciente, mas também inconscientemente. Para examinarmos esta questão do medo, temos de estar vigilantes, isto é, cabe-nos observar nosso próprio medo, não o medo de que nos falam, ou o medo do desconhecido, porém o medo que deveras sentimos. O medo não existe sozinho, não é um fato isolado; ele existe em relação com alguma coisa. De tantas coisas temos medo: medo do escuro, medo de errar, de não seguirmos a tradição e não podermos ajustar-nos à sociedade em que vivemos. Tememos a morte, tememos nossa mulher ou marido, etc. E, desse medo, nasce a violência. Vede, por favor, como outro dia dissemos, que aqui não estamos fazendo uma conferência; não estais apenas a escutar um orador, aceitando ou rejeitando o que ele diz, porém, sim, nós estamos investigando *juntos* o problema da violência e, portanto, o problema do medo.

Como já dissemos, cada problema está relacionado com todos os problemas dos entes humanos. Se pudermos compreender totalmente um só problema, veremos, então, que ele está relacionado com todos os outros problemas e a mente, por conseguinte, estará libertada de todos os problemas humanos. A liberdade é necessária, liberdade para investigar, olhar, observar; mas, nós não temos essa liberdade, não somos entes livres. Quanto mais progride a civilização, tanto mais detestamos a tirania e todas as formas de ditadura política.

A ditadura é um retrocesso, mas, e isso é que é estranhável, não temos objeção à ditadura religiosa. Aceitamos o sacerdote, o dogma, a tradição, os salvadores, os mestres, etc. etc.; isto é, temos medo, e, por isso, aceitamos a autoridade. Por conseguinte, compreendendo o medo, coisa muito complexa, compreenderemos a natureza e a estrutura da autoridade e nos tornaremos

a luz de nós mesmos, não dependentes de ninguém para dizer-nos o que devemos fazer. Isso é da maior importância, tendo-se em vista, principalmente, que o caos, a anarquia e a violência se estão tornando cada vez maiores no mundo. Quando a mente está confusa, desorientada, sem saber o que fazer, então, porque sentimos medo, apelamos para alguma espécie de autoridade — a autoridade de um sacerdote, de uma nova sociedade, a autoridade de um novo guru ou de um novo conceito teológico. Assim. é urgente a necessidade de compreendermos esse complexo problema do medo, porque a mente que teme é incapaz de pensar com ordem e precisão. A mente que sente medo está confusa, vive na escuridão. E quase todos nós temos medo, medo de adoecer, medo da velhice e da morte, medo da opinião dos outros, etc. É possível, pois, a um ente humano, que tem de viver neste mundo, ficar radical e totalmente livre do medo — "livre", não como idéia, como conceito intelectual, porém na realidade?

Que é o medo? Temos medo quando não há segurança física; se não temos garantida nossa próxima refeição, naturalmente sentimos medo. Assim, fisicamente, no sentido econômico, não haverá medo se a todo ente humano se garantirem alimentos, roupa e morada. Essa é uma necessidade básica do homem, uma necessidade absoluta. Mas essa segurança física é negada pelas divisões nacionais e religiosas, as barreiras nacionais, com seus governos e exércitos, etc. Deste modo, nega-se justamente o que é absolutamente necessário a todos os homens — comida, roupa e teto — e isso por causa das ditas divisões nacionais e religiosas. Não pode deixar de haver medo enquanto existirem essas diferenças ideológicas, porque elas impedem o que é essencial ao homem. Ao vos denominardes italiano, inglês, russo ou americano, esta mesma asserção nega vossa própria segurança. Tende a bondade de prestar atenção, porque, com essa divisão, ireis criar guerras, produzir mais violência e, por conseguinte, ficar privados da segurança. Quando virdes isso como um fato real, e não como uma teoria ou conceito intelectual, então já não pertencereis a nenhuma nação, nenhuma sociedade, nenhuma cultura; e isso já é uma tremenda revolução.

E há, também, os temores psicológicos, os temores externos e o medo de vos verdes incertos num mundo que se está tornando cada vez mais anarquizado, violento, inseguro. Não sei se per-

cebeis o que sucede no universo; neste País, podeis achar-vos relativamente seguros, economicamente, mas há uma civilização inteira, uma nação, a Índia, cujo povo se vê flagelado pela pobreza, pela fome, pela incerteza da próxima refeição. E haverá, inevitavelmente, um choque entre os que "têm" e os que "não têm". Tendes vossa parte de responsabilidade na guerra do Vietnã e cabe-vos, portanto, o dever de trabalhar para que sejam deitadas por terra as divisões nacionalistas. A união dos homens é que importa, e não a nação ou a família.

Surge, assim, a questão: É possível ao ente humano, vivendo neste mundo, libertar-se totalmente do medo? É o que vamos examinar. Libertação não significa "livrar-se *de* alguma coisa"; libertar-se *de* uma coisa é meramente uma reação. Se estou livre *da* cólera, isso não significa liberdade. A liberdade é um "estado mental" em que não há problema algum — sexual, individual ou coletivo. E, sem essa liberdade total, é inevitável a violência, porque liberdade implica a mais alta forma de inteligência. A inteligência não é um mero conceito, uma fórmula do intelecto.

Não sei se já observastes como os animais, quando aglomerados num pequeno espaço, se tornam extremamente violentos. Isso acontece porque lhes falta a devida "orientação". * Do mesmo modo, os entes humanos, quando têm de viver juntos num espaço confinado, se tornam necessariamente violentos. Há, pois, necessidade de liberdade, tanto exteriormente como interiormente, isto é, necessidade de espaço livre. Deste ponto trataremos mais adiante.

Assim, tem o homem a possibilidade de ficar totalmente livre do medo? E, que é o medo? Existe ele no passado, no presente ou no futuro? Sei que tive medo ou sei que tenho medo ou terei medo? Existe uma coisa tal como *medo direto,* ou quando sabeis que tendes medo, esse medo já não é passado?

Peço-vos seguir-me passo a passo, para verdes a necessidade de compreender claramente o tempo, porquanto, sem a compreensão da estrutura do tempo, não teremos possibilidade de compreender o medo. Ora, como sei que tenho medo? No momento

---

(*) *Orientation:* (Psicologia) percebimento da situação real, em relação ao tempo, lugar e pessoas (Dic. Webster).

em que me vejo frente-a-frente com um perigo, estou cônscio do medo, ou a reação ao perigo é tão direta que não há medo nenhum? A reação é direta. Quando vedes o perigo do nacionalismo a espalhar-se mais e mais pelo mundo, quando o *vedes,* não teoricamente, mas realmente, há então uma reação direta a esse perigo e, por conseguinte, estais livres do nacionalismo — porque percebeis claramente que ele é uma ameaça à segurança do homem.

O medo, pois, é produto do pensamento, não achais? De outro modo, não há medo. Estais-me acompanhando? O medo está relacionado com o prazer, e o prazer, tal como o medo, é produto do pensamento. Como já disse, não estou fazendo uma preleção analítica. A análise, por mais profunda e hábil, não resolve nenhum problema. A análise é meramente uma descrição de "o que é", e nós não estamos analisando, porém puramente observando. Muito importa compreender isto, ou seja a arte de olhar, a arte de ver. Estamos vendo o medo, escutando o medo, todos os seus sussurros, não teoricamente, porém realmente? Se pudéssemos ver o medo com olhos bem límpidos, o medo acabaria imediatamente. É o que estamos fazendo. O medo, como dissemos, é produto do pensamento. Ontem, eu estava com saúde e gostei de passear pelos bosques, mas hoje, ou amanhã, poderei cair doente. Examinemos *juntos* este ponto. Deixai-me sugerir que não fiqueis apenas a ouvir, mas tratai de observar e de agir dentro de vós mesmos. Ontem, o pôr do Sol estava maravilhoso e deu-me imenso deleite. Ficou-me a memória desse prazer e eu desejo a sua repetição; se ele não se repete, sinto medo. Tudo isso faz parte do pensamento. Tenho medo da morte, do amanhã, e dos muitos amanhãs vindouros. O pensamento está observando o fato do viver — isso que ele chama "viver" — e também o fato de que o viver terá fim, e, assim, fica com medo da coisa a que chama "a morte". Conseqüentemente, ele afasta a morte para bem longe de si. Isto é bem óbvio, não? O pensamento cria a distância, assim como cria o tempo; portanto, ele gera medo.

No mundo cristão, há a doutrina do pecado original (o que quer que isso signifique) e, em toda a parte, os cristãos foram condicionados, pela propaganda, para crer nesse pecado original. E, naturalmente, ele tem gerado muito medo. Esse pecado original é uma invenção do pensamento e, portanto, o pensamento

é o responsável por aquele temor. O fim do medo, por conseguinte, virá com a compreensão de toda a estrutura e mecanismo do pensamento. Direis, sem dúvida, que, se o medo cessar, o pensamento também deverá cessar; mas nós não estamos dizendo que o pensamento deve cessar, mas, sim, que ele é o responsável pelo medo, e isso é bem óbvio.

É chegado, pois, o momento de começarmos a investigar a natureza do pensamento. Para compreenderdes — não intelectualmente, a estrutura do pensamento, deveis olhá-la tal como se olha uma coisa concreta e, então, se a tiverdes penetrado bem, percebereis que o pensamento começará a compreender que ele próprio é a origem do medo, e atuará sobre si mesmo. Isso vós o vereis se o investigardes a fundo, juntamente com o orador. O pensamento é produto do tempo, e o tempo é memória, conhecimentos acumulados através de muitos dias, de muitos "ontens", de muitas experiências. Dessa acumulação de conhecimentos, de experiências, de lembranças, vem uma reação que é pensamento, e pensamento é matéria. A mente que tem interesse em transcender o concreto, o material, deve compreender o pensamento. O pensamento gera tristeza, assim como gera o prazer. Tivestes ontem uma experiência — sensual, sexual, ou outra — e essa experiência vos deixou uma marca na mente, no cérebro. Pela palavra "mente", entendemos não só todo o sistema nervoso, as células cerebrais, mas também a totalidade da inteligência humana, suas atividades, temores, pensamentos, desesperos e ansiedades. Tudo isso está incluído quando empregamos a palavra "mente".

Enquanto o pensamento estiver a buscar o prazer, haverá necessariamente medo, porque o prazer produz dor. Examinemos ligeiramente este ponto, e então *vereis* por vós mesmos. Tende a bondade de prestar toda a atenção, porque se trata de vossa vida, e não da minha! Vós e eu, justamente, estamos criando este mundo terrível, causando tanta destruição, tanta aflição; somos responsáveis por tudo isso. E, se não compreendermos a natureza desse pensamento, com seus prazeres e dores, seus temores e tristezas, continuaremos a produzir, no mundo, um tremendo caos, com nossas ações, nosso egoísmo e nossa violência. Como dissemos, o pensamento gera prazer. Ontem tivestes uma experiência que vos proporcionou prazer e, desejando a repetição desse prazer, nele ficais pensando. E, quanto mais

pensais no prazer derivado daquela experiência, tanto maior ele se torna. Pensamos também na dor, e não desejamos essa dor. O pensamento, por conseguinte, cria tanto o prazer como a dor e dá-lhes continuidade. Não é exato? E o medo é também gerado pelo pensamento. Temo o amanhã; não sei o que acontecerá — posso perder o emprego, adoecer e não ter possibilidade de me preencher, posso morrer. Desejo compreender esta vida monstruosa, e ninguém ma pode explicar; estou como que perdido numa floresta, com medo, e preciso de alguém, de uma autoridade, para me mostrar o que devo fazer.

O pensamento, pois, cria o medo do amanhã — sendo o amanhã a morte. Na realidade, se observardes, não existe amanhã. Se, psicologicamente, tivésseis de enfrentar esse fato, sentiríeis um medo enorme, porque o amanhã, no sentido psicológico, vos é sobremodo importante. O amanhã irá proporcionar-vos muitos prazeres, ireis pintar um quadro melhor, compor música com mais sensibilidade, reconciliar-vos com vossa esposa ou marido. Para vós, portanto, o amanhã é bem significativo. Mas, psicologicamente, existe realmente o amanhã, ou foi o pensamento que o inventou? E, se não há medo, não há amanhã; vive-se então com aquele senso de inteireza, sempre no presente.

Para compreenderdes o presente, deveis compreender a natureza do tempo, que é o ontem com todas as suas memórias, que é cultura e tradição, que é hoje e amanhã. Não se pode viver totalmente, completamente, no presente, quando existe a imagem do passado ou o conceito do futuro. Viver no presente só é possível quando há amor, e o amor não tem um amanhã, um futuro — serei feliz amanhã.

O pensamento, como vimos, cria o medo; o pensamento dá continuidade ao desejo como prazer. O pensamento reúne o ontem, o hoje e o amanhã, como tempo. É assim que estamos vivendo. E, além disso, desejamos a imortalidade, por meio de nosso filho, de nossa família, de nossas idéias. O medo gera a autoridade e a obediência; e essa obediência, seja a do filho aos pais, seja a da esposa ao marido, é violência, porque nela estão implicados o medo e a dependência.

Um dos principais fatores do medo é a morte; quanto mais idosos ficamos, tanto mais tememos a morte. Sabeis o que está acontecendo no mundo; os velhos se estão fingindo de jovens

porque temem a velhice, a doença e a morte. Por conseguinte, para nos libertarmos do medo, cumpre-nos compreender a morte. E, se não compreenderdes a morte, não tereis nenhuma possibilidade de saber o que é o amor e a beleza. Nós não conhecemos o amor; só conhecemos o ciúme e o prazer, e a beleza criada pelo homem. Estamos falando sobre a beleza, dando a esta palavra um sentido totalmente diferente. Por conseguinte, devemos compreender, não intelectualmente, porém realmente, o que significa *morrer*. É só quando uma coisa tem fim que pode haver um novo começo. O que tem continuidade prossegue dia após dia, semana após semana, e essa repetição contínua se torna cansativa, enfadonha. Só o que acaba tem possibilidade de tornar-se novo. A inocência, afinal de contas, não é um símbolo: é uma realidade, um fato. Só a mente inocente pode ver com clareza, pode ver o novo. Podeis ter olhado centenas de vezes para a flor que viceja à beira da estrada, mas se a mente e os olhos da mente não forem "inocentes", não tereis nenhuma possibilidade de ver a beleza total, a total "novidade" daquela flor. O que tem continuidade, pois, não pode, em circunstância alguma, ser inocente.

A crença, por conseguinte — peço-vos atenção para isto — destrói a inocência. A crença resulta do medo. Há muito pouca diferença entre crer e não crer em Deus; tanto uma como a outra coisa são resultados de vosso condicionamento. Sois condicionados para crer em Deus, e o comunista é condicionado para não crer. Mas o crente e o não crente têm sua própria continuidade e, por conseguinte, não há "inocência" para descobrir o que é a Verdade. Só há inocência quando cessa toda a memória psicológica; dela provém uma dimensão totalmente nova. A morte, afinal de contas, é um fato; todos morreremos — quer nos agrade, quer não — de doença, de acidente ou naturalmente; isso é inevitável. Talvez algum cientista ainda venha a descobrir uma droga que nos faça viver cinqüenta anos mais, mas nossa vida continuará na mesma desordem. A morte, pois, é inevitável. Pelo desgaste, pelo conflito, pela luta constante, o organismo físico se consome. A pressão e a tensão emocionais gastam o coração mais depressa do que a própria atividade física. Há, pois, a morte física.

Existe alguma outra forma de morte? Vejamos. Como quase todo o mundo, sois educados para crer numa alma, numa

entidade espiritual constante; isto é, ressuscitareis. E, na Ásia, crê-se na reencarnação; quer dizer, crê-se que renascemos e tornamos a renascer até nos tornarmos perfeitos. E, alcançada a perfeição — mediante sucessivos renascimentos e milhares de experiências — estaremos em união com "não-sei-o-quê". Esse, o conceito da reencarnação. Vós, também, tendes um conceito semelhante, só que o formulais de diferente maneira. Ora, no fundo desses conceitos está o medo, senão como "saberíamos" que existe uma coisa permanente, tal a alma ou, como a chamam os hinduístas, *atman,* dentro em vós? Como *sabeis* que existe em vós uma coisa permanente? Existe, de fato, alguma coisa permanente? Examinai isso, esquecendo vossa própria crença. Vossa relação com quem quer que seja é permanente? Vossos pensamentos não estão a variar todos os dias, ora modificando-se, ora acrescentando-se? E vosso organismo físico não passa por enormes mudanças a todo instante? Por conseguinte, é necessário indagar se de fato existe alguma coisa permanente. Todavia, é essa coisa permanente que a pessoa está sempre a buscar; porquanto, diz ela: "Se eu morrer amanhã, para que terei vivido? Deve haver uma coisa permanente, eterna, indestrutível! Mas, se observardes bem fundo — psicologicamente — descobrireis que não há nada permanente — nada! Não importa o quê — vossos pensamentos, vossas relações, vossas idéias e ideais, vossos deuses — nada permanece. Em nosso íntimo bem o sabemos, e temos medo. Assim, inventamos outro deus e dizemos que não podemos viver sem a esperança — quando, em verdade, só conhecemos o desespero. Em razão desse desespero, nos tornamos rezingueiros, ríspidos, duros, brutais e violentos. E vemos então que essa coisa que imaginávamos permanente é o próprio pensamento. Foi o pensamento quem disse que há uma alma permanente, uma entidade permanente que irá evolvendo, tornando-se mais bela, até alcançar a perfeição. Dessarte, a alma, o *atman,* é produto do pensamento, mas o fato é que não há nada permanente. Ao olhardes de frente esse fato, ele não cria desespero. Ao contrário, é só quando não o olhamos que há a esperança, o medo e o desespero. O pensamento, pois, cria o medo da morte, porque pensais que as coisas insignificantes que possuís são permanentes. Tendes medo de largá-las, de morrer todos os dias para vossa casa, vossa família, vossa mulher, vossos filhos, vossas relações com vosso marido, para tudo aquilo a que o pensamento

está apegado, como "eu" e "meu". E morrer para tudo isso, todos os dias, é uma renovação total.

Em nossas últimas reuniões, dissemos que as relações entre os entes humanos baseiam-se em imagens; o marido tem uma imagem relativa à esposa, e a esposa tem uma imagem relativa ao marido. Essas duas imagens — que são memórias e nenhuma realidade têm, exceto como lembranças — estão relacionadas. Há entre elas uma relação, mas, se morrermos para todas as imagens, essa relação terá um significado inteiramente diferente, tornar-se-á uma relação direta, viva, em constante mutação. Isso não significa que me ponho a perseguir outra mulher ou outro homem. Relação é movimento; não é algo estático, baseado numa imagem denominada minha mulher, meu marido, minha família. Quando a relação é entre duas imagens, torna-se destrutiva e cheia de conflitos. Temos, pois, uma imagem relativa à morte; a coisa conhecida e a coisa desconhecida. Em verdade, temos medo de abandonar o conhecido, e não de enfrentar o desconhecido. Não podemos temer o desconhecido, porquanto não sabemos o que ele é. Só se pode conhecer o desconhecido quando se está livre do conhecido. Portanto, temos de morrer para tudo o que fabricamos psicologicamente, interiormente, "debaixo de nossa pele", por assim dizer — para essa estrutura de experiência a que a mente está apegada com todas as forças. Esta é a morte *real*, e não o perecimento do organismo físico: morrer psicologicamente para tudo o que conhecemos. Já tentastes fazê-lo? Naturalmente, nunca o fizestes. Morrer para um dado prazer, para uma lembrança deleitável, fascinante, sem discussão, sem "motivo" — largá-la, simplesmente. Fazei-o, uma vez, e vereis o que acontece: o medo de possuir uma mente em constante renovação. Que é essa coisa chamada "vida", a que tendes tanto apego? Olhai realmente, e não imaginária ou intelectüalmente, essa coisa que chamais "viver"! Alguma vez a examinastes? Se o fizestes, deveis saber que, do nascer ao morrer, a vida é um campo de batalha, com fortuitos lampejos de alegria e felicidade. Uma interminável batalha, abundante em ambição, comparação, inveja e ciúme, luta pelo poder, a posição, o prestígio, a fama. Eis o que chamais "viver". E tendes medo de largá-lo; preferis continuar agarrados a essa existência cheia de fealdade, violência e confusão, a tentar descobrir por vós mesmos se tendes possibilidade de libertar-vos do conhecido. Só a mente

"inocente", só a mente nova pode libertar-se do conhecido, e não a velha mente, com milhares de experiências a nela se despejarem sem cessar, consciente e inconscientemente. Quando estais fora de casa, a esperar um ônibus, a ver gente, a contemplar o céu ou um belo poente, ou quando vedes um pássaro a voar, uma nuvem que passa — todas essas coisas vos deixam uma marca na mente. E só a mente que está livre da experiência pode ser inocente.

Pensamos que a experiência é necessária. Duvido que o seja. Como entes humanos, temos vinte e cinco ou trinta milhões de anos de experiência. Historicamente, nos últimos cinco mil anos, houve doze mil guerras — quase três guerras por ano! Passamos por tristezas, doenças, confusão, aflição, dolorosa solidão, separações, "sentimentos de culpa", e agonias. Após tantas experiências, aprendemos alguma coisa? A mente é casta, virgem? Tecnologicamente, cientificamente, podemos aprender da experiência, mas, psicologicamente, a experiência não nos ensina nada.

Assim, só a mente que está libertada do conhecimento, que está todos os dias a morrer e, por conseguinte, a renovar-se, tem a possibilidade de compreender tudo o que se relaciona com o tempo, o medo, o prazer e a tristeza. Só essa mente pode ver o que é a Verdade. A Verdade não é uma palavra, não é um conceito, não é vossa verdade e minha verdade, a verdade cristã e a verdade muçulmana. A Verdade, como o Amor, não tem nacionalidade, pois, para se poder amar e ver a Verdade, não deve haver ódio, nem ciúme, nem separação, nem cólera. Portanto, temos de morrer para tudo isso, para tudo o que chamamos "viver", porque então, e só então, encontraremos aquela dimensão em que o tempo não existe.

12 de março de 1968.

LIBERDADE INTERIOR

(Roma — III)

Desejo considerar um problema muito complexo, que requer profunda penetração e exame. Penso que seria de grande importância examinarmos juntos esta matéria. Como outro dia dissemos, a coisa mais importante é a ação, e não palavras, teorias e crenças — isto é, descobrir qual a ação que se deve empreender, num mundo onde há tanta desordem e violência, e tantas forças de poder destrutivo.

Há muitas explicações para o surto de anarquia que se está observando em todo o mundo, mas nem no Oriente, nem no Ocidente, ninguém o organizou; não há nenhuma organização central a instigar os estudantes à revolta: essa revolta nasceu espontaneamente. Há, também, a guerra no Vietnã, que naturalmente não atinge este País, mas atinge a América e todo o Oriente. E o que quer que sejais — italiano, inglês, russo, americano ou vietnamita, por essa guerra, por toda e qualquer guerra, sois individualmente responsáveis. Mas, não parecemos sentir verdadeiramente essa responsabilidade. Além da crise humana, há também na vida cotidiana a crise econômica. Por conseguinte, há enorme desordem em nossa vida. Essa desordem resultou da separação das nações, das divisões religiosas, um dado grupo a crer numa certa ideologia, outro grupo a não crer nela, uns a se denominarem cristãos, outros hinduístas, muçulmanos, etc. Vêem-se, pois, em ação, essas forças destrutivas. Esse é um fato perfeitamente óbvio, não importa se credes ou não credes nele, se o admitis ou não admitis. Eis as causas fundamentais desta nossa existência caótica; portanto, que pode um ser hu-

mano fazer? Não podemos ficar eternamente a descrever causas, e a buscar as causas mais profundas deste caos, desta aflição, confusão e sofrimento; o processo descritivo ou analítico nunca resolveu problema algum, e, assim, acho que devemos considerar esta questão de um ângulo bem diferente.

Como antes dissemos, todos nós estamos fazendo uma viagem juntos; estamos todos, tanto vós como este que vos fala, trabalhando juntos. Não é apenas o orador que ficará dando explicações para vós as ouvirdes e com elas concordardes ou delas discordardes: estamos, sim, trabalhando juntos, esforçando-nos por descobrir um caminho que não leve a mais confusão, mais desordem e maiores sofrimentos. Sois, pois, responsáveis pela maneira como ouvis, e pelo que ireis fazer depois de ouvirdes.

Há necessidade de ordem, não apenas na vida de cada um de nós, mas também ordem exterior, no mundo econômico e bem assim em nossa vida intelectual e moral. A Matemática, afinal de contas, é a ordem absoluta, e não desordem *mais* uma pequena porção de ordem. E, quanto maior o problema, tanto maior deve ser a ordem de que necessita a mente para ser capaz de examinar, de observar — sem preconceitos, sem opiniões, sem pensamento condicionado — *o que é.* Isto é dificílimo para a maioria de nós: ver realmente *o que é,* e não o que achamos "deveria ser". Há muita desordem no mundo, e que pode fazer um ente humano que tem de viver neste mundo de sofrimento, de caos e confusão? Esta é, com efeito, a questão principal: que pode fazer um ente humano que tem de viver neste País, vendo toda a desordem criada pelo militarismo, pelos políticos e sacerdotes, por indivíduos egoístas, arrogantes, brutais e violentos? Vendo toda essa desordem, que podemos fazer, vós e eu? Não sei se já fizestes a vós mesmos esta pergunta, não indiferentemente, porém com toda a seriedade, porquanto só o homem sério, atento, está realmente vivo; não o observador superficial ou indiferente, nem o observador curioso, intelectual, porém só o homem verdadeiramente sério. Não digo "sério" em obediência a um certo padrão de crenças e dogmas; essas crenças produziram o caos no mundo. E nós temos de ser sérios, porque nossa casa está em chamas, não a casa de outro, porém nossa própria casa. Temos de ser refletidos, para tratarmos não só de apagar o incêndio, mas também de construir uma casa dife-

rente, que não possa incendiar-se a qualquer hora. Isso significa que temos de viver uma vida de absoluta ordem interior, uma vida sem guerras, sem medo. E nós vamos investigar essa ordem interior — e ainda outra coisa muito mais importante.

Desde o começo dos tempos, pelos séculos em fora, o homem sempre buscou uma certa coisa que deve achar-se além da monótona rotina da vida de cada dia, uma coisa que o pensamento jamais atingiu e que não é produto do tempo. A essa coisa se tem chamado "Deus", se têm dado inúmeros e diferentes nomes, mas parece que pouquíssimos a alcançaram. Entretanto, todas as vezes que ela foi encontrada, alguns indivíduos muito sagazes trataram de organizá-la e, desse modo, a destruíram.

Conta-se que, um dia, o diabo passeava pela rua com um amigo. De repente, este apanha uma coisa da calçada, examina-a e diz: "Achei a Verdade. Ei-la!" E o diabo responde: "Eu vou ajudar-te a organizá-la." Todo o mundo tem tentado organizar a Verdade e, conseqüentemente, acaba por destruí-la. Assim, tem o homem a possibilidade de descobrir algo, de encontrar aquela realidade atemporal, imensurável, sem nenhuma ilusão — não como "experiência", ou uma fórmula, idéia ou conceito, porém como uma realidade? Porque, se não descobrirmos essa coisa, a vida será vã, sem significação. O homem pode ser competente, possuir muitos bens, viver regaladamente, tornar-se famoso, mas, se não encontrar essa coisa suprema, sua vida será superficial, vazia, insignificante. E, percebendo esse estado, essa falta de significação, começa o homem a inventar deuses com o nome de pátria, de partido, e os deuses das igrejas, dos templos, etc. Assim, temos possibilidade de alcançar essa coisa suprema que não se encontra em nenhuma igreja, nenhum templo, nenhuma mesquita? Para descobri-la, para alcançá-la, necessita-se, em primeiro lugar, de ordem, de absoluta ordem interior, e essa ordem, que é virtude, é negada quando não se rejeita totalmente a moralidade social. Nessa total rejeição da moral social, há moralidade. Compreendei isso, por favor! A moral social não é moralidade nenhuma. A moralidade social, de qualquer País, produziu este extremo caos no mundo, e o homem que vive nesta cultura — embora exteriormente tenha maneiras muito polidas, exerça com competência suas funções, freqüente a igreja e os templos — é forçado

a competir, a ser invejoso, brutal, ávido e violento. Interiormente, ele é imoral, e esse estado interior está produzindo a desordem exterior; conseqüentemente, a moralidade que o homem tem cultivado, e que produziu o caos, não é moralidade. A ordem é a culminância da virtude e, por conseguinte, é liberdade. Não há virtude sem liberdade, sem se estar livre da imitação, do medo, da autoridade. Já examinamos, há dias, a questão do medo, investigando se é possível nos livrarmos dessa tremenda carga; portanto, não há necessidade de a considerarmos novamente agora. Se não estamos totalmente livres do medo, não vejo possibilidade de sermos virtuosos. Certamente, o estado de ordem, que significa estado de virtude, não é um processo de imitação.

Que significa "ser virtuoso"? Eis um problema bem complexo. Se é meramente um hábito, uma repetição do que "devia ser" e, por conseguinte, uma movimentação do que "devia ser" para estabelecer uma tradição, um costume — não é, decerto, virtude, porém uma coisa mecânica, sem significação O hábito, pois, não importa se bom ou mau, não é virtude; e a mente está acostumada a seguir a rotina do hábito e da tradição. Cultivando essa rotina, a sociedade ficou funcionando pela força do hábito e, portanto, sem liberdade. A virtude, pois, acompanha a liberdade, e precisamos compreender a pleno o significado da liberdade. A ordem é necessária, ordem interior, absoluta, completa, e essa ordem não é possível quando não há virtude, o produto natural da liberdade. Mas, liberdade não é cada um fazer o que quer, e tampouco é revoltar-se contra a ordem estabelecida, adotar uma atitude de *laissez faire,* * ou tornar-se *hippy.* Só nasce a liberdade ao compreendermos, não intelectualmente, porém realmente, a nossa vida de cada dia, nossas atividades, nossos hábitos de pensamento, nossa brutalidade, nossa insensibilidade e indiferença, isto é, quando estamos realmente em contato com nosso colossal egoísmo.

Isso significa, também, estarmos inteiramente livres da autoridade. A compreensão deste ponto requer muita explicação. A autoridade da lei, do policial, é obviamente necessária, senão não poderíamos estar aqui reunidos, nesta manhã. Mas, afora a lei,

(*) Locução francesa que significa, aproximadamente, "Deixem-nos em paz!" (N. do T.)

representada pelo policial, há outra autoridade, uma autoridade interior, e, se existe, que necessidade há dela? A palavra "autor" significa "aquele que criou alguma coisa"; não me refiro ao escritor, porém ao iniciador de uma idéia, de um conceito, de uma maneira de vida, do que "não deve ser", do que é "certo" e do que é "errado"; e, de acordo com as sanções dessa autoridade interior, o homem formou um padrão de conduta. E, visto que temos medo, tornamo-nos seguidores; é o medo e a autoridade do que "foi" que nos fazem obedecer.

Permiti-me sugerir-vos que escuteis atentamente o que vou dizer. Se a mente não estiver livre de todo condicionamento, haverá inevitavelmente desordem. Se estou condicionado como hinduísta, budista ou muçulmano, então toda a minha atividade está restrita a esse condicionamento, a essa limitação. E "autoridade" *é* condicionamento — a autoridade de uma crença, a autoridade derivada do poder e da segurança da Igreja, ou da posição privilegiada que se alcança nos altos negócios. Pode, pois, a mente libertar-se da autoridade do "ontem"? Isto é, nós somos o resultado do passado, o resultado de milhares de experiências. Influências sem conta condicionaram o homem, e o passado, "o que foi", se tornou a autoridade, a tradição. "O que foi" dita também o que devemos fazer amanhã. Autoridade não significa apenas a necessidade externa de ordem, mas também a exigência interior de completa segurança. O desejo de estar psicologicamente em segurança condiz com o padrão do passado e, por conseguinte, cria a autoridade.

Espero que isto esteja mais ou menos claro. Se não está, sinto muito, porque não temos tempo para examinar mais profundamente esta matéria. Esta é uma das coisas mais absurdas — não ter tempo; o tempo não nos faz compreender, nem tampouco as explicações. É o ver a verdade acerca de uma coisa que nos faz agir imediatamente — e não todas as palavras deste mundo. A mente tolhida pela autoridade interior, de qualquer espécie, impede a ordem, e a experiência não produz ordem nem liberdade; muito ao contrário. O homem já teve a experiência de cinco mil anos de guerras, de matanças por meio de armas cada vez mais eficientes, mas, basicamente, essa experiência não lhe ensinou nada, a não ser, talvez, na periferia, com a obtenção de certas vantagens e a aquisição de novas técnicas. Ele continua violento, brutal, pronto a matar por qualquer motivo.

Todos nós temos experimentado tristezas — a morte de alguém, a dor da solidão, a ansiedade; temos conhecido a enorme incerteza da vida e, ao mesmo tempo, desejado que a vida se torne segura; e a vida nunca se tornou segura. A vida é um movimento de relação, mas nessa relação desejamos a segurança e algo de permanente. A experiência, pois, não nos ensinou coisa alguma; experiência significa "passar por uma certa coisa", * quer dizer, *atravessá-la* e dá-la por terminada; e não se pode dar por terminada uma experiência se ela deixa uma marca, uma sombra, uma impressão na mente. Se deixa uma impressão, então a próxima experiência é traduzida consoante a pretérita experiência; tudo isso é bastante claro e simples. A experiência, pois, só tem o efeito de tornar mais forte "o que foi" e, em nenhuma circunstância, pode dar liberdade. A mente que há tanto tempo obedece, que aceitou a autoridade, que se tornou imoral, não pode possuir nenhuma espécie de virtude; a virtude só se torna existente quando não existe conflito e há amor. Mas nós, entes humanos, não temos amor; só temos ciúme, inveja e ódio.

Como dissemos da outra vez, o amor, por certo, não é prazer; o prazer é produto do pensamento, por ele nutrido e repetido constantemente, mas o amor é coisa muito diferente e só pode ser encontrado quando se está livre da cólera, do ciúme e da violência. Precisamos libertar-nos desse processo mecânico de construir imagens em nossas relações. Como sabeis, toda relação — com a esposa, o marido, o amigo, o patrão ou outro qualquer — depende da imagem que criamos. Obviamente, há uma imagem entre vós e vossa esposa; ela tem uma imagem de vós, e vós tendes uma imagem dela, formada através de muitos anos de prazeres e de dores, arrufos e irritações. A atividade egocêntrica de cada um, nesse estado de relação, criou uma imagem, e as duas imagens, e nada mais, é que estão em relação! Mas, o amor não é produto do prazer ou do pensamento e, portanto, não pode ser cultivado; como a virtude, ele não pode ser fabricado pelo pensamento.

Não sei se já considerastes o que é a humildade. A humildade, tal como a austeridade, não é uma coisa que se pode cultivar, dia após dia, para, depois, dizer-se "Aprendi a ser humilde".

(*) *Go through:* Percorrer do começo *ao fim.* (Cf. Dic. Webster) (N. do T.).

Se, entretanto, estais empenhados em adquirir poder, em alcançar do não há buscar ou conquistar, isto é, quando estais vivendo inteiramente no presente, que encerra a totalidade do tempo. Se, entretanto, estais empenhados em adquirir poder, em alcançar posição, em nome de Deus, em nome da Igreja, em nome do Governo, ou tentando dominar, em todas as vossas relações, sejam as relações íntimas de família, sejam as relações comerciais, então, obviamente, não pode haver humildade. A humildade, como a inocência, só se torna existente quando a mente está de todo quieta; e a ordem, uma coisa absolutamente necessária, só é possível se temos liberdade, ou seja amor. A gente quase não ousa pronunciar esta palavra "amor", porque todos a usam. Ouvimo-la na igreja, no rádio, no cinema, e nos discursos dos políticos. Fala-se em amor divino e amor humano, amor por um e amor por todos, destruindo-se, assim, a beleza, a plenitude, a profundeza, a significação dessa palavra.

Ora, é possível amar — que é a verdadeira base de toda a virtude e, por conseguinte, da ordem? Vivendo neste mundo monstruoso, temos alguma possibilidade de amar sem inveja, sem ciúme, sem brutalidade? Isso, decerto, só se torna possível ao compreendermos por inteiro o prazer. Para nós, com as coisas como estão, amor é prazer e, percebendo isso, o homem inventou o amor de Deus, que ele diz não ser prazer, mas que, em verdade, o é. Quando se está livre do medo, completamente, em todo o nosso ser, no nível inconsciente e bem assim no consciente, quando não há um grão de medo em parte alguma, não há então buscar. A própria mente é, então, inteligência no mais alto grau e, por conseguinte, virtuosa. Ordem e liberdade e, portanto, virtude e amor, são as bases que nos permitirão ir mais longe, as bases sobre as quais podemos edificar.

Tendo lançado a base, não como idéia, não como conceito, não como abstração, porém na vida real de cada dia, podemos começar a investigar se existe "alguma coisa mais", uma coisa indestrutível; e, para descobri-la, ou, melhor, encontrá-la, precisamos compreender a meditação. Peço desculpas por introduzir essa palavra, também estragada por aquelas pessoas há pouco chegadas do Oriente com suas falas sobre meditação.

Como deveis saber, a menos que a mente esteja bem quieta, não pode ver coisa alguma; este é um simples fato psicológico.

Se desejo ver-vos, ou vós desejais ver-me, realmente, fisicamente, nossa mente deve estar muito quieta; não pode estar a fazer barulho ou a entreter-se com imagens, opiniões, juízos; deve estar absolutamente quieta — e a maioria de nós não sabe, sequer, o que significa essa palavra ou o que atrás dela se esconde. Temos a impressão de que deve haver uma certa espécie de tranqüilidade mental. Afinal de contas, se, como espero, estais escutando este orador, tendes de prestar atenção, isto é, vossa mente não deve estar lá fora jogando golfe, não deve estar a perguntar a si própria o que o orador entende por "isto" ou por "aquilo". Vossa mente não só deve estar quieta, mas também atenta. E, quando atenta, ela está "intensa" e há, por conseguinte, comunhão entre o orador e vós, uma comunhão também intensa. No Oriente, e pela Ásia toda, pratica-se uma coisa a que chamam "meditação". Lá, se vêem homens pobres, andrajosos e desnutridos, sentados debaixo de uma árvore, a meditar, o corpo completamente imóvel; isso se vem fazendo há milhares de anos. Nessa suposta meditação, não há ordem, no sentido que damos a essa palavra, a ordem que vem quando se está livre da tradição, da imitação e do medo; só há ajustamento a um padrão. Os que meditam desejam experiências mais amplas e mais profundas, que se podem facilmente conseguir por meio de drogas psicodélicas que expandem a consciência; mas tal expansão é ainda condicionada. A meditação, por conseguinte, é coisa muito diferente, e a menos que haja a base da ordem, da liberdade e do amor que jamais conheceu a brutalidade, ela não é possível. Então a mente se torna meditativa e, por conseguinte, inteiramente quieta, sem desejar prazeres, experiências ou visões. Visões, tais como as do cristão que vê Cristo ou do hinduísta que vê Krishna, são muito facilmente explicáveis: são projeções do condicionamento da mente. Do mesmo modo, os comunistas têm sua visão do "Estado perfeito" ou do que o indivíduo deve ser, segundo seu condicionamento. É relativamente fácil ter visões, não importa se do Cristo, do Buda ou de Krishna, mais essas visões, em verdade, não têm significação nenhuma; resultam de vosso próprio estado psicológico. Quanto mais tiverdes dessas visões, tanto mais enredados e condicionados estareis. Portanto, nada disso é meditação.

Meditação é o silêncio da mente; mas, nesse silêncio, nessa intensidade, nesse estado de total alertamento, a mente já não

é a sede do pensamento, porque o pensamento é tempo, o pensamento é memória, o pensamento é conhecimento. E, quando se acha de todo quieta e sobremodo sensível, a mente pode começar uma viagem eterna, sem limites. Isso é meditação, e não aquela estúpida repetição de palavras que se está praticando. Na Índia, pratica-se um artifício bem conhecido: à força de repetir uma palavra, entrar num estado peculiar, e pensar que isso é meditação. Podeis repetir dez mil vezes as palavras *Coca Cola* e ter a mais maravilhosa das experiências, porque vos hipnotizastes; mas essa experiência não é a realidade. A hipnose, quer praticada por vós mesmos, quer por outrem, só pode projetar o próprio condicionamento, as próprias ansiedades e temores; não tem absolutamente nenhum valor.

Assim, pode a pessoa que penetrou profundamente neste problema da ordem viver no mundo com essa ordem e agir com base nela? Viver com a ordem e a beleza da ordem — a ordem que não é hábito, mas que morre todos os dias e, por conseguinte, é nova em cada dia; viver com um amor que não é medo, que nunca pode ser atingido pelo pensamento como prazer? Esta é, com efeito, a questão principal, e não o que credes ou não credes, não se sois comunistas, socialistas ou nacionalistas; tudo isso está acabado para nós. Isso nunca produziu ordem no mundo; pelo contrário, só dividiu cada vez mais os homens.

E os jovens, com toda a razão, estão revoltados contra o que "foi". Pergunta-se, assim: Pode-se viver dessa maneira? Pode um homem verdadeiramente sério, que não se entretém intelectualmente com estas coisas, mas realmente as vive, as respira, pode esse homem viver num mundo violento, cheio de competição, brutalidade e agressividade, onde o indivíduo é alistado no exército para aprender a matar? Podeis viver, não, *negativamente,* mas ativamente? Se negais completamente tudo o que é falso, então, nessa própria negação, surge o positivo. Quando vedes o falso como falso, o próprio ato de percebimento, *o ver,* é positivo. Perguntamos, assim, a nós mesmos, se é possível viver-se neste mundo, mas não como santo, que é uma coisa terrível. Como deveis saber, um santo tem de ser reconhecido como tal pela cultura, pela Igreja ou pelo templo e, por conseguinte, já não é santo.

Ser livre interiormente, ter absoluta ordem, isso nada tem que ver com nenhuma cultura, nenhuma sociedade, nenhuma religião. Decerto, é desnecessário perguntar se isso é possível, e procurar uma resposta; se viveis dessa maneira, não há mais problema algum. Não perguntaremos, então, se isso é possível neste mundo, porque, quando vivemos assim, estamos completamente fora dele. E sois um forasteiro neste mundo, na Índia, na Rússia, na Itália, porque tendes a ordem absoluta e o senso total de amor profundo e, em qualquer parte que viverdes, em qualquer parte que estiverdes, tendes a suprema felicidade. E toda ação é ordem e beleza; a beleza não é uma coisa fabricada pelo homem. A beleza existe quando há total auto-abandono *(self abandonment)* — um total abandono do "eu", do "ego", com todas as suas dores e sua solidão, com todos os seus desesperos, temores e ansiedades. Vivereis, então, neste mundo, como seres humanos.

17 de março de 1968.

CINCO PALESTRAS EM PARIS

AUTOCONHECIMENTO

(Paris — I)

CONSIDERO necessário fazermos a nós mesmos perguntas fundamentais, sem esperarmos as respostas de outrem. Tais interrogações devem ser respondidas por cada um de nós, sem dependermos de teóricos, por mais sagazes, eruditos, letrados e experientes que sejam. Porque o mundo se acha numa terrível confusão, e por esta confusão somos responsáveis; cada ente humano, em todo o mundo, é por ela responsável. Em geral, dependemos das explicações de outros e com elas nos satisfazemos; mas todas as explicações são naturalmente verbais e, por conseguinte, de pouco valor. Toda explicação, toda descrição do atual estado do mundo é inútil, sem significado; mas a maioria de nós nos satisfazemos com palavras, explanações intelectuais, belamente ou muito sutilmente formuladas. Acho que devemos pôr-nos acima de todos esses argumentos, não importa se oferecidos pelas igrejas, se pelos comunistas ou por qualquer grupo de pessoas que querem impor a sua vontade.

O mais importante é fazermos a nós mesmos essas perguntas básicas e assumirmos a responsabilidade, não só de achar a resposta, mas também de *agir* simultaneamente com ela. Porque, pelo que nos diz respeito, a ação nunca faz parte da pergunta e da resposta. Ora, decerto, no ato de fazermos essas perguntas fundamentais e de descobrirmos, por nós mesmos, as respostas, esse próprio descobrimento deve expressar-se em ação. O perguntar, o responder e o agir são simultâneos, e não separados. Porque, quando separados, tudo se divide em comparti-

mentos, em categorias; e dessa divisão nascem preconceitos, conflitos, opiniões e juízos. Em verdade, segundo me parece, se realmente soubéssemos perguntar, no próprio ato de perguntar teríamos a compreensão da questão e, a um só tempo, a ação. E, durante estas palestras, espero não só que sejamos capazes de fazer a nós mesmos tais perguntas, mas também de compreendê-las, não intelectual ou verbalmente, mas com nosso coração e nossa mente. Nesse processo de compreensão, verifica-se a ação.

Uma das perguntas fundamentais refere-se à relação do homem com a realidade. Essa realidade tem sido expressa de diferentes modos: no Oriente de uma maneira, e de forma diversa no Ocidente. Temos de descobrir por nós mesmos, independentemente dos teóricos, dos teólogos e dos sacerdotes, o que é a relação com a realidade. Essa realidade pode ser chamada "Deus"; o nome é, em verdade, de ínfima importância, porque a palavra, o símbolo, nunca é a coisa real, e ficar enredado em símbolos e palavras parece-me uma coisa totalmente irracional. E, entretanto, neles estamos enredados, os cristãos de uma maneira, e os hinduístas, os muçulmanos, e outros, de diversas formas. As palavras e os símbolos se tornaram de enorme significação. Mas o símbolo, a palavra, nunca é a coisa real. Assim, ao fazermos a pergunta sobre a verdadeira relação do homem com a realidade, devemos estar livres da palavra com todas as suas associações, com todos os seus preconceitos e condições. Se não descobrirmos essa relação, a vida terá muito pouca significação; então, inevitavelmente, nossa aflição, nossa confusão, se tornarão maiores, e a vida cada vez mais intolerável, mais superficial e insignificativa. Precisamos ser sobremodo sérios para descobrirmos se tal realidade existe ou não, e qual a relação do homem com ela.

Cabe-nos, agora, em primeiro lugar, descobrir se existe uma coisa imensurável (fora do alcance do pensamento e de todas as medidas), algo que o pensamento jamais possa atingir, que não tenho símbolo algum. Antes de tudo o mais, é possível — não misticamente, nem romântica ou emocionalmente, porém realmente — descobrir ou encontrar esse estado extraordinário? Os antigos, e algumas pessoas que, nesta ou naquela parte do mundo, talvez a tenham encontrado, inesperadamente, disseram: "Há alguma coisa." Homens seriamente intencionados vêm ten-

tando descobri-la há milhões de anos. Os indiferentes e levianos têm a recompensa que desejam, sua própria maneira de vida, mas há sempre uma pequena minoria de indivíduos verdadeiramente sérios que alcançam essa coisa infinita e imensurável. Para compreendê-la, precisa-se naturalmente estar livre de todo dogma, de toda crença, de todas as tradicionais barreiras que condicionam a mente e que são meras invenções do pensamento. Somos entes humanos sofredores, solitários, em grande aflição; não importa se nos denominamos comunistas, socialistas ou o que quer que seja, somos entes humanos. Mas, aparentemente, para nós o importante é o rótulo: "francês", "alemão", etc. Releva libertar-nos de tudo isso, porque necessitamos de liberdade — não meramente no nível verbal, porém *realmente*. É só em liberdade que se pode descobrir o que é real, e não por efeito das crenças e dos dogmas.

Assim, se o homem é efetivamente ardoroso, no sentido de dispor-se a "ir até o fim", é então necessária essa liberdade — estar livre de todas as nacionalidades, livre de todos os dogmas, ritos e crenças. E, parece, essa é uma das coisas mais difíceis de conseguir. Na Índia, encontram-se pessoas que muito meditaram nessas coisas e, contudo, permanecem todo entranhadas da tradição hinduísta. No Ocidente, as criaturas se acham imersas nos dogmas católico, protestante ou comunista e, portanto, não têm nenhuma possibilidade de libertar-se. Mas, para termos uma vida de espécie diferente, uma vida numa diversa dimensão, devemos libertar-nos de tudo isso, não só conscientemente, mas também profundamente, nas próprias raízes de nosso ser. Só então podemos olhar e ver mesmo. Porque, para descobrir a realidade, a mente deve ser sã, sobremodo inteligente, vale dizer, altamente sensível.

O importante é possuir uma mente que jamais foi torturada, jamais forçada num dado padrão. Como se observa, em todas as partes do mundo sustentam as religiões que, para descobrir a realidade, o indivíduo tem de torturar-se, de renunciar a tudo, a todo prazer sensual, e de disciplinar-se, até que a mente se ajuste a um padrão estabelecido; de maneira que, no fim, a mente perdeu toda a flexibilidade, a agilidade, a sensibilidade, a beleza do movimento. O necessário é uma mente não torturada, uma mente bem clara. E a mente não pode tornar-se assim, se tem qualquer espécie de preconceito. Uma das coisas mais

difíceis é olhar, observar: olhar uma coisa sem nenhuma imagem dessa coisa, olhar uma nuvem sem anteriores associações relativas a essa nuvem, olhar uma flor sem a imagem, as memórias, as associações relativas a essa flor. Porque essas associações, imagens e memórias criam distância entre o observador e a coisa observada. E, nessa distância, nessa separação entre "o homem que vê" e "a coisa vista", acha-se todo o conflito humano. É necessário ver sem a imagem, para que, simplesmente, não haja espaço entre o observador e a coisa observada. Existindo esse espaço, há conflito; disso trataremos, se houver tempo, nesta tarde. A arte de ver, por conseguinte, importa muito. Como dissemos, se nos vemos com as imagens que formamos a respeito de nós mesmos, há então conflito entre a imagem e o fato. E nossa vida inteira é esse conflito entre "o que é" e "o que deveria ser".

Agora, por favor, não vos limiteis a escutar nossas palavras, frases e expressões, mas observai, à medida que formos caminhando, não analiticamente; tratai de observar o processo de vossa mente, de ver como está ela funcionando, como se olha a si própria. Estareis, então, ouvindo realmente, e, não, tentando traduzir o que ouvis em conformidade com vossos preconceitos e vosso condicionamento. Achando-se o mundo num estado terrível, havendo tanto infortúnio e tanta aflição, temos de viver uma vida de espécie diferente, urge efetuar-se uma revolução fundamental em nossa maneira de viver. O homem, pelas aparências, escolheu a guerra, o conflito, como a norma da vida, e, entre os jovens, há revolta contra tudo isso. Mas, infelizmente, essa revolta pouco significará se cada um não descobrir, por si próprio, as respostas básicas às perguntas fundamentais relativas à vida.

Uma das questões primárias é esta: Que é isso que se chama realidade? Podemos nós — vós e eu — vivendo nossa vida diária (não, retirando-nos para um mosteiro ou tornando-nos discípulos de um guru, ou refugiando-nos em alguma academia misteriosa da Índia), temos possibilidade de descobrir, por nós mesmos, essa realidade? E nós *temos* de descobri-la, não por meio de orações, nem de imitação, nem pelo seguirmos alguém, mas tornando-nos cônscios de nosso condicionamento, vendo-o realmente, e não teoricamente, vendo-o como vemos uma flor, uma nuvem — sem separação. Não sei se já experimen-

tastes olhar uma coisa, por exemplo, vossa esposa ou marido, sem a imagem que vós ou ela formou, numa relação de muitos anos, de muitas irritações, muitos prazeres, muitos momentos de cólera — cada um olhar o outro sem imagem alguma. Não sei se alguma vez experimentastes isso, mas, se o fizestes, tereis visto quanto é difícil nos libertarmos das imagens. São essas imagens que se põem em relação, e não entes humanos. Vós tendes uma imagem a meu respeito, e eu tenho uma imagem a vosso respeito, e a relação é entre essas duas imagens, com seus símbolos, associações e memórias.

Haverá sempre divisão enquanto houver a imagem que engendra toda a estrutura do conflito. Portanto, cumpre-nos aprender a arte de olhar, não apenas as nuvens e as flores, o movimento de uma árvore ao vento, mas olharmos realmente a nós mesmos como somos, sem dizermos "Isto é belo", "Isto é feio", ou "Não há mais nada?" — enfim, todas as asserções verbais que fazemos sobre nós. Quando formos capazes de nos olharmos claramente sem a imagem, talvez tenhamos a possibilidade de descobrir, por nós mesmos, o que é a verdade. Essa verdade não se encontra na esfera do pensamento, porém na esfera da percepção direta, onde não há separação entre o observador e a coisa observada. Uma das questões fundamentais é a relação do homem com a realidade final, aquela coisa sem nome, que excede todas as palavras.

Temos, em seguida, a questão fundamental da relação do homem com o homem. Essa relação é a sociedade, a sociedade que criamos com nossa inveja, avidez, ódio, brutalidade, competição e violência. Nossa relação com a sociedade, baseada numa vida de batalha, de guerras, de conflito, de violência, de agressão, perdura há milhares de anos e se tornou nossa vida de cada dia, no escritório, no lar, na fábrica, nas igrejas. Inventamos uma moralidade baseada nesse conflito, mas essa não é moralidade nenhuma e, sim, apenas uma moralidade de respeitabilidade e, portanto, sem nenhuma significação. Ides à igreja e, lá, amais o vosso próximo, mas no escritório o destruís. Quando há diferenças nacionais, baseadas em idéias, opiniões, preconceitos, uma sociedade em que impera terrível injustiça e desigualdade — e todos nós a conhecemos, dela estamos perfeitamente cônscios — cônscios da guerra que se está travando, da ação dos políticos e dos economistas, visando a converter em ordem a desordem

— quando bem percebemos tudo isso, perguntamos: "Que se pode fazer?" — Sentimos que escolhemos uma maneira de vida que leva, por fim, ao matadouro. Provavelmente já fizestes aquela pergunta um milhar de vezes, mas, dizeis: "Como ente humano, não posso fazer nada. Que posso eu fazer perante essa máquina formidável?"

Ao formularmos a pergunta: "Que posso fazer?" — acho que estamos fazendo uma pergunta errônea. Para uma pergunta errônea não há resposta. Se, contudo, achais resposta, ireis fundar uma organização, pertencer a uma entidade qualquer, aderir a um dado movimento político e, na nova organização, de novo vos vereis no mesmo e velho círculo, com seus presidentes, secretários, dinheiro, suas próprias "panelinhas". Nessa rede ficamos aprisionados. "Que se pode fazer?" é uma pergunta totalmente errônea. Não se pode fazer absolutamente nada, quando se formula a pergunta nesses termos. Mas, podereis fazer alguma coisa, se *virdes realmente* (tal como estais vendo este microfone e o orador, aqui sentado), se virdes realmente que cada um de nós é responsável pela guerra que se está travando no longínquo Oriente, e que não são os americanos. nem os vietnamitas, nem os comunistas, porém nós, vós e eu, é que somos os verdadeiros responsáveis por tudo o que se está passando no mundo, tanto aqui, como em toda parte. Somos responsáveis pelos políticos, que nós mesmos criamos, responsáveis pelo exército, adxtrado para matar, responsáveis por todas as nossas ações, conscientes e inconscientes.

Mas, direis: "Nós não queremos ser responsáveis." Temos medo de dizer "Sou responsável por esta tremenda confusão". Todavia, se de fato, com vosso coração, sentirdes essa responbilidade, então agireis, e vereis que estareis inteiramente fora da sociedade. Podeis ter mais de um terno de roupa, possuir automóvel, etc., mas, para serdes um ente verdadeiramente moral, deveis estar, psicologicamente, interiormente, completamente, "de fora" da sociedade, e isso significa rejeitar toda a sua moralidade. Se aceitais a atual estrutura moral, sois, então, de fato, imoral. Vê-se que há corrupção, que a sociedade está em franca decadência. Sabeis das arruaças na América, e do que se está passando no Oriente Próximo e, pior ainda, no Oriente distante e na Índia, onde há inaudita miséria. Cada nação acha que tem de resolver os seus próprios problemas e, em todo o mundo, os

políticos estão a fazer o seu jogo com a fome, a matança, porque dividimos o mundo em nacionalidades, com governos soberanos e diferentes bandeiras. E, para a implantação da ordem, o principal interesse de todo ente humano deve ser a unificação da humanidade. Esta requer um governo não dividido em nacionalidades — francês, inglês, alemão, etc.

Não vos admirais, muita vez, de que existam políticos? Um governo pode ser gerido por computadores, seres impessoais, desambiciosos, e não por gente que, em nome da nação, visa à própria glorificação. Assim, poderíamos ter um governo são! Mas, infelizmente, os entes humanos não estão sãos e, por isso, preferem viver no meio de toda esta desordem. E vós e eu somos responsáveis por ela. Por favor, não vos limiteis a concordar ou a acenar com a cabeça; cumpre-vos fazer alguma coisa. Fazê-la *é* ver, escutar. Como sabeis, em presença de um perigo, agimos, não há hesitação, não há argumentação, não há opinião pessoal — agimos imediatamente. Mas, não vedes o enorme perigo representado por tudo o que se passa em redor de vós, no sistema educativo, no mundo dos negócios, no mundo religioso — não vedes esse perigo. Mas, ver esse perigo é agir. Quando se vê realmente uma coisa, não há nenhum conflito, porém o imediato movimento de distanciamento da coisa, sem resistência, sem conflito.

Olhar a injustiça social, a aflição social, a moralidade social, a cultura, no meio das quais prosperam as religiões organizadas, e, psicologicamente, negar a validade dessas coisas, é tornar-se verdadeiramente moral. Porque, afinal de contas, moralidade é ordem; virtude é a ordem completa. E essa ordem só se torna existente quando negamos a desordem, a desordem em que estamos vivendo, a desordem gerada pelo conflito e pelo medo, que faz cada indivíduo buscar a segurança pessoal. Não sei se alguma vez considerastes esta questão da segurança. Como sabeis, encontramos segurança em entregar-nos a alguma coisa; há um forte sentimento de segurança em pertencer a alguma coisa, em ser comunista, em ser francês, inglês ou outra coisa. Tal "compromisso" dá-nos segurança. Se vos comprometestes a seguir uma determinada linha de ação, isso vos proporciona muita segurança, confiança, certeza. Mas, esse compromisso gera sempre desordem, como está realmente acontecendo. Eu sou comunista, e vós não o sois. Estamos "comprometidos" com idéias, teorias

e *slogans,* e assim nos separamos: vós sois "isso", e eu sou "isto". Já se estamos envolvidos — envolvidos, não "comprometidos" — no movimento total da vida, não há então divisão; somos então entes humanos que sofrem, e não um francês que sofre, um católico que sofre; somos entes humanos cheios de "sentimentos de culpa", de ansiedade, de agonia, de solidão, de tédio da rotina da vida. Se estais "envolvidos" neste movimento, poderemos então descobrir, juntos, um meio de sair dele. Mas, nós gostamos de estar "comprometidos", gostamos de estar "separadamente" seguros, não apenas nacionalmente, comunalmente, mas também individualmente. E, nesse "compromisso", há isolamento. Quando a mente se isola, não está sã.

Podemos saber de tudo isso verbalmente, porque a maioria de nós temos lido muito sobre esta matéria, mas infelizmente o que lemos não é um descobrimento feito por nós, por nossa própria compreensão. Para esse descobrimento, temos de investigar, de olhar a nós mesmos sem nenhuma espécie de julgamento, olhar-nos com um percebimento sem escolha, de modo que nos vejamos exatamente como somos, e não como "deveríamos ser". E, ao verdes exatamente o que sois, não há conflito.

E temos, ainda, a questão do amor e da morte. Mais uma vez, a coisa que chamamos amor perdeu realmente seu verdadeiro significado. Quando dizemos "amo-te", encontramos no dizê-lo enorme prazer. Cabe-nos, pois, descobrir, por nós mesmos, se o amor é prazer. Isso não significa ser necessário negar o prazer para encontrarmos o amor; mas, quando o amor está todo cercado de avidez, ciúme, ódio, inveja — como é o caso da maioria de nós — isso é amor? Classificar o amor de amor divino e amor sensual, é isso amor? Ou não é o amor uma coisa que não pode ser contaminada pelo prazer?

Temos de investigar bem esta questão do prazer. Porque é que tudo está baseado no prazer? A busca daquilo que chamamos "Deus" baseia-se no prazer. Derivamos prazer de nossas posses, de nosso prestígio, de nossa posição, poder, dominação. Mas, se não tendes amor, podeis fazer o que quiserdes, ser tão hábil quanto desejais, não resolvereis nada. O que fizerdes só criará mais aflição para vós mesmos e para outros.

Volvemos, pois, à momentosa questão da morte. Esta questão não pode ser resolvida pelo medo, nem pela fuga a esse

fato absoluto, nem pela crença, nem pela esperança. Há uma solução, a solução correta, mas, para descobri-la, temos de fazer a pergunta correta. Entretanto, não tereis possibilidade de fazer a pergunta certa, se estiverdes meramente a procurar uma resposta, ou se a pergunta for inspirada pelo medo ou pela solidão. Mas, se interrogardes com acerto sobre a realidade, sobre as relações entre os homens, e sobre essa coisa chamada amor e a imensa questão da morte — então, da interrogação certa surgirá a resposta exata. Dessa resposta virá a ação correta. Esta ação está na própria resposta. E nós somos responsáveis. Não tenteis enganar-vos, dizendo "Que posso fazer"? Só há ignorância quando não vos conheceis. Conhecer a si mesmo é sabedoria. Podeis ignorar todos os livros do mundo (e espero que sim), podeis ignorar as mais modernas teorias, mas isso não é ignorância. Não nos conhecermos profundamente, fundamentalmente, é ignorância; e não podeis conhecer-vos se não sois capazes de olhar-vos, de vos verdes exatamente como sois, sem nenhuma deformação, sem nenhum desejo de mudar nada. Então, o que vedes se transforma, porque a distância entre o observador e a coisa observada desapareceu e, por conseguinte, não há conflito.

18 de abril de 1968.

VER A VERDADE

(Paris – II)

NA reunião anterior, dissemos ser de essencial importância descobrirmos por nós mesmos, sem dependermos de outrem, o que é a Verdade. Deixamo-nos influenciar com facilidade, nossa mente está sempre pronta a aceitar; psicologicamente, tememos perder a segurança, e estamos sempre ansiosos por seguir e obedecer. E temos o vezo de considerar "heróis" quantos dizem que sabem ou que "experimentaram coisas". Penso que há um grande perigo para as relações entre o orador e vós. O orador não tem importância nenhuma; é como que um instrumento, tal um telefone. Decerto, assim como ninguém considera um telefone um herói, assim também ninguém deve deixar-se influenciar pela aparência externa do orador. De modo nenhum estamos tentando fazer propaganda, influenciar ou moldar as vossas mentes para fazê-las pensar de uma certa maneira. Qualquer um pode ver, observar os acontecimentos do mundo (e também os incidentes que se verificam dentro em nós, e que lançam raízes tão profundas); observar o tremendo caos em que se acha o mundo, onde a tecnologia fez tão notáveis progressos, com seus computadores e outras invenções. Os entes humanos se estão tornando cada vez mais mecânicos, cada vez mais superficiais, bem a par das últimas notícias, das últimas exposições, novidades e novelas. E, quanto mais mecanizados, tanto mais superficiais nos tornamos. Mas nós, ao nos reunirmos, é para explorar uma esfera na qual cessa toda influência, toda propaganda, obediência, seguimento de qualquer guia. Porque, quando se quer descobrir a realidade, toda influência, toda imitação,

observância de algum princípio ou exemplo, obediência a um guru ou outro qualquer — nada disso tem valor. Cumpre termos em mente que não estamos lançando nenhuma lei, método ou sistema, porém, antes, fazendo juntos uma viagem e durante essa viagem certamente encontraremos determinados fatos óbvios, a que até agora não temos dado atenção.

Assim, nesta nossa jornada, cabe-vos tanta responsabilidade quanto ao orador. Podeis fazê-la descuidosamente, por mera curiosidade ou entretenimento intelectual; ou fazê-la com o máximo de seriedade e a firme intenção de "ir até o fim", sem o mínimo desvio. Estareis, assim, aptos a investigar com profundeza, e plenamente cônscios, a cada passo, do que estais fazendo; nesse percebimento claro e sem escolha, vereis os fatos exatamente como se estão verificando. Tereis, dessarte, a possibilidade de descobrir ou de encontrar aquela verdade que não tem nome nem medida, e sem a qual o homem nada significa. Pode o homem ir à Lua, escrever livros geniais, aperfeiçoar suas técnicas, estabelecer relações morais, mas tudo isso será puramente mecânico, vão e muito pouco significativo. Assim, é de essencial importância, para cada um de nós, se temos verdadeiro empenho, levar avante esta indispensável investigação; com ela, veremos que há certas coisas que não só devemos examinar profundamente, mas também delas nos libertarmos. E devemos trabalhar seriamente, não só porque os tempos o exigem, mas também porque, se não somos sérios, não estamos vivos. A mente da maioria de nós está por demais deformada, de modo que somos incapazes de ver diretamente qualquer coisa; só ouvimos o que queremos ouvir e só vemos o que nos agrada ver. Somos incapazes de ver uma coisa diretamente, sem nos furtarmos ou tentarmos fugir ao que *é*.

A mente, em geral, está dominada pelo preconceito. Podemos não ter preconceitos de cor, discriminações raciais, etc., mas, no fundo, estamos cheios de preconceito, porque todo prazer produz aquela tendência mental a procurar sempre uma profunda e permanente satisfação e a exigir experiências cada vez mais amplas e profundas, porquanto nossa vida de cada dia é horrivelmente tediosa, uma rotina de intermináveis repetições, uma atividade todo egocêntrica — o "eu", o "ego", a manifestar-se em todos os sentidos. E uma vida assim é muito sem valor, estúpida, vazia. Ainda que um homem seja capaz de escrever

livros notáveis, bonitas poesias, ou tenha apreciáveis características de expressão e sensibilidade, reveladas, invariavelmente, em quadros, etc., sua vida é, de comum, superficial. E, assim, todos nós desejamos uma experiência ampla, profunda, uma duradoura experiência de algo que seja absolutamente real, sem nenhuma sombra de ilusão. É o que quase todos nós desejamos, e provavelmente a maioria dos presentes, aqui, desejam essa mesma espécie de experiência.

Ora, a mente que está em busca de experiência abrirá, inevitavelmente, a porta à ilusão, porque a verdade, a realidade, aquilo que não se pode expressar por meio de palavras não é uma experiência, e nisso consiste a sua beleza! Não é uma coisa que se pode reconhecer, "guardar no bolso", ou organizar. Ninguém pode dizer "Eu a tenho aqui comigo": ela é uma coisa tão vasta, que não pode ser aprisionada, que não pode ser encerrada em nossa mão. E, todavia, é isso o que quase todos nós desejamos — uma indestrutível experiência de bem-aventurança, de amor e beleza.

Para se poder atingir aquela inefável realidade, temos primeiramente de compreender a natureza da experiência, e a razão por que os entes humanos desejam experiências. "Experiência" significa, decerto, em inglês, "passar por" *(go through):* passar por um certo estado. E, quando "se passa por uma coisa", nenhuma memória deve ficar dessa coisa; de contrário, a experiência não está acabada. Compreendei isso, por favor. Não "passamos por" uma dada forma de pensamento ou de sentimento (isto é, não "experimentamos" em sua plenitude esse pensamento ou sentimento), se não o percorremos *do começo ao fim;* ele não deve deixar nem marca nem impressão alguma. De outro modo, essa marca, essa impressão, dirigirá, moldará a próxima experiência. Podeis observar isso em vós mesmos; não é nada de complexo, psicologicamente, nada que requer grande capacidade intelectual ou analítica. Temos milhares de experiências, e cada experiência deixa sua marca, e essa marca é a memória que reconhece a próxima experiência, dando-lhe forma, condicionando-a, e o resultado é a mente tornar-se cada vez mais condicionada pelo passado. Nessa experiência há sempre um reconhecimento. Se não reconheceis uma experiência, não há experiência. Vós tendes de reconhecê-la, de dar-lhe nome, de senti-la, deleitar-vos, ou não, com ela, de qualquer natureza que seja; e uma experiência

reconhecida é sempre muito limitada. Eu vos reconheço porque ontem me encontrei convosco e me dissestes coisas lisonjeiras ou ofensivas; tudo isso ficou na memória e, na próxima vez que me encontro convosco, é essa memória que se encontra convosco. A experiência, é, pois, a reação daquela lembrança.

Mas, a verdade não está em relação com o tempo, nem com a memória. Não é uma coisa que se pode chamar, prender, e dizer: "Experimentei-a!" — como a beleza do poente que ontem vistes. Ao vê-la — a luz a dançar nos topos das árvores — experimentastes indescritível deleite, que vos deixou na mente uma impressão. Através dessa impressão vedes, no dia seguinte, o pôr do Sol. Não o vedes com olhos novos, não vedes uma coisa totalmente nova. A experiência jamais pode suscitar aquele senso de frescor, de inocência. E, para ver a verdade, deve a mente achar-se num estado de total inocência. Por conseguinte, todo aquele que pratica uma certa disciplina a fim de descobrir a realidade, de experimentá-la, está com a mente embotada, entorpecida, incapacitada para compreender aquela coisa a que não se pode dar nome. Todavia, há necessidade de disciplina.

Descobre, assim, por si próprio, quem quer que empreenda esta jornada, que qualquer espécie de experiência tem sua peculiar limitação. Tivemos milhares e milhares de guerras; tivemos milhões de anos de sofrimento, e dele ainda não estamos livres. Assim, temos de perguntar a nós mesmos se, psicologicamente, a experiência pode ensinar-nos alguma coisa, ou se apenas enrijece a mente, tornando-a mais embotada ainda. A mente que busca a realidade através da experiência jamais a encontrará. É isso o que fazem as pessoas que tomam drogas; por meio delas esperam expandir a mente e experimentar um certo estado. É claro que, naquele estado de exaltada sensibilidade, pode-se experimentar um simulacro do real, mas nunca o real. Isso é muito simples: cada um vê em conformidade com seu peculiar condicionamento. Se a pessoa é artista, vê as cores muito mais brilhantes, mais intensas e vívidas; ou se está condicionada por certos dogmas religiosos, relativos a um Salvador ou aos Mestres, então, decerto, tomando a mesma droga, verá sua própria projeção. E o que a pessoa projeta do próprio condicionamento dá mais alento ao prazer, e poderá alterar superficialmente sua maneira de vida, mas não é, por certo, aquilo que o homem tem incessantemente buscado. Assim, por si própria, a pessoa descobre, ou, melhor,

compreende, que a verdade não pode ser experimentada. Eis um descobrimento de extraordinária importância: a verdade só pode ser *vista,* nunca experimentada. *Ver* é uma das coisas mais difíceis: ver uma folha, uma nuvem, a luz refletida na água, sem dar nome, sem dizer "Que beleza!", sem se deixar "pegar" pelo preconceito emocional do "gostar" ou "não gostar". Ver simplesmente o fato, sem nenhuma interferência do pensamento, é uma das coisas mais difíceis, e das mais necessárias.

Ora, nesta nossa viagem, estamos começando a ver o que é necessário, e que a ordem, absoluta ordem interior, é indispensável. Há duas espécies de ordem: a primeira é a ordem gerada pela disciplina, a ordem do soldado, exercitado meses e meses para obedecer, ajustar-se, cumprir instruções, destruir a si próprio. Essa é a "ordem da morte", uma ordem puramente mecânica e insignificativa. Mas, há outra ordem de espécie totalmente diferente, não dependente de ajustamento, de imitação, de padrão algum, na qual não se repetem as coisas ontem vistas e transportadas para hoje. Espero não estejamos aqui apenas a ouvir palavras, porém vendo, por nós mesmos, à medida que vamos caminhando, a verdade, o fato — *vendo* por nós mesmos, independentemente do orador e do que ele está dizendo. Porque a liberdade é absolutamente necessária. E ela não se acha no fim, mas ao primeiro passo que se dá. E a liberdade não vem por meio da disciplina, mas por meio da ordem — não a ordem mecânica da respeitabilidade, a ordem que a sociedade quer impor ao homem, a ordem de uma sociedade corrupta, em decomposição. A ordem a que nos referimos é de uma espécie e dimensão totalmente diferentes; ela vem com a compreensão da desordem. Da negação do que não é verdadeiro vem *o positivo.*

Não pode haver paz se estamos em guerra uns com os outros, não só exterior, mas também interiormente — se sou agressivo, se sou violento, e estou empenhado em alcançar, a qualquer preço, meu próprio preenchimento. Posso falar de ordem e de paz, mas sou um ente humano violento. Ao descobrir essa violência — não apenas a violência física, mas a violência da palavra, do gesto, a violência que se expressa em crueldade para com os homens, na matança de animais, etc. — ao ver essa violência, eu a nego. Dessa negação de "o que é" nasce a paz.

Passemos, pois, a descobrir o que é a desordem. Toda a atual estrutura social baseia-se na desordem, com divisões de

classe e de outra espécie. Quando cada homem só está a trabalhar para si próprio, a competir, a endeusar o êxito e a fama — isso faz parte da desordem, tanto exterior como interior. Desordem significa conflito interior, profundo, na estrutura psicológica; e conflito exterior, com o próximo, com a esposa ou marido. Existirá sempre conflito enquanto houver atividade egocêntrica. E o conflito gera, necessariamente, a desordem. Há a desordem decorrente das nacionalidades e línguas separadas; a desordem causada pelas religiões, separando-se os que vivem na "mansão da verdade" dos que vivem fora dela, e dizendo-se "Só há um único Salvador, e nenhum outro", "Tendes de transpor esta porta, para encontrardes a salvação; não há nenhuma outra porta". O culto das nacionalidades, o culto das bandeiras — tudo isso é desordem. E, para descobrirmos o que é a ordem (e ela existe dentro de nós, a ordem absoluta, e não uma ordem relativa, circunstancial: ordem total e absoluta) — para descobrirmos o que é a ordem, temos de compreender o que é a desordem, compreender a desordem existente no mundo e os fatores que a produzem — a competição entre as nacionalidades, as classes, as religiões, a incessante busca de prazer, e a inveja. Não podemos dissolver essas coisas sem as termos compreendido, sem termos compreendido a enorme e complexa estrutura do prazer.

A ordem, pois, é virtude. Ela não é uma coisa cultivável; não podeis dizer "Eu terei ordem", "Farei isto e não farei aquilo". Dessa maneira, estareis apenas a disciplinar a vós mesmo, a tornar-vos cada vez mais rígido, mecânico. A mente é então incapaz de descobrir aquela beleza que não tem nome, expressão. A ordem, como a virtude, não é cultivável; se cultivais a humildade, não sois, decerto, humilde. Pode-se cultivar a vaidade, mas cultivar a humildade é tão impossível como cultivar o amor. Conseqüentemente, a ordem, que é virtude, não pode ser adquirida a poder de exercícios. O que se pode fazer é apenas ver a desordem total existente dentro e fora de nós — *vê-la!* Podeis ver instantaneamente essa desordem total; e é só isto o que realmente importa: ver intantaneamente! Não se pode ver a desordem por meio de explicações, por meio da análise das várias causas da desordem. Ela existe: se percorreis qualquer rua, se observais qualquer cultura, qualquer sociedade em ação, se observais vossa própria mente, vosso coração, vossa maneira de pensar, de sentir, vossas contradições, os desejos que vos espi-

caçam — o que vedes é uma interminável galeria de opostos. Existe a desordem; mas só podeis vê-la num relance de olhos. Só num rápido lance de olhos se pode ver a verdade relativa à desordem; não podeis vê-la através da análise intelectual de suas causas. É bem simples descobrir a causa desta enorme confusão interior e exterior, de tanta desordem e falsidade; qualquer espírito analítico é capaz de ver o que está produzindo este caos aterrador no mundo. Mas, nem a observação analítica, nem todas as descrições da causa da desordem, têm o poder de erradicá-la. Ver num simples lance de olhos a verdade relativa à desordem significa ver o fato instantaneamente, assim como se vê a beleza de uma nuvem quando, casualmente, a olhamos.

Desse percebimento da desordem surge uma ordem profunda, não cultivável, e eis porque tanto importa compreender o que significa "ver". Isto faz parte da meditação — *ver*. Não me refiro a visões como as que um cristão vê quando lhe aparece o seu Salvador (para isso ele foi condicionado durante dois mil anos). O que ele vê é seu próprio condicionamento, como o hinduísta vê o seu Deus, o seu Krishna, Tal percepção é apenas a projeção do desejo individual, e nada, absolutamente, tem que ver com a realidade.

Achamo-nos num estado de grande desequilíbrio, e a mente desequilibrada é capaz de ver as coisas mais extravagantes, ainda que seu possuidor leve uma vida de santidade. Não sei se já notastes que estranhas criaturas são os santos! Têm eles de adaptar-se a um certo padrão, porque, do contrário, não seriam considerados santos; precisam ser reconhecidos como santos, seguir um determinado padrão estabelecido pela Igreja, ou pelo público, ou pela tradição — porque, de outro modo, seriam considerados meros excêntricos. E é necessário ver o fato tal como é, sem nenhuma deformação produzida pelo pensamento, pelo preconceito, pelo próprio condicionamento; *ver* é absolutamente necessário, pois constitui o processo inteiro da meditação.

Não sei se teremos tempo para examinar, nesta tarde, a questão da meditação. Quem medita é a mais religiosa das pessoas. Essa pessoa não pertence a nenhuma igreja, dogma ou grupo, a nenhum padrão de pensamento; não tem religião, porque nenhuma crença tem; está livre para olhar o que *é,* tal como um cientista observa com o seu microscópio. Assim, quem medita

olha sem nada deformar. Há sempre deformação quando existe o desejo e a busca de prazer. E a compreensão do prazer faz parte da meditação. Não significa negar o prazer, como o fazem os monges e os santos, que renunciam ao mundo com negarem o prazer, e tornando-se entes humanos duros, desagradáveis, adotando prazeres outros e vivendo como que casados com as imagens de seu Deus e de seus santos.

Não sei se alguma vez "olhastes" o prazer. Olhai-o! Quando estiverdes fruindo um prazer — olhai-o. Ao tomardes uma bebida de que gostais, ficai cônscio do significado desse prazer. Percebei o deleite que tendes ao pensar numa coisa passada e acabada, morta, em dela vos lembrardes, em ressuscitá-la, porque ontem vos deu prazer. Ora, é este, justamente, o processo do sexo: a formação da imagem, a lembrança daquele prazer e a enorme excitação que ela provoca. Eis como o pensamento cria, intensifica e sustenta o prazer. Pensando na coisa que ontem sucedeu, damos continuidade àquela coisa morta do dia anterior. Assim, compreender a natureza e a estrutura do desejo e do prazer é compreender o mecanismo do pensamento, e não, negar o prazer.

Essa realidade que desejamos alcançar não pode ser chamada, porque nossa mente é pequena demais para contê-la. Não podemos aprisionar em nossa mão o oceano; podemos ter a imagem do oceano em nossa mente, mas essa imagem não é o oceano, aquela imensidão azul, de águas inquietas e profundas. Como não podeis chamar a realidade, como não tendes possibilidade de saber o que ela é, nada podeis fazer senão ver a verdade acerca do falso, acerca da desordem, acerca da virtude, do prazer, e a estrutura e natureza da experiência. Ver simplesmente esses fatos — só isso se pode fazer, e nada mais. Isso significa negar totalmente a nós mesmos; porque cada um de nós é um feixe de memórias, memórias que criam a esperança e o desespero, a agonia ou o "sentimento de culpa", e sofrimento cada vez maior. Eis o que somos. Por essa razão, podemos inventar que somos Deus, que somos entes divinos, que somos eternos, mas o ver o fato nu e cru, isto é, o ver-nos tais como somos, nossas ambições, nossa avidez, nossa ânsia de prazer e de êxitos, etc. — ver a *verdade* desse fato é suficiente.

Quando se vê a verdade, evitam-se todos os perigos. Mas tão habituados estamos com o perigo, que já o aceitamos. Acei-

tamos a guerra como norma da vida, e a guerra é a mais mortífera das coisas; o assassínio do semelhante, a organização do morticínio, patriotismo, nacionalismo, líderes, propaganda — tudo isso são inutilidades extremamente perigosas. Releva perceber a verdade desse perigo, a verdade desse fato — a verdade de que, sendo nossa civilização, nossa cultura, sobremaneira perigosa, é dever de todo homem equilibrado revoltar-se contra ela, rejeitá-la de todo, interiormente, psicologicamente. Mas não podeis rejeitá-la se não vedes o perigo; e ver o perigo é ver a verdade — não intelectual, nem verbal, nem emocionalmente, porém como fato. Então, se tiverdes boa sorte, vossa mente poderá alcançar aquela verdade. Dar-se-á então a "explosão" de algo que não se pode exprimir em palavras. Se esse "algo" não for compreendido, se nele não tiverdes vossa vida, uma vida em que vosso coração e vossa mente estarão vivendo numa dimensão diferente, nesse caso vossa vida atual de cada dia, por mais nobres e bons, e por mais prestantes que sejais, não tem significação alguma. Naturalmente, há necessidade de uma reforma social, etc., mas o "bem-estar social", a luta pelo aperfeiçoamento de nós mesmos e da sociedade é totalmente insignificativa; significativo é encontrar a Realidade e, com base nela, viver na sociedade, viver neste mundo. Então, há beleza e amor; de outro modo — não há nada.

É então que surge a meditação (não aquele "monopólio" do Oriente, de que tanto falam os *gurus,* e que não é meditação nenhuma). O homem que medita é aquele que vê, fora do tempo, o que é a Verdade. Na próxima reunião, talvez possamos examinar esta matéria.

18 de abril de 1968.

A ESTRUTURA DO PENSAMENTO

(Paris — III)

DISSEMOS, na última reunião, que íamos considerar a questão da meditação. E, se o permitis, consideraremos também uma das coisas mais importantes da vida.

Quando se vê — além do nível intelectual — o extremo caos em que se acha o mundo, a tremenda confusão, e a desdita que o homem está infligindo ao homem, em todas as partes do mundo, compete a cada um de nós, se somos verdadeiramente *sérios,* descobrir se é possível alterar radicalmente toda a estrutura do viver e do pensar humanos. Parecemos prosseguir indefinidamente, século após século, vivendo dentro do mesmo padrão, dentro do mesmo molde ou prisão, sujeitos a agonias, desespero, "sentimentos de culpa", violência de toda a ordem, além do desejo de domínio e de poder. Assim temos vivido, cada geração deixando-se cair na armadilha da geração precedente. Esse padrão vem-se mantendo inalterável há um milhão de anos ou mais. Dadas as atuais condições do mundo, todo homem refletido deve, necessariamente, perguntar a si próprio se lhe é possível libertar-se desse condicionamento, dessa maneira de vida, dessa existência tão mecânica e superficial, que só oferece solidão, velhice, desespero, e a constante batalha da vida.

Para operarmos uma revolução radical, temos necessidade de tremenda energia. Essa "totalização" da energia é a meditação. Dessa palavra se faz largo uso, principalmente no Oriente; lá, parecem considerá-la uma espécie de monopólio deles. Várias escolas existem, já bem firmadas no conceito público, onde as pessoas são "treinadas" para meditar, sob a direção de instrutores

e gurus. Nelas se pratica a meditação segundo o Zen, com seus numerosos métodos. Esta se me afigura, sem exageração, uma coisa totalmente vã, estúpida, insignificativa, porque o que nos interessa não é ter visões maravilhosas, nem insignificantes experiências pessoais — já que todas as experiências pessoais são irrelevantes. Não temos nenhum interesse na "expansão da consciência", tão facilmente alcançável pela vontade, por meio de drogas ou de um certo método de meditação — mas tudo fica entre os muros da consciência, pois a consciência é sempre limitação; nela existe continuadamente um centro que limita, que restringe.

Sobremodo importante é a revolução profunda, radical, a revolução essencial da mente. E, como dissemos, essa revolução exige uma grande quantidade de energia. A meditação é a "totalização" da energia, sem nenhuma deformação. Passar de um hábito para outra série de hábitos requer energia; abandonar uma coisa trivial, como o hábito de fumar, requer energia; ficar livre da inveja demanda energia especial, apaixonada, capaz de pôr fim a todas as ânsias e apetites que a cultura, a civilização e a sociedade — pelas quais somos responsáveis — criaram em cada um de nós. Alterar o padrão de todos esses hábitos exige energia em abundância. Pois não estamos interessados em experiências místicas, extraordinárias, que não mudam o homem, não o tornam bondoso, delicado, amorável. Poderão ajudá-lo a tornar-se um pouco mais tratável, dar-lhe uma mentalidade mais sociável. Mas, quebrar aquele padrão, radical e profundamente, dentro das próprias células cerebrais, condicionadas através de séculos e milênios; viver numa dimensão totalmente diferente, onde não exista nenhuma espécie de conflito, onde a mente seja vigilante, sensível e inteligente, no mais alto grau — isso requer uma energia não produzida pela vontade nem pelo desejo, uma energia que vem por si, sem "motivação" de espécie alguma. Criar, ou acumular, essa energia é meditação. Passemos a examinar agora esta questão.

Nós vamos considerá-la "não verbalmente", "não intelectualmente"; isto é, não ireis ficar como meros ouvintes de um orador, pois não estamos numa reunião dominical a que vindes por não terdes nada de especial para fazer, por simples curiosidade, a fim de "pescar" alguma coisa interessante para "levar para casa". Aqui nos achamos com o fim de examinar um assunto muito

sério, de considerar juntos um problema que está desafiando o homem há milhões de anos: como pôr fim ao sofrimento e começar uma vida nova. E já que sois responsáveis por todas as ações e aflições deste mundo (mas não há necessidade de nenhum "sentimento de culpa" a esse respeito), compete-vos escutar, não só o que o orador diz, mas também *o movimento total da vida;* "escutar" as palavras ocas dos políticos e propagandistas, escutar o teórico sagaz, seja ele comunista, seja um teólogo que, ancorado em sua crença, inventa idéias sem conta: *escutar,* para descobrirdes o que é verdadeiro. Porque, quando se vê o verdadeiro, não há problema algum. É o mesmo que ver um perigo claramente, com os olhos bem abertos.

Muito importa, por conseguinte, a maneira como ides escutar, porquanto vamos considerar um assunto bem complexo, que exige zelo, atenção, e não mera argumentação intelectual ou mera concordância, pois não estamos propagando idéias; isso seria horrível. O que, em verdade, estamos fazendo, todos juntos, é desdobrar e expor à luz todo o processo do pensamento, da vida, para vermos o que nele há de real e verdadeiro. Assim, é de enorme importância a maneira *como* ouvis — se estais ouvindo indiferentemente ou com uma mente interessada em comparar o que se está dizendo com o que já se sabe ou já se leu; essa mente não está "escutando". A mente que "escuta" dá atenção completa. Só quando há desatenção é que começam todos os males.

Assim, estamos todos participando neste exame; não estamos apenas escutando uma série de palavras, de fórmulas ou de conceitos, porém, em verdade, compartilhando este problema que sempre desafiou o homem. Quer crente, quer não, o homem sempre desejou saber se existe uma certa realidade que não seja um mero brinquedo da mente, uma realidade existente além do tempo, uma realidade não baseada em nenhum conceito ou fórmula. E, se formos capazes de "escutar", talvez tenhamos a possibilidade de encontrá-la, naturalmente, sem nenhum esforço. Estamos acostumados com o esforço. Desde o dia de entrarmos para a escola, até morrer, estamos sempre a fazer esforço, a lutar, a ajustar-nos, a competir. O esforço, em qualquer forma, é um desperdício de energia. Mas, o que não constitui desperdício de energia é o ver realmente "o que é", sem nenhuma deformação, ver o medo sem desfigurá-lo, nem fugir, nem tentar transcendê-lo. Nasce então uma atividade inteiramente diferente, por-

que já não há desperdício de energia e a mente se tornou capaz de resolver o problema do medo, sob qualquer forma que seja.

A mente que, em qualquer nível de sua existência, se vê envolvida na rede do esforço, produz o seu próprio desperdício de energia. Afinal de contas, psicologicamente, toda a nossa atividade é egocêntrica. Observai esse fato em vós próprios, vede por vós mesmos todo o padrão, todo o mapa de vossa vida; ela é egocêntrica, suas atividades, por mais que se ampliem, são o produto daquele centro, com seus esforços para preencher-se, vir a ser, mudar, alcançar poder, posição, prestígio, tornar-se pessoa importante, num mundo insensato; tudo gravita em torno desse movimento egocêntrico. Essa atividade egocêntrica é, essencialmente, um desperdício de energia. Nela, está sempre em ação a vontade. A vontade é a forma aguda do desejo, é o poderoso impulso de uma certa reação, de uma certa exigência de prazer. Toda ação da vontade é separativa, e, quando há separação, há necessariamente conflito. Onde há dualidade, em qualquer forma, é inevitável o desperdício de energia, o qual supõe conflito, dor, prazer, sofrimento. E todas as nossas atividades e murmurações interiores, todas as nossas exigências e apetites psicológicos, estão concentrados em torno desse "eu", desse "ego". Todas as ações do "ego" — bem observadas — são um desperdício de energia, porque conducentes ao isolamento. Ainda que um homem seja casado, tenha filhos, pai, mãe — ele e sua mulher vivem vidas "particulares", vidas separadas; poderão encontrar-se na cama, mas suas vidas são separadas. O marido, no exercício de sua profissão, ambicioso, todo empenhado em alcançar posição, prestígio etc.; a mulher, com as próprias ambições e invejas. E, assim, nessa atividade egocêntrica, nega-se o verdadeiro estado de relação.

Tudo isso podeis ver bem claramente, tornando-vos cônscio de vossa própria vida. Em vosso caminho pela vida, estais sempre a isolar-vos psicologicamente, e a tornar-vos cônscio de vossa solidão, vosso vazio, vosso estado de separação, de isolamento, causador de tanto sofrimento. E o esforço para vos libertardes do sofrimento ou vos identificardes com algo superior — é o mesmo processo de isolamento, sob outra forma. E todas as culturas deste mundo baseiam-se nesse processo — isolamento, identificação e, depois, não tendo a possibilidade de identificar-vos com algo superior, a invenção de uma outra coisa. Esse pro-

cesso se verifica ininterruptamente, sendo, por conseqüência, um desperdício de energia. Porque, nele, estão envolvidos o conflito e o prazer, que geram dor. De tudo isso estamos mais ou menos cônscios, se a seu respeito refletimos ou estamos suficientemente vigilantes. Se a pessoa é muito sagaz, pode inventar uma filosofia ou uma nova fórmula, um novo conceito, e tentar viver em conformidade com esse conceito; mas, por outro lado, o viver segundo um princípio, uma fórmula, produz mais conflito. Vemo-nos, pois, infinitamente, envolvidos em conflito, prazer e dor, sofrimento e todas as demais desditas e torturas do homem. Eis a nossa sina!

E, quando realmente observamos ou estamos vigilantes, recebemos, por vezes, uma comunicação, uma sugestão sobre uma diferente condição de vida, um viver de espécie diferente; essa comunicação, essa sugestão se torna memória e a essa memória ficamos apegados e a desejar que se repita, tenha continuidade, duração. E eis-nos de novo envolvidos na batalha entre "o que *foi*" e "o que *é*".

Por conseguinte, ao tornar-nos cônscios da existência desse enorme e complexo problema, tanto no nível consciente da mente como no inconsciente, indagamos o que cumpre fazer, se realmente pode fazer-se alguma coisa ou se estamos para sempre acorrentados ao tempo, ao sofrimento e à confusão. Não sei por que razão dividimos a consciência em "exterior" e "interior", a consciência superficial e a que está abaixo do nível consciente. Porque se faz tanto barulho em torno do inconsciente? Sei que se tornou moda falar no inconsciente e que a seu respeito se tem escrito uma enorme quantidade de livros — e que, graças a ele, os analistas prosperam! O inconsciente é tão trivial, tão estúpido, feio e brutal como a mente consciente. O inconsciente é algo que nunca examinamos ou não soubemos examinar; ele é o resíduo de todo o passado, é tradição, cultura, herança racial, família, etc. E, obviamente, é muito limitado, pequeno. E ele, decerto, pode ser lançado fora, varrido para o lado. Mas, não podemos varrê-lo se simplesmente dizemos "Vou varrê-lo"; isso tem de ser feito com um simples olhar. Mas esse olhar deve ser muito rápido, não deve ser um olhar analítico, porém um ato que nos faça ver imediatamente. Essa percepção direta constitui a "totalização" da energia de que necessitamos para apagar de todo o inconsciente.

Estamos, pois, vendo tudo isso — aflição, agonia, agressão, violência e, ocasionalmente, a beleza do amor e a intuição de uma certa coisa diferente da monótona rotina da vida de cada dia. E o desejo de aprisionar essa "outra coisa", esse "algo" que o homem tem andado a buscar e a pedir, sempre foi explorado pelas igrejas, em todas as partes do mundo, pelas religiões, pelos homens sagazes que dizem: "Eis a porta que deveis transpor; só há um Salvador e dele somos os representantes", ou "Só há uma única organização; só nós conhecemos a verdade, e ninguém mais a conhece". Outros há que dizem: "Vinde para nosso *Ashram,* nosso centro, nosso campo de concentração; nós vos treinaremos para descobrir a verdade." A ânsia humana por uma "outra coisa", uma coisa diferente, sempre foi explorada. E todos os instrutores, em diversos graus, prescrevem o controle do pensamento, quando, se desejamos ver bem claramente uma coisa (a flor, a nuvem, o pássaro nos ares, os nítidos contornos de uma bela montanha), temos de olhar com olhos novos, olhos imaculados, inocentes, e isso significa prestar atenção.

A concentração é um desperdício de energia. Talvez o que estou dizendo contradiga o que já vistes ou aprendestes — e eu espero que sim — porque, como vereis ao aprofundarmos mais esta questão, permitimos facilmente que a concentração nos dissipe a energia. A concentração, afinal de contas, é um processo de exclusão: desejo concentrar-me numa imagem, num livro ou outra coisa, mas minha mente se põe a "viajar" e eu a faço voltar para concentrar-se; essa batalha, esse esforço para nos concentrarmos num ponto quando a mente está interessada noutro, é consumo de energia, um processo de exclusão. Portanto, podemos pôr de lado, completamente, a concentração.

Mas, vós necessitais da atenção, algo bem diferente da concentração. Ignoro se sabeis olhar atentamente. Talvez gosteis de visitar museus para contemplar quadros ou estátuas. Prestamos realmente atenção às coisas, ou só queremos comparar, julgar, avaliar? A atenção só existe quando dedicamos a mente, o coração, os nervos, os olhos, os ouvidos, a determinada coisa, quando "escutamos" a verdade ou uma mentira. Aplicando-se a atenção total, deixa de haver problema. Só no estado de desatenção, isto é, na ausência da atenção, aparecem os problemas. E a atenção não está em nenhuma relação com a vontade e a concentração. Porque a mente desatenta é aquela que está "cheia de pensa-

mento". Estais aceitando ou rejeitando o que se está dizendo? O que acabamos de dizer foi: a mente está desatenta, não se encontra totalmente atenta, quando o pensamento está em funcionamento. Dissemos que o pensamento é desatenção. Não sei se alguma vez já prestastes atenção. Ao prestardes atenção, completamente, com todo o vosso ser, não há pensamento de espécie alguma. É só quando não nos achamos naquele estado de atenção plena, que o pensamento começa a funcionar. E pensamento é consumo de energia, porquanto é reação da memória, do conhecimento — que é necessário no campo tecnológico, porém totalmente dispensável e um desperdício de energia, noutro nível, no nível psicológico.

O pensamento, pois, nunca é novo, nunca é livre; ele é sempre velho, porque produto do passado, como experiência, como conhecimento, como memória. Um computador, o cérebro eletrônico, não pode produzir nada novo; só é capaz de repetir, de responder em conformidade com as "informações" que lhe foram fornecidas; segundo certas experiências, ele pode aprender, por exemplo, a jogar xadrez, a executar os seus movimentos, mas, uma vez "aprendidos" esses movimentos, eles já pertencem ao passado. O mesmo acontece conosco: nossos cérebros foram condicionados, durante séculos e séculos, para viver num determinado padrão de pensamento, de uma certa maneira, e, por essa razão, o pensamento é sempre velho e, por conseguinte, incapaz de produzir energia. Eu posso excitá-lo, fazê-lo produzir prazer, e esse prazer e seu cultivo dão-nos uma certa energia, mas essa energia se dissipa por efeito da dor.

O pensamento, pois, por mais que lute para adquirir atenção, nunca o consegue, porque a atenção é sempre nova. Ela não pode ser praticada ou aprendida passo por passo. A mente que está sendo treinada, exercitada, condicionada, que vive uma vida de tristeza e aflição, dissipa sua própria energia. Assim, o que ela pode fazer é, apenas, estar cônscia de seus próprios estados, suas próprias disposições, de seu próprio temor, suas mesmas exigências e apetites — ver tudo isso, simplesmente, sem desejar alterar nada. No momento em que dizeis "preciso mudar", atraís o conflito e ficais enredado no seu padrão. Mas, se virdes a coisa realmente — o medo, a solidão, a profunda tristeza que experimentamos, tão misturada de autocompaixão; se a virdes claramente, tereis então uma energia

completamente diferente, não contaminada pelo passado e, portanto, capaz de atirar-se ao problema e acabar com ele imediatamente, em vez de levá-lo para o futuro.

A meditação, como dissemos, é a "totalização" da energia. E dessa energia total nós necessitamos, para operar a revolução radical em nosso interior. Afinal de contas, só uma mente juvenil é capaz de revoltar-se, de efetuar uma revolução em si mesma, e não uma mente envelhecida, que viveu sessenta, setenta anos fechada entre seus limites, que sofreu, e inventou uma quantidade de meios de fuga; esta é uma mente desperdiçada. Jamais encontrará saída alguma. E seu fim, geralmente falando, é a morte, a aflição, a confusão, a doença, a velhice. Como dissemos, só a mente jovem contém a essência de uma energia não contaminada. Só essa mente é inocente. Poderá passar por mil experiências, mas cada experiência é "atravessada" *(gone through)* e acabada, nunca é levada para diante, nunca deixa marca nenhuma.

Ao investigar-se a questão da meditação, cumpre investigar também a estrutura do pensamento. Que é pensar, qual o seu valor e significação? Tem ele, de fato, alguma importância, a não ser para fins tecnológicos? Sei que o pensamento se nos tornou uma coisa importantíssima; para nós, o pensamento, o intelecto, o cérebro, são de enorme significação. Porque dizeis: "Se não penso, que posso fazer, que posso "vir a ser"?" Não podeis, por meio da vontade, deter o pensamento, mas podeis compreender sua natureza e estrutura, sua origem. Se não compreenderdes o pensamento, jamais vos livrareis do medo. A não compreenderdes a natureza do pensamento, o sofrimento nunca terá fim.

Ao começardes a investigar o pensamento, deveis também tratar de investigar a natureza do prazer, de nossas avaliações, nossa moralidade, nosso modo de vida, baseados no prazer. A própria busca da Verdade, de Deus (ou como o chamardes) baseia-se no prazer — no desejo de segurança, da qual derivamos um imenso prazer. Assim, ao investigarmos esta questão, temos de perguntar a nós mesmos: O amor é prazer? O amor é coisa relacionada com o prazer, com o pensamento? Tivestes ontem uma experiência que vos proporcionou extraordinário deleite. Foi esse deleite, esse prazer, que deixou uma

marca; e o pensamento, ficando na dependência desse prazer, sustenta-o, nutre-o, dá-lhe continuidade, e desejamos a repetição desse prazer; é o que fazemos, sexualmente. E essa exigência do pensamento, essa exigência de prazer, é o que em geral se chama "amor". Quando amamos assim, nesse amor há dor, ciúme, ansiedade, medo, falta de companheirismo, solidão. Ora, o amor é prazer? Ou, quando amais, não há prazer? Ao verdes uma coisa muito bela, uma nuvem toda iluminada pelo Sol poente, esse espetáculo vos proporciona grande deleite — contanto que lhe presteis total atenção, e só podeis prestar toda a atenção se não dizeis "Que beleza!", etc.: quando sois capaz de olhá-lo atentamente, "não verbalmente". É, pois, o amor uma palavra, um símbolo, uma imagem que dá grande prazer? Se ele nos dá grande prazer, ao nos ser negado esse prazer, surge o medo. O pensamento cria o prazer, dá-lhe continuidade, assim como dá continuidade ao medo. Podeis observá-lo em vós mesmo, não precisais ler livros a seu respeito; tudo isso se encontra em vosso ser, se sois capaz de olhá-lo diretamente e com toda a simplicidade.

Ao vermos que o pensamento é o começo do sofrimento, desejamos descobrir, individualmente, como se origina o pensamento. Interrogamo-nos: "Pode o pensamento, que pertence ao tempo, cessar?" Porque tanto o pensamento como o tempo são um desperdício de energia; ambos levam à desatenção. Surge, assim, a questão: "Pode a mente tornar-se de todo quieta, inteiramente silenciosa?" — não, *silenciada* pelo pensamento, *aquietada* pela vontade e a concentração; isso de modo nenhum é quietude, porém, apenas, estagnação. Só a mente que está quieta é capaz de ver; se desejais ver uma flor, uma árvore, se desejais ver o rosto de vossa esposa ou marido, ou de um amigo (qualquer coisa que desejeis ver), tendes de olhá-lo sem pensamento, olhá-lo completamente, com a mente tranqüila, mente em que não haja nenhuma associação; podeis, então, *ver*. E, então, perguntamos "Como manter constantemente essa quietude?" E logo recomeça o problema — "como" descobrir uma maneira de conservar tal serenidade. É assim que se inventam sistemas, métodos, *gurus*, exercícios, etc., etc.

O importante não é saber "como" conservar a mente tranqüila, — pois essa tranqüilidade vem naturalmente, facilmente, sem nenhum esforço, se compreendeis, se sabeis olhar a estru-

tura e a natureza do pensamento — não, intelectualmente, porém olhar de fato o mecanismo do pensamento. E o ato de olhar tem sua disciplina própria. Nisso é que consiste a sua beleza. A beleza e o amor são inseparáveis; nem o amor nem a beleza é produto do pensamento e do prazer. A mente que busca o prazer não sabe o que significa amar, e sem amor não há meditação, não há compreensão da verdade.

21 de abril de 1968.

O PROBLEMA DAS RELAÇÕES

(Paris – IV)

Muitas vezes tenho perguntado a mim mesmo porque vamos a reuniões ouvir outros falarem, porque desejamos considerar juntos nossos problemas e, enfim, por que razão temos problemas. Em todas as partes do mundo, os entes humanos parecem ter uma infinidade de problemas. E vamos a reuniões como estas na esperança de adquirir uma certa idéia, uma fórmula, um método de vida, uma coisa que nos seja útil e nos ajude a vencer nossas inúmeras dificuldades, a resolver o complexo problema do viver. E, todavia, embora viva há milhões de anos, o homem ainda está a lutar, a tatear em busca de alguma coisa, tal como a felicidade, a realidade, ou uma mente imperturbável, capaz de viver neste mundo abertamente, de modo são e venturoso. E, entretanto, inexplicavelmente, não parecemos capazes de descobrir uma realidade que nos dê total e duradoura satisfação. E, agora, que aqui nos encontramos pela quarta vez, estou a interrogar-me por que razão nos reunimos ou trocamos palavras uns com os outros. Já se fez tanta propaganda, tanta gente já nos disse como devemos viver, o que devemos fazer, o que devemos pensar; inventaram-se tantas teorias — o que ao Estado compete fazer, o que a sociedade deve ser; e, em toda a parte, os teólogos apregoam um dogma fixo ou uma crença, em torno da qual constroem fantásticos mitos e teorias. E, pela propaganda, por essa perpétua torrente de palavras, vamos sendo moldados, nossas mentes condicionadas, e gradualmente perdemos toda a sensibilidade.

Para nós, o intelecto importa sobremodo, o pensamento é essencial — o pensamento que é capaz de funcionar logicamente, com sanidade e inteligência. Mas, eu quisera saber se o pensamento tem alguma importância nas relações. É esta a matéria que vamos considerar nesta tarde. Dissemos ser necessário fazer perguntas fundamentais, perguntas essenciais. Nas três reuniões precedentes, estivemos considerando aquela pergunta cuja resposta o homem sempre andou a buscar: em que relação está o homem — que vive no meio de tanta confusão, de tanta aflição, com fortuitos momentos de felicidade — em que relação está o homem com aquela imensa realidade — se alguma relação existe, afinal de contas? Examinamos bem essa questão.

Nesta tarde, talvez possamos considerar (não intelectualmente, porém realmente, com nosso coração, nossa mente, todo o nosso ser), talvez possamos dispensar toda a atenção à questão das relações, não só entre os homens, mas também à relação do homem com a natureza, com o universo, com tudo o que vive. Porém, como já observamos, a sociedade nos está fazendo, e nós estamos ficando cada vez mais mecânicos, superficiais, insensíveis, indiferentes. Uma horrível matança está ocorrendo no Extremo Oriente e nos mantemos relativamente despreocupados. Alcançamos grande prosperidade, mas essa prosperidade nos está destruindo, porque nos estamos tornando indiferentes e indolentes, porque nos mecanizamos, perdendo a estreita relação com todos os homens e todos os entes vivos; e parece-me importantíssimo fazermos esta pergunta: Que é relação — se de fato alguma relação existe — e que lugar compete, nessa relação, ao amor, ao pensamento e ao prazer?

Como dissemos, vamos considerar esta questão, mas não intelectualmente, que significa "fragmentariamente". Dividimos a vida em intelecto e emoções, dividimos em compartimentos toda a nossa existência — o especialista, no campo científico, o artista, o escritor, e o simples leigo, como vós e eu. Estamos fragmentados em nacionalidades, classes, separações essas que se alargam e aprofundam cada vez mais. Consideremos esta questão da relação, questão realmente importantíssima, porque viver é estar em relação; e, considerando-a, indaguemos o que significa viver. Que é nossa vida, que exige relações profundas, seja com a esposa, o marido, os filhos, a família, seja com a comunidade

ou outra entidade qualquer? Ao tratarmos desta questão, não podemos considerá-la fragmentariamente, porque, se tomamos uma única seção, uma única parte da totalidade da existência e procuramos resolver só essa parte, a questão não fica de modo nenhum resolvida. Mas, talvez tenhamos possibilidade de compreender esta questão das relações e de viver diferentemente, se a considerarmos em seu todo, e não fragmentariamente (como, por exemplo, o indivíduo e a comunidade, e o indivíduo em oposição à comunidade, o indivíduo e a sociedade, o indivíduo e a religião, etc. — pois tudo isso são fragmentos). Queremos sempre resolver os nossos problemas pela compreensão de um insignificante fragmento da existência inteira. Assim, pergunto se podemos, pelo menos por esta tarde (e espero por todo o resto de nossa vida) observar a vida sem estarmos fragmentados — como católicos, protestantes, especialistas do Zen, ou seguidores de determinado *guru,* determinado Mestre, coisa absurda e pueril. Temos um problema imenso, que é o de compreender a existência, de aprender a viver. E, como dissemos, viver é relação, não há viver se não estamos em relação. E, como a maioria de nós não se acha em relação, no sentido mais profundo da palavra, tentamos identificar-nos com alguma coisa — com a nação, com um dado sistema ou filosofia, ou certo dogma ou crença. É isto que se observa no mundo: a identificação de cada indivíduo com alguma coisa — com a família ou com sua própria pessoa — e eu não sei o que significa "identificar-se consigo mesmo".

Esta existência fragmentária, separativa, leva inevitavelmente a várias formas de violência. Assim, se pudéssemos dispensar atenção ao problema das relações, teríamos talvez a possibilidade de resolver as iniquidades sociais, as injustiças, a imoralidade e aquela coisa terrífica chamada "respeitabilidade", que o homem sempre cultivou. "Ser respeitável" é ser moral em conformidade com uma coisa deveras imoral. Em tais condições, há alguma espécie de relação? Relação significa estar em contato, profundamente, fundamentalmente, com a natureza, com outro ente humano — estar em relação, não de sangue, como membro de uma família, ou como marido e mulher, pois isso dificilmente pode chamar-se "estar em relação". Para compreender a natureza desta questão, temos de considerar outro ponto, ou seja o mecanismo da formação de imagens, da criação de uma

idéia, de um símbolo. Quase todos nós temos imagens acerca de nós mesmos e a imagem de outrem; temos tais imagens, nas relações. Tendes vossa imagem do orador, e o orador, como não vos conhece, não tem imagem nenhuma de vós. Mas, quando conhecemos uma pessoa intimamente, dela já formamos uma imagem; a própria intimidade implica a imagem que tendes da pessoa — a esposa tem uma imagem do marido, e este tem uma imagem dela. E há a imagem da sociedade, e as imagens que temos acerca de Deus, da verdade, de tudo.

Como se origina essa imagem? E, se ela existe — e ela existe, pode-se dizer, em todas as pessoas — como é então possível haver qualquer relação real? Relação significa estar profundamente em contato um com outro. Dessa relação pode nascer a cooperação, o trabalhar juntos, fazer coisas juntos. Mas, se há alguma imagem — eu com uma imagem de vós, e vós com uma imagem de mim — que relação pode haver, a não ser a relação de uma idéia, de um símbolo, de uma certa memória, que se torna a imagem? Estão essas imagens em relação, e é nisso que consistem as relações? Pode haver amor, no verdadeiro sentido desta palavra (não em conformidade com os sacerdotes, ou em conformidade com os teólogos, ou em conformidade com os comunistas ou esta ou aquela pessoa), pode haver efetivamente esse sentimento de amor quando as relações são puramente conceptuais, entre imagens, e não relações reais? Só pode haver relação entre os entes humanos quando aceitamos *o que é*, e não *o que deveria ser*. Estamos sempre vivendo no mundo das fórmulas, dos conceitos, que são imagens do pensamento. Pode, pois, o pensamento, o intelecto, estabelecer relações corretas? Pode a mente, o cérebro, com todos os seus instrumentos de autoproteção, formados através de milhões de anos — pode esse cérebro, que é inteiramente reação da memória e do pensamento, estabelecer relações corretas entre os seres humanos? Que lugar compete à imagem, ao pensamento, nas relações? Há realmente lugar para eles?

Não sei se fazeis a vós mesmos tais perguntas, quando olhais aquelas nogueiras, com suas flores semelhantes a brancos círios apontados para o céu. Qual a relação existente entre vós e elas, que relação tendes, não emocional ou sentimentalmente, com essas coisas? E, se perdestes a relação com a natureza, como podeis estar em relação com o homem? Quanto mais vivemos

na cidade, tanto menos estamos em contato com a natureza. Quando saís a passear, num domingo, olhais as árvores e dizeis "Que bonitas!" e retornais à vossa vida de rotina, dentro de gavetas, chamadas casas ou apartamentos. Estais perdendo a relação com a natureza. Prova-o o fato de visitardes os museus e passardes uma manhã inteira a contemplar quadros — abstrações de "o que é" — o que demonstra que perdestes realmente, totalmente, o contato e a relação com a natureza. Quadros, concertos, estátuas, tornaram-se de enorme importância, e nunca olhais uma árvore, um pássaro, o esplendor de uma nuvem.

Ora, que são relações? Temos, de fato, alguma espécie de relação? Vivemos tão fechados, tão absorvidos em proteger-nos, que nossas relações se tornaram apenas superficiais, sensuais, aprazíveis. Se nos examinarmos em silêncio (não de acordo com Freud ou Jung ou outro especialista), se observarmos a nós mesmos tais como realmente somos, talvez possamos descobrir o quanto estamos a isolar-nos todos os dias, a erguer em torno de nós muralhas de defesa, de medo. *Olhar* a nós mesmos é mais importante e de maior necessidade do que nos observarmos de acordo com um especialista. Se vos olhais de acordo com Jung ou Freud, ou Buda, ou outrem, estais a olhar-vos com olhos alheios. Isso estamos sempre fazendo; para olhar, já não dispomos de nossos próprios olhos, e eis porque estamos perdendo a beleza que há em *olhar.*

Pois bem; quando vos olhais diretamente, não descobris que vossas atividades diárias (vossos pensamentos, vossas ambições, vossa agressividade, vossa constante ânsia de ser amado e de amar, a constante tortura do medo, a agonia do isolamento), não descobris que essas coisas são fortemente separativas e causadoras de profundo isolamento? E, nesse profundo isolamento, que relação podeis ter com outro, com esse outro que também se isola com sua ambição, sua avidez, sua avareza, sua ânsia de domínio, de posse, de poder, etc.? Eis, pois, duas entidades chamadas entes humanos a viverem em seu próprio isolamento, a gerarem filhos, etc., mas sempre no isolamento. E a cooperação entre essas duas entidades isoladas torna-se mecânica; alguma cooperação, entretanto, é necessária entre eles, para que possam viver, ter família, trabalhar num escritório ou numa fábrica, mas eles permanecem sempre entidades isoladas, com suas crenças e dogmas, suas nacionalidades — bem conheceis

todas as coisas de que o homem se cerca para isolar-se dos demais. O isolamento, portanto, é, essencialmente, o fator do estado de "não relação". E nas pseudo-relações desse isolamento, o prazer se torna da máxima importância.

Pode-se ver como, em todo o mundo, o prazer se está tornando cada vez mais exigente, mais insistente, porque todo prazer — se o observais atentamente — é um processo de isolamento; e esta questão do prazer precisa ser examinada no contexto das relações. O prazer é produto do pensamento, não? Houve prazer numa coisa que ontem experimentastes, na beleza ou na percepção sensitiva, ou no excitamento dos sentidos ou do sexo. Pensais nessas coisas, formais uma imagem daquele prazer ontem experimentado. Eis como o pensamento sustenta e dá nutrição à coisa que ontem chamastes deleitável. E, assim, o pensamento exige, hoje, a continuação daquele prazer. Quanto mais pensais na experiência que tivestes e que por um momento vos deleitou, tanto mais o pensamento lhe dá continuidade, na forma de prazer e de desejo. E que relação tem isso com a questão fundamental da existência humana: Como estamos relacionados? Se nossa relação é produto do prazer sexual, ou do prazer derivado da família, da propriedade, do domínio, do controle, do medo de nos vermos desprotegidos, privados de segurança interior e, por conseguinte, sempre a buscar o prazer — então que lugar compete ao prazer nas relações? A exigência de prazer destrói todas as relações, sejam sexuais, sejam de outra espécie. E, se bem observarmos, veremos que todos os nossos chamados "valores morais" baseiam-se no prazer, embora o disfarcemos com a "virtuosa" moralidade de nossa respeitável sociedade.

Assim, quando nos interrogamos, quando olhamos fundo em nós mesmos, percebemos essa atividade de auto-isolamento, esse "eu", esse "ego", a erguer defesas em torno de si, e essas próprias defesas *são* o "eu". Este "eu" é isolamento, é ele que produz fragmentos, que produz o "olhar" que se fragmenta em pensador e pensamento. Assim, que lugar compete ao prazer, que é produto de uma lembrança sustentada e nutrida pelo pensamento — o pensamento que é sempre velho, e nunca livre? Que tem a ver esse pensamento, que concentrou sua existência no prazer, com as relações? Fazei a vós mesmos esta pergunta, não vos limiteis a ouvir as palavras deste orador — que amanhã já não estará aqui. Vós tendes de viver vossa própria vida e,

por conseguinte, o orador é inteiramente sem importância. O importante é fazerdes a vós mesmos estas perguntas, e, para fazê-las, deveis ser ardorosos, estar inteiramente dedicados à investigação. Porque só ao manifestardes esse ardor, essa determinação, estais vivendo, só quando sois profundamente aplicados, a vida desabrocha, tem significado, tem beleza. Deveis interrogar-vos: É ou não é um fato que estamos vivendo na dependência de uma imagem, de uma fórmula, de um fragmento que nos está isolando? Não foi por causa desse isolamento que o medo, com sua dor e prazer (produtos do pensamento), se tornou existente? Tenta então aquela imagem identificar-se com algo que seja permanente, com Deus, com a verdade, com a nação, a bandeira, etc.

Assim, se o pensamento é velho (e ele é sempre velho e, por conseguinte, nunca é livre), como pode ele compreender as relações? As relações estão sempre no presente, no presente vivo (não no passado morto, da memória, das lembranças, do prazer e da dor), as relações estão ativas *agora;* "estar em relação" significa justamente isso. Ao olhardes para outra pessoa com olhos cheios de afeição, de amor, estabelece-se uma relação imediata. Quando sois capaz de olhar uma nuvem com olhos que a estão vendo pela primeira vez, há então uma relação profunda. Mas, se o pensamento se intromete, então essa relação se converte em imagem. Assim, pergunta-se: Que é o amor? O amor é prazer? O amor é desejo? É o amor a lembrança de uma multiplicidade de coisas que formastes e conservastes — a respeito de vossa esposa, de vosso marido, de vosso próximo, da sociedade, da comunidade, de vosso Deus? Pode-se chamar a isso amor?

Se o amor é produto do pensamento (como de fato é, na maioria dos casos), então esse amor está fechado entre cercas, emaranhado na rede do ciúme, da inveja, do desejo de dominar, de possuir e ser possuído, da ânsia de ser amado e de amar. Pode, então, haver amor a um e amor a todos? Se amo um, destruo o amor para com outros? E como, para a maioria de nós, o amor é prazer, companhia, conforto, segregação na família e o sentimento de segurança que nela se encontra — existe, aí, realmente amor? Pode um homem que está acorrrentado à família amar o seu próximo? Podeis discorrer teoricamente acerca do amor, ir à igreja para amar a Deus (o que quer que isso signifique) e, no dia seguinte, ir para o trabalho e destruir o

vosso próximo — porque estais em competição com ele, ambicionando o seu cargo, as suas posses, e desejando melhorar a vós mesmos, comparando-vos com ele. Assim, quando, dentro em vós, existe essa atividade, da manhã à noite, e mesmo durante o sono, em sonhos, podeis estar em relação? Ou relação é coisa de todo diferente?

Só pode haver relação quando há total abandono do "eu", do "ego". Quando *não existe* "eu", estais então em relação; nesta, não há separação de espécie alguma. Provavelmente, nunca experimentamos esse estado de total negação (não intelectual, porém real), de total cessação do "eu". E talvez seja esse estado que a maioria de nós está buscando, sexualmente ou pela identificação com uma coisa superior. Todavia, esse processo de identificação com uma coisa superior deriva do pensamento; e o pensamento é sempre velho (como o "eu", o "ego", ele pertence ao passado). Apresenta-se, assim, a questão: Como é possível abandonar de todo esse processo isolante, esse processo que se centraliza no "eu"? Como é possível isso? Compreendeis esta pergunta? Como pode o "eu", cujas atividades diárias são motivadas pelo medo, pela ansiedade, pelo desespero, a tristeza, a confusão e a esperança — como pode esse "eu" que se separa de outro pela identificação com Deus, com seu condicionamento, sua sociedade, suas atividades morais e sociais, com o Estado — morrer, desaparecer, para que o ente humano possa estar em relação? Porque, se não estamos em relação, iremos viver em guerra uns com os outros. Poderá não haver matança mútua, porque isso se está tornando muito perigoso, a não ser, talvez, em terras muito longínquas. Como podemos viver de modo que não haja separação, de modo que possamos cooperar realmente?

Há tanta coisa por fazer neste mundo — acabar com a pobreza, viver com felicidade, viver deleitosamente em vez de viver na agonia e no medo, edificar uma sociedade de espécie completamente diferente, com uma moralidade superior. Isso, porém, só se tornará possível quando a moralidade da atual sociedade for totalmente negada. Há tanto que fazer, e que não poderá ser feito enquanto estiver em funcionamento o processo de isolamento. Falamos do "eu", do "meu", e do "outro"; "o outro" está do outro lado do muro, e o "eu" e o "meu" deste lado. Como pode, pois, essa essência da resistência, que é o "eu", ser totalmente abandonada? Porque esta é realmente a questão mais

importante, em todas as relações — já que percebemos que a relação entre imagens não é relação nenhuma e que, quando existe tal qualidade de relação, há necessariamente conflito e estamos sempre em guerra uns com os outros.

Ao fazerdes a vós mesmos essa pergunta, direis, inevitavelmente: "Tenho de viver num estado de vacuidade, de vazio?". Não sei se já vistes o que significa ter uma mente totalmente vazia. Vós tendes vivido num espaço criado pelo "eu" (um espaço limitadíssimo). O espaço que o "eu" (o processo de isolamento) criou entre uma pessoa e outra, é esse o único espaço que conhecemos, o espaço entre ele próprio e a circunferência (a fronteira que o pensamento criou). Nesse espaço é que vivemos; nele há divisão. Dizeis: "Se abandono a mim mesmo, ou se abandono o centro que é o "eu", ficarei vivendo num vácuo." Mas, já alguma vez abandonastes o "eu", de fato, realmente, de modo que dele não tenha ficado nenhum resquício? Já vivestes neste mundo nesse estado de espírito — no vosso trabalho, com vossa esposa ou marido? Se alguma vez já vivestes assim, deveis saber que há um estado de relação em que o "eu" não existe, um estado que não é utópico, que não é coisa sonhada ou experiência mística, irracional, porém um estado possível: viver numa dimensão em que todos os entes humanos estejam relacionados.

Mas essa possibilidade só existe se compreendemos o que é o amor. E, para existirmos, para vivermos nesse estado, temos de compreender o prazer (sustentado pelo pensamento) e todo o seu mecanismo. Então, se poderá ver instantaneamente todo o complicado mecanismo que construímos para nós mesmos e em redor de nós. Não há necessidade de percorrermos todo o processo analítico, ponto por ponto. Toda análise é fragmentária e, por essa porta, não virá resposta nenhuma.

Existe este imenso e complexo problema da existência, com seus temores, ansiedades, esperanças, passageira felicidade e alegrias, mas a análise não pode resolvê-lo. O que o resolverá é abarcá-lo, no seu todo, num rápido lance de olhos. Só podemos compreender uma coisa quando a olhamos (não com o olhar prolongado, exercitado, do artista, do cientista ou do homem que se exercitou para "olhar"), só podemos compreender uma coisa quando a olhamos com toda a atenção, quando a vemos, em seu

conjunto, num relance de olhos. E, assim, vos sentireis livres. Estareis então fora do tempo. O tempo se deterá e, por conseguinte, terá fim o sofrer. O homem entregue à amargura ou ao medo não está em relação. Como pode um homem ambicioso de poder estar em relação? Ele poderá ter família, dormir com sua mulher, mas não está em relação. Quem compete com outro não está em nenhuma relação. E toda a nossa estrutura social, com sua moralidade, se baseia na competição. Achar-se em relação, fundamental e essencialmente, significa cessação do "eu", gerador da separação e do sofrimento.

25 de abril de 1968.

COMPREENDER O SOFRIMENTO

(Paris — V)

SENDO esta a última palestra, vamos nesta manhã considerar juntos várias questões e, ainda que não possamos entrar em muitos detalhes, devemos considerá-las muito seriamente. As palavras nos são necessárias como meio de comunicação; e a comunicação pode ser simplesmente verbal, ou pode ser uma comunhão, coisa muito diferente de apenas ouvir palavras. Estar em comunicação implica, por certo, que nos encontramos no mesmo nível, a um só tempo, com a mesma intensidade; de outro modo, não estamos em comunhão. Podemos compreender verbalmente, ouvir uma série de palavras e tratar de trasladá-las para o nosso próprio *fundo* (background) — comparando, julgando, avaliando. Mas, a comunhão é coisa bem diversa; torna-se existente quando há o encontro da mente e do coração, quando nos encontramos com a outra pessoa no mesmo nível de intensidade, paixão, plenitude. Há, então, uma comunhão que transcende as palavras. Mas, em geral, somos de tal maneira impelidos pelo intelecto, que estamos apegados a palavras, e estas se tornaram de enorme importância. Ora, o símbolo, a palavra, nunca é a realidade. Mas, para que, nesta manhã, possamos estar em comunicação, devemos encontrar-nos uns com os outros, não no nível verbal ou em altos níveis intelectuais, porém simplesmente encontrar-nos para tratarmos de problemas que muito importa compreender e ultrapassar.

Assim, o assunto de que vamos tratar exige muita penetração, não verbalmente, porém realmente, porquanto a palavra nunca é o real, jamais é a própria coisa. Quando dizemos "porta",

a palavra "porta" não é a porta real; nós temos de apalpar a porta, para sentir-lhe a substância, sua aspereza ou lisura, e a palavra não pode transmitir-nos esse conhecimento. E uma palavra como, por exemplo, "sofrimento", não é a própria aflição, agonia, ansiedade, não é o medo que essa palavra implica. Como ultrapassar e extinguir o sofrimento é um dos nossos problemas principais, senão o mais importante de todos, porque a mente que sofre está vivendo na escuridão, é incapaz de ver com clareza, está sempre em confusão. O compreender e, portanto, pôr fim ao penar, requer muita atenção, tendo-se sempre em mente que a palavra nunca é a coisa — a dor, o desespero, a falta de amor, a solidão, e a dissolvente autocompaixão. Ora, tem o ente humano, que vive neste mundo totalmente caótico (onde cada indivíduo está neuroticamente a trabalhar para si próprio), tem o ente humano alguma possibilidade de libertar-se completamente da aflição?

Não sei se alguém dentre nós já fez, uma vez sequer, essa pergunta, ou se simplesmente nos conformamos com o sofrimento, suportando-o, acostumando-nos com ele. Quando nos acostumamos com uma coisa (a beleza, a fealdade, uma formosa nuvem a cruzar os ares, as flores), quando nos acostumamos com a beleza ou a fealdade, nossa mente se embota. Como a grande maioria de nós jamais conseguiu resolver esta questão do sofrimento, passamos a render-lhe culto, como um símbolo, como o fazem os cristãos, ou, como se faz na Ásia, a dar explicações, intermináveis explicações das causas do sofrimento. Mas a explicação da causa jamais o dissipará. Assim, se desejamos libertar-nos do sofrimento, em todos os níveis (e isso devemos fazer — libertar-nos completamente dele, em todos os níveis da consciência, nunca mais sentir dor, ansiedade, solidão, autocompaixão — e tudo isso está compreendido na palavra "sofrimento"), se desejamos essa libertação, cumpre-nos compreender a natureza e a estrutura do pensamento e do tempo. Assim, se possível, iremos nesta manhã, juntos, explorar este problema.

O investigar requer a participação de todos nós. Devemos ser tão ardorosos, e tão objetivos e diretos, quanto a investigação o exige. Portanto, não estamos aqui apenas para escutar uma fórmula ou uma série de idéias, porém, sim, para explorar juntos a questão do padecimento; e, para a investigarmos, necessitamos de liberdade. De regra, consciente ou inconscientemente, não

desejamos ser verdadeiramente livres. Em geral, não queremos ser livres. Queremos estar livres em relação aos pontos dolorosos, queremos livrar-nos das coisas que nos causam dor, conflito e ansiedade. A liberdade não é relativa: ou somos livres, ou não somos livres. Não é nos libertarmos *de* uma dada coisa; se estamos libertos *de* uma certa coisa, essa liberdade supõe resistência. Se desejo libertar-me da inveja, a ela tenho de resistir, tenho de negá-la, de controlá-la, de exercer a vontade; tudo isso são formas de resistência, e resistência nunca é liberdade. Só vem a liberdade quando somos capazes de olhar a coisa completamente, com o intelecto, a mente e o coração, e sem nada deformar. Essa liberdade é necessária ao observar. É uma liberdade isenta da ânsia de resolver o problema, porque o problema do sofrimento só pode ser resolvido quando sabemos olhá-lo em sua totalidade, com a mente, o coração, com todo o nosso ser, e sem autocompaixão.

A liberdade faz parte desta investigação, porque, é bem de ver, sem liberdade não pode haver ordem, sem liberdade não pode haver clareza. E para se descobrir o que é a liberdade (descobri-lo, não teoricamente, não filosoficamente, porém realmente, com nossos próprios olhos, nosso próprio ânimo, nossa própria sensibilidade), torna-se necessário examinar a questão do medo. O sofrimento pode ser compreendido e acabado quando há liberdade; e não pode haver liberdade enquanto há medo. Mas, pode o homem (vivendo neste mundo, com todas as suas complexas exigências sociais e pressões econômicas, sob tremenda tensão, ameaças de guerra e de insegurança, sob o enorme peso e influência da incessante propaganda por parte das igrejas, dos políticos e dos sacerdotes), pode o homem libertar-se do medo, tanto exteriormente, fisicamente, como interiormente? Se não pomos fim ao medo, ficaremos inevitavelmente vivendo na escuridão, e em conflito. Acho que não percebemos a importância de nos libertarmos completamente do temor. O medo nos põe neuróticos, leva-nos à fuga do viver de cada dia, do viver real. Ele faz-nos fugir para as igrejas, para toda espécie de refúgio, deuses, filosofias, teorias. E gera dogmas, crenças, superstições. Todas essas formas de neurose existem em cada um de nós, porque temos medo. Tememos perder nosso emprego, ficar sem dinheiro, não ser amados, não nos preenchermos, não termos êxitos, exterior e interiormente; temos medo de ficar sós, de sentir o

vazio de nossa vida, nossa total esterilidade de pensamento. "O pensamento é o filho de uma mulher estéril." E temos medo da morte, da vida, e do amor. É possível fazermos a nós mesmos aquela pergunta (pode o homem libertar-se do medo?) com igual exigência à da fome, igual intensidade à da dor? De outro modo, a resposta não virá. Com a intensidade própria da paixão de descobrir, alcança-se infalivelmente um estado de espírito em que não se teme coisa alguma.

Vamos, pois, investigar se a mente humana, que sempre buscou a segurança, tanto física como psicológica, que sempre se nutriu da certeza e da segurança em tudo o que faz, em suas relações, em seu emprego, em seu movimento de pensamento — se essa mente, que nunca encontrou a segurança e teme não encontrá-la, tem mesmo alguma possibilidade de achá-la. Existe — psicologicamente, interiormente — essa coisa que chamamos "segurança" — no saber, na crença, na experiência, na posse? Assim como possuís uma casa, assim também quereis possuir vossa esposa, vosso marido, vosso amigo. Mas, nisso, pode haver alguma segurança? Há alguma coisa permanente na vida? Ou é a vida um movimento total, em que nenhuma permanência existe, nenhuma segurança? Fazei a vós mesmos esta pergunta, não intelectualmente, porque isso não resolve nada; tratai de descobrir pessoalmente, isto é, cada um olhar a si próprio, observar seu próprio estado, seu crescente medo a respeito de tudo — medo da morte, medo da velhice. E existe nesta vida, psicologicamente, alguma coisa de seguro, de permanente? Vossa relação com vossa esposa, vosso marido, com qualquer coisa, é permanente? Ou é o pensamento que dá permanência àquilo que é impermanente?

O pensamento está sempre a buscar, em todas as relações, alguma coisa que dure sempre. O pensamento, em sua busca de segurança, está com efeito a buscar o prazer, e no prazer há sempre dor e, por conseguinte, constante sofrimento. Observai isso em vós mesmos, para verdes como é simples, como o pensamento se origina, e como o medo nasce do pensamento. E, como dissemos, nós nunca enfrentamos o medo. Sabemos, de fato, o que é o medo? Ou só o conhecemos mediante o reconhecimento de algo que chamamos medo, algo sucedido ontem? Isto é, conheço realmente o medo no mesmo instante em que se manifesta? Ou só o conheço depois de passado, isto é, reconheço-o?

Estamos por enquanto falando sobre os temores psicológicos. E, para compreendermos a natureza do medo, temos também de observar a estrutura do pensamento, porque é o pensamento que cria o medo. Diz o pensamento: "Não sei o que é a morte. Quero-a o mais longe possível, até o último minuto. Não quero olhá-la, nem compreendê-la. Quero afastá-la, dela fugir, criar crenças, dogmas, confortantes teorias, contanto que não tenha de enfrentá-la, entrar diretamente em contato com ela." Eis como o pensamento gera uma divisão entre o viver e a coisa chamada "a morte". Estais vivo — isto é, o "conhecido" — e o "desconhecido" é a morte.

O pensamento cria o tempo, o intervalo entre hoje e amanhã. O amanhã significa incerteza, morte, velhice. Impende compreender esse tempo psicológico. Conhecemos o tempo cronológico, o tempo medido pelo relógio — ontem, hoje e amanhã — um fato bem óbvio. Mas o tempo psicológico, o tempo que o pensamento criou com a memória, o tempo como "o que *é* e o que *foi*" e "o que *é* e o que *deveria ser*" — esse tempo requer investigação. Psicologicamente, tenho medo. É-me possível libertar-me desse temor gradualmente, através do tempo, desenvolvendo a coragem, a capacidade de resistência? Poderei abandonar o hábito com a ajuda do tempo, levantando gradualmente uma defesa contra esse hábito? Tudo isso está implicado no tempo, sendo o tempo pensamento; e, assim, temos medo, não do que realmente *é*, mas do que "podia ser" ou do que *foi*.

Dessarte, a compreensão do sofrimento constitui, com efeito, um problema imenso, porque não há apenas o sofrimento humano individual, mas também o penar coletivo do homem. Há o sofrimento produzido pela ignorância, não a ignorância técnica, mas a ignorância de nós mesmos; nesta há imenso sofrer. Consideremos, por exemplo, o fato de estarmos acostumados com a idéia tradicional da mudança através do tempo. Dizemos que somos invejosos, e que para nos libertarmos inteiramente da inveja necessitamos de tempo, quer dizer, temos de resistir a ela gradualmente, aparando-a aos poucos, dia por dia, até que a mente já não seja um instrumento de comparação. Mas, podemos libertar-nos de alguma coisa por meio do tempo? Podemos libertar-nos de um dado hábito com a ajuda do tempo? É essa a consagrada e velha maneira de resolver problemas. Psicologicamente, dizemos: "Não posso livrar-me dela imediatamen-

te, mas vou "praticar", fazer *isto* e *aquilo,* exercitar a minha vontade." Tudo isso exige tempo. E a liberdade não vem através do tempo.

A liberdade é uma "explosão" que só pode verificar-se quando o tempo, como meio de mudança gradual, cessa. Isto é, quando se vê realmente, e não teoricamente, que a gradualidade é um processo inteiramente falso, então, essa própria percepção do falso é a percepção do verdadeiro, não? Quando vemos o que é falso, esse próprio ato de ver é a ação da verdade. Por exemplo, quando observamos o que o nacionalismo tem causado por todo o mundo, quando vemos o perigo que ele representa, sua total irracionalidade, sua brutalidade — quando vemos realmente tudo isso, então, não só estamos livres dele, mas essa liberdade resulta do percebimento do verdadeiro. Mas, se dizeis: "Livrar-me-ei gradualmente do nacionalismo, tornando-me internacional, europeu, gradualmente evolverei para um mais largo entendimento com as pessoas" — nessa "gradualidade" estão-se lançando as sementes da guerra, da separação. Isso é o mesmo que proceder como aqueles que estão sempre a pregar a não violência, enquanto, na realidade, em seus corações, em sua maneira de vida, são indivíduos violentos, com sua disciplina e "resistência". *

O idealista é o homem mais perigoso do mundo, porque não quer ver o fato, e ultrapassar imediatamente esse fato. Diz ele: "É necessária a não violência, e eu vou praticá-la, disciplinando-me, controlando-me, rejeitando, gradualmente, tudo o que possa suscitar a violência; quer dizer, o fato real — a violência — é posto em oposição àquilo que ele será no futuro. E como, no ínterim, estará lançando as sementes da violência, ele é, com efeito, um homem perigosíssimo. O que realmente importa é ver o fato, e não o seu oposto, o ideal. Assim, se puderdes observar em vós mesmos a violência — raiva, brutalidade, arrogância, ânsia de preenchimento, competição, inveja — tudo isso formas de violência — tudo observar tal como é, sem nenhuma deformação, sem ideais de espécie alguma, ficareis totalmente livres dela. Há violência quando não há anonimato; a pessoa

---

(*) *resistance* (Psicologia) Força subconsciente que impede a lembrança de incidentes e experiências desagradáveis. (Cf. Dic. "Funk & Wagnals") (N. do T.).

anônima acha-se num estado de absoluta "não violência". E o mundo de hoje está cheio de violência. Temos possibilidade de livrar-nos de nosso medo, que gera toda espécie de violência, podemos libertar-nos totalmente dele?

Não sei como faríeis esta interrogação. Por sugestão de outrem? Ou faríeis por vós mesmos, por tratar-se de uma pergunta natural, uma pergunta que exige pronta resposta, como acontece quando sentimos fome? A fome não é um fato de observação intelectual, mas, sim, um fato diário, que exige "resposta" imediata. Podemos, da mesma maneira, suscitar a questão do medo? E, ao considerar o medo e o sofrimento, é necessário examinar o problema da morte e da velhice. A morte pode ocorrer por efeito de doença, de degenerescência, de acidente, ou por velhice ou deterioração orgânica. Há o fato óbvio de que o organismo físico chega ao seu fim. E é também notório o seu envelhecimento — ele se torna velho, doentio, e perece. E podemos observar, à medida que nos tornamos idosos, o problema do envelhecer, sua fealdade, como gradualmente nos vamos tornando mais embotados, mais insensíveis. A velhice se torna um problema quando não sabemos viver. Talvez jamais tenhamos vivido; vivemos sempre num estado de luta, de dor, de conflito, que se revelam em nosso rosto, nosso corpo, nossas atitudes.

Visto que o organismo físico chega ao seu fim, a morte, decerto, é inevitável. Talvez os cientistas venham a descobrir uma pílula capaz de prolongar a vida por mais cinqüenta ou cem anos — mas, no fim do caminho, a morte está à espera. Existe sempre este problema da velhice, da perda da memória, do tornar-nos senis, cada vez mais inúteis à sociedade, etc. E a morte, como um fato inevitável, desconhecido, sumamente desagradável e temido. E, por causa do terror que ela inspira, não queremos sequer falar a seu respeito ou, se o fazemos, é para expor teorias, fórmulas de consolo, como a reencarnação, no Oriente, ou a ressurreição, no Ocidente. Ou, quiçá, aceitamo-la intelectualmente como inevitável, e que, "como tudo morre, eu também morrerei". A racionalização, a crença confortante, ou a fuga — é tudo exatamente a mesma coisa.

Mas, que é a morte? Independentemente da entidade física, perecível, que é a morte? Ao fazer-se essa pergunta, cumpre

também perguntar: Que é viver? As duas coisas não podem ser separadas. Se dizeis: "Desejo realmente saber o que é a morte" — nunca sabereis a resposta, se não souberdes o que é viver. E, que é o nosso viver? Do nascer ao morrer, nosso viver é uma luta sem fim, um campo de batalha, não apenas com nossas esposas, nossos maridos, nossos filhos, contra tudo, enfim: uma batalha cheia de sofrimento, de medo, e ânsias, de "sentimentos de culpa", de solidão e desespero. E desse desespero resultam as invenções da mente: deuses, salvadores, santos, culto dos heróis, rituais, e guerra — a guerra *real,* o mútuo assassínio. Nossa vida! — É isso que chamamos nosso viver (em que, de vez em quando, poderá encontrar-se algum momento de alegria, um fortuito luzir de olhos). Mas, tal é a nossa vida — essa vida a que estamos tão apegados, dizendo: "Pelo menos eu a conheço, e tê-la é melhor do que nada ter."

Assim, temos medo de viver e temos medo da morte, do fim. E quando, como é inevitável, chega a morte, queremos repeli-la. Nossa vida é uma longa agonia, uma infindável batalha com nós mesmos e com tudo o que nos cerca. A essa batalha damos o nome de amor, que é prazer sempre crescente, desejo cada vez mais intenso, e seu preenchimento, sexualmente ou de outro modo. Eis o que é o nosso viver, da manhã à noite. E, quando dormimos, sonhamos. Mas, há necessidade de sonhar? Sei que os psicólogos dizem que, se não sonharmos, enlouqueceremos; que o sonho é uma "descarga". Mas, porque devemos sonhar? É necessário sonhar, apesar de todas as asserções dos analistas e psicólogos? A questão não é de como interpretar os sonhos, mas, sim, se eles são necessários.

Os sonhos se tornam desnecessários quando sabemos viver todos os dias, quando sabemos estar vigilantes, observar cada movimento do pensamento e do sentimento, prestar toda atenção a cada mensagem, a cada sugestão que nos vem de uma mente que não está aberta, desvelada. Não há, então, sonhos de espécie alguma. Então, quando dormimos, a mente se renova e purifica. Se não compreendemos o viver, não tem sentido nenhum tratarmos meramente de achar uma explicação para a morte. Compreendendo o que é viver — e isso significa pôr fim ao sofrimento, à luta, não fazer da vida um campo de batalha — ver-se-á, então, que, psicologicamente, interiormente, viver é morrer — morrer todos os dias, para tudo, para todas as acumulações, para

que a mente seja vigorosa, nova, purificada, em cada dia. Isso requer uma enorme soma de atenção. Mas essa atenção é impossível se não acabar o sofrimento, o medo; portanto, se não cessar o pensamento. A mente fica então tranqüila, — *não* embotada, nem entorpecida, *não* insensibilizada a poder de disciplina e de artifícios, tais como os da ioga e coisas semelhantes. Então, vida é morte. E isso significa que, sem amor, não há morte. O amor não é uma lembrança. Vida, amor e morte são companheiros inseparáveis. A vida, pois, consiste em viver todos os dias num estado de viço, em ter sempre *aquela* claridade, *aquela* purificação — o que significa a morte daquele estado de espírito em que existe sempre o "centro", o "eu".

Sem amor, não há virtude; sem amor, não há paz; sem amor, não há relação. Ele é a base de que a mente necessita para transportar-se àquela dimensão, onde — e só nela — a verdade existe.

28 de abril de 1968.

CINCO PALESTRAS EM AMSTERDÃ

A ORIGEM DO MEDO

(Amsterdã — I)

Há problemas inúmeros — interiores e exteriores. Os problemas exteriores são os econômicos, o mundo dos computadores, as relações mecânicas entre os homens. Exteriormente, há problemas políticos, e interiormente temos muitos problemas psicológicos. Da pele para dentro, por assim dizer, há o problema das relações do homem, não só sua relação consigo mesmo, mas também com seus semelhantes. Dividimos todos esses problemas em problemas políticos, sociais e psicológicos. Não parecemos capazes de atacá-los como uma unidade total; só nos dispomos a considerá-los separadamente. Tratamos dos problemas políticos em seu nível próprio, os problemas religiosos como coisa inteiramente diversa, e também como diferentes os problemas econômicos.

Assim, perguntamos a nós mesmos — e estou certo de que igualmente vos interrogastes — se há possibilidade de compreendermos os inúmeros problemas da vida como um todo, proveniente de uma fonte única, e não como uma grande quantidade de fragmentos. Têm os entes humanos possibilidade de resolver todos estes problemas, não gradualmente, porém de imediato, para que a mente se liberte de todas as suas agonias, de todas as pressões e influências, tanto as destrutivas como as construtivas? E é possível ao homem livrar-se de todos os problemas, a fim de viver totalmente, numa diversa dimensão, com um ânimo e um coração diferentes? Eu gostaria de saber se a vós já fizestes estas perguntas, e se estes problemas têm uma fonte comum, se não se originam, todos, de um único problema central, básico.

Ou são, todos eles, problemas fragmentários, que cumpre resolver separadamente?

Há também o problema do indivíduo como entidade oposta à comunidade, à sociedade, e esta a reprimir ou controlar o indivíduo: se existe, realmente, individualidade, ou apenas o o coletivo, a massa. Se vos observardes, por certo vereis que o que chamais "o indivíduo" *é* o mundo, *é* os outros entes humanos, a sociedade, a comunidade, a cultura em que fostes criados. Não sois de modo nenhum uma entidade separada. Sois uma parte de todo esse fundo social, econômico e cultural; conseqüentemente, vos denominais holandês, inglês, ou indiano. Isto é, como indivíduos, sois, interiormente, uma parte de toda essa cultura e tradição. Exteriormente, podeis ter vossas diferenças, mas, na realidade, bem fundo, na estrutura do pensamento e do sentimento, não há individualidade, porém uma coletividade, uma tradição, um resíduo racial. Vê-se, pois, que a separação entre o indivíduo e a comunidade, a massa, é, com efeito, de todo em todo falsa. Só há o ente humano, não importa se vive na Rússia, ou aqui, ou na América, ou no Vietnã. Nós somos entes humanos, e temos todos esses problemas.

E pode o homem libertar-se inteiramente de todos os problemas para florescer em bondade, em beleza? Pode um ser humano, não como europeu ou asiático (não importa em que parte do mundo ele viva), tornar-se livre? Se não for livre, ficará para sempre um escravo da máquina, da sociedade, de todos os complexos problemas da existência. É este um dos problemas principais da vida, ou seja se um ente humano, vivendo numa sociedade tão complexa, tem possibilidade de tornar-se completamente livre (vós e eu, como entes humanos, que vivemos neste mundo) e nossa mente poder *olhar,* e ter uma relação diferente — olhar com clareza, com o senso de "diferença".

Pode a pessoa estabelecer para si própria sua relação com a realidade? É isso o que o homem está buscando há milhares de anos — essa realidade que se pode chamar Deus ou dar-lhe outro nome. O homem tem andado perenemente em busca dessa realidade. E esta é uma das perguntas essenciais que ele deve fazer a si próprio; do contrário, não tem a vida nenhuma significação. Ir trabalhar num escritório ou numa fábrica, cuidar de que toda a humanidade tenha alimentos, roupas

e morada — e, depois, que mais? A vida é toda mecânica, uma rotina? Podemos nós, como seres humanos, estabelecer para nós mesmos uma autêntica relação com a realidade; não uma relação imaginária, fictícia, mítica, romântica, porém uma relação real? Eis uma das perguntas básicas que devemos fazer. Porque, conforme observamos, o mundo se está tornando cada vez mais mecânico. O computador está-se incumbindo de todos os trabalhos. E, se não descobrimos por nós mesmos, equilibrada, racionalmente, a nossa relação com aquela imensidade que o homem sempre buscou, aquela realidade infinita, então, obviamente, nossa vida é vã. Ainda que nas torneiras exista água em abundância, ainda que a vida esteja perfeitamente organizada para vivermos confortavelmente, cada um de nós ter casa, comida e roupas, a menos que encontremos aquela realidade, a vida se tornará totalmente insignificativa, vazia. Esta é uma de nossas questões básicas, essenciais. Temos de investigar e descobrir por nós mesmos, sem dependermos de ninguém, nem dos sacerdotes, nem da religião, nem da crença, nem do líder, nem do guru, nem do instrutor. Porque, se dependemos de alguém, não somos livres; a dependência gera o medo, a autoridade.

Eis, pois, uma pergunta essencial que deveis fazer, quer sejais comunista, socialista, quer pertençais a um grupo religioso organizado. Nós vamos fazê-la, sem desejarmos a resposta — porque todas as respostas são puramente verbais; vamos simplesmente examiná-la, nela "envolver-nos" totalmente. Teremos então a possibilidade de encontrar aquela realidade e com ela estabelecer uma relação total. E a outra pergunta, igualmente importante, é atinente à relação do homem com o homem. Há realmente tal relação, ou estamos condenados a viver isolados numa atividade egocêntrica, separados? Havendo separação entre o homem e o homem, é inevitável o conflito, a guerra. E existe ainda outra questão, a qual o homem vem tentando compreender há milhares de anos: Que é o amor, e que é a morte?

São estas, pois, as perguntas fundamentais que faremos. Vamos fazê-las a nós mesmos, sem dependermos de que alguém nos dê as respostas. Da parte de outrem, não há resposta; com outrem só podemos estar em comunhão, e nessa comunhão teremos a possibilidade de descobrir, cada um por si, o que é verdadeiro.

Antes de entrarmos na primeira questão, ou seja "Qual a relação do homem com a realidade, e existe de fato uma realidade?" — acho que individualmente devemos descobrir o que é "escutar". Porque o complexo problema da vida, com suas pressões e tensões; a maneira de vida mecânica e extremamente sutil, gerada pelo complicado processo da análise — o descobrimento da causa e o esforço para superar a causa; o complexo processo das relações — a avidez, a inveja, a brutalidade, a violência, a asserção da "não violência" (que, por sua vez, gera mais agressividade), os temores e "sentimentos de culpa" — tudo isso constitui a estrutura humana e se nos tornou uma carga excessiva. Temos alguma possibilidade de lançar para o lado tudo isso, para que a mente se torne completamente nova, incontaminada — para que possamos olhar o céu, os ares, as estrelas, as árvores, a luz refletida n'água, como se estivéssemos vendo pela primeira vez a sua beleza? Em meu sentir, só há essa possibilidade quando sabemos escutar. De muitas maneiras o homem já tentou libertar-se de si próprio e de seus numerosos problemas: retirou-se para mosteiros, comprometeu-se a seguir uma determinada linha de ação — política, religiosa, social ou pessoal. Tem ele tentado esquecer a si próprio, identificando-se com algo superior, como a nação, ou entregando-se a trabalhos sociais, altruístas; ou identificando-se com uma idéia, uma ideologia, um salvador, um mestre, um guru — tudo para esquecer sua existência agoniada e imensamente complexa.

Tudo isso já tentamos, mas deve haver uma maneira de lançá-lo para o lado com um simples sopro, um simples olhar. E há. Há uma maneira de olhar, uma maneira de ouvir, de ver, em virtude da qual esses problemas não podem atingir a mente, turvar-lhe a clareza. E eu "sinto" que isso só é possível quando sabemos escutar — quando sabemos olhar uma árvore, o céu, ver a nós mesmos como realmente somos, sem nenhuma deformação, nenhum medo, e sem traduzir o que vemos numa certa ideologia. Ouvir o vento entre as árvores, ouvir a voz de outrem, ver o perigo de uma vida dividida, fragmentada — ver tudo isso num relance de olhos! Vê-lo é agir e, por conseguinte, lançá-lo para o lado e ser um ente humano totalmente transformado.

Por conseguinte, o exame em que nos vamos empenhar durante estas palestras vai constituir um trabalho duro para vós. Não ides ficar meramente a ouvir palavras e idéias, porquanto

não vamos entreter-nos com palavras e teorias; vamos trabalhar seriamente. Por conseguinte, cabe-vos, como ser humano, vossa parte de responsabilidade nesse trabalho. Podeis perguntar: "Se, como ente humano, eu mudar totalmente, passar por uma completa mutação, que bem fará isso à sociedade, a outro homem? Que utilidade terá bebermos de uma fonte que nos estanca toda a sede? Que valor tem isso, numa sociedade corrupta?" Penso que esta é uma pergunta errônea. Quando se faz uma pergunta errônea, obtém-se inevitavelmente uma resposta errônea. Fazendo uma pergunta dessas, isso mostra — não é verdade? — que não estais interessados no ente humano tal como é; não estais interessados em efetuar uma transformação interior do ente humano, que é o "coletivo", o indivíduo, a massa, o mundo inteiro. Quando a pessoa propõe a si própria esta questão: — Que pode um homem fazer num mundo que se tornou tão corrupto, violento, brutal? — não há resposta. Mas, se o ser humano promove em si próprio essa transformação, esta é a coisa mais importante da vida; não o resultado dela, a utilidade ou influência que possa ter noutra criatura. A nuvem toda iluminada pelo Sol, ou a flor à beira do caminho, não estão pensando na utilidade que têm para outrem; lá estão, cheias de beleza, e cabe-nos olhá-las com a plenitude de nosso coração.

Consideremos, portanto, se o permitis, a primeira questão essencial: Qual a relação do homem com a realidade, se tal realidade existe? — Se há ou não há uma realidade — tanto faz supor uma coisa como a outra. Dizer que é impossível que exista uma realidade, ou dizer que o homem não tem possibilidade de alcançá-la — fazer qualquer dessas duas asserções é fechar o caminho a si próprio. Dizendo "Duvido de que exista uma realidade" — já impedistes a vós mesmo de examinar, de olhar, de observar. Ou, se dizeis que "ela existe", estais igualmente a impedir-vos de olhar, de investigar, de encontrar aquela coisa inefável. Assim, tanto o aceitá-la como o rejeitá-la significa fechar o caminho a si mesmo. O que é necessário é liberdade, estar-se livre de ambas as coisas — livre da crença num Deus, numa realidade, numa certa coisa imensurável, conforme asseguram os santos e os instrutores. No momento em que dizeis "ela existe", ela não existe. Se dizeis "Eu sei", não sabeis. Só uma coisa podeis fazer: livrar-vos do "crer" e do "não crer", para que a mente tenha a possibilidade de ser livre, de olhar, observar.

Cumpre-nos, pois, examinar primeiramente esta questão que há milênios vem desafiando o homem: Se sua vida é só conflito, um campo de batalha, aflição e, de vez em quando, um lampejo de alegria. A vida é só violência, brutalidade? — deve existir mais alguma coisa. E, fazendo esta pergunta, deixou-se o homem enredar pela imaginação, por uma certa fantasia oriunda de seu próprio condicionamento.

Assim, para descobrirmos se existe algo imperecível, inefável, cumpre-nos, em primeiro lugar, libertar-nos de toda crença. Isso significa libertar-se de todas as organizações religiosas. E, para o homem, esta parece ser uma das coisas mais difíceis: não ter crença *nenhuma;* alcançar esse estado, não por pessimismo ou desespero, mas por ter observado como, pela propaganda de dois mil anos, no Ocidente, e talvez de cinco mil anos, na Índia, o homem foi condicionado para crer num salvador, num ritual, num dogma, numa igreja — condicionado para aceitar. E, quando aceitamos uma idéia, nos tornamos violentos; quando obedecemos, gera-se a agressividade. Isso se pode observar neste mundo, dividido não só em nacionalidades, mas também em grupos religiosos — cristãos, budistas, hinduístas, muçulmanos — cada qual com seu próprio dogma, seu próprio ritual, sua própria crença, suas próprias extravagâncias. Quando credes, estais contra outra crença; por conseguinte, estais separados, e essa separação é causadora de antagonismo, ainda que vos mascareis de tolerantes — estratagema intelectual sem nenhum valor.

Assim, o homem que deseja encontrar (ou não encontrar) aquela realidade, precisa estar — psicologicamente, profundamente em si mesmo — totalmente livre, livre da influência da palavra, do símbolo. Porque, quando credes, atrás dessa crença está o medo. A crença é desnecessária ao homem livre, e é só em liberdade que se pode olhar, examinar alguma coisa — um sistema político, um artigo de jornal. Para escutardes a presente palestra, deveis ser livres. Se não sois livres, vos limitareis a aceitar ou rejeitar. E, quando aceitais, que valor tem isso? Ou, se rejeitais, que significa essa rejeição? Mas, se sois livres, isto é, livres de vossas experiências individuais, vossas conclusões pessoais, vossos dogmas, preconceitos, vosso saber — sois então capazes de escutar, de observar.

Assim, a mente que não é livre (quer dizer, que não está livre do medo) é totalmente incapaz de encontrar aquela realidade — se ela existe. Porque nós temos necessidade de uma enorme dose de cepticismo, de dúvida. Duvidar, questionar, rejeitar toda a estrutura social, econômica, religiosa, a ordem estabelecida (que é essencialmente desordem), significa que não deve haver medo nenhum dentro de nós. A fim de podermos descobrir por nós mesmos, devemos estar livres do medo. A maioria dos entes humanos nunca examinaram profundamente, em si próprios, esta questão. Jamais perguntaram a si próprios se temos alguma possibilidade de nos libertarmos completamente do medo, em todos os níveis de nossa existência — no nível político-econômico e também, interiormente, em todas as nossas relações. Para nos esclarecermos sobre esse medo corrosivo, não deve haver fuga de espécie alguma. Uma das coisas mais difíceis é não fugir, não evitar. Estamos plenamente cônscios de nossos temores, e criamos uma verdadeira rede de "vias de fuga", das mais simples às mais complexas. Quando temos medo, queremos livrar-nos dele, afastá-lo de nós. E isso fazemos, ligando o rádio, tomando uma bebida, lendo um romance, ou, ainda, visitando a igreja ou comprometendo-nos a seguir uma determinada linha de ação: tudo, menos enfrentar aquela realidade absoluta — o medo.

Vós conheceis os efeitos do medo: se temeis, não podeis pensar claramente, ficais como que num quarto escuro. Estou certo que a maioria de vós já experimentou esse temor. Nós a aceitamos — essa parte antinatural de nossa existência. Tal é o resultado da sociedade em que estamos vivendo; cada um buscando a própria segurança e criando uma sociedade que lhe garanta essa segurança. Mas, essa mesma "garantia" de segurança externa cria divisões: os que estão em segurança e os que não estão em segurança, os que "têm" e os que "não têm". Começa a batalha, a guerra, e justamente a coisa que desejáveis — estar em segurança — vos é negada. Quando temos bandeiras separadas e toda a confusão das diferentes nacionalidades, e governos, e exércitos, e morticínios como os que atualmente se estão observando — eis o resultado desse medo profundamente enraizado nos entes humanos. Não percebemos verdadeiramente nossa responsabilidade individual, humana, na guerra que se está travando no Vietnã. Por ela somos responsáveis,

cada um de nós, e não apenas os americanos, os vietnamitas, os comunistas: cada um de nós! Porque nossa vida é uma vida de conflito, um campo de batalha. Somos holandeses, somos católicos, somos hinduístas, somos maometanos, somos sabe Deus o que mais; cada um de nós vive num compartimento isolado, inacessível. E, naturalmente, quando há qualquer divisão, há necessariamente conflito, como está acontecendo nas relações humanas — entre marido e mulher, entre vosso próximo e vós. Existe essa divisão, essa separação, esse auto-isolamento, esse egoísmo. Nós bem o conhecemos. Todavia, aceitamo-lo e continuamos a seguir o mesmo caminho. Pregamos a "não violência" e estamos lançando constantemente a semente da violência. Isso faz parte daquele medo.

Ao ouvirdes isto, dizeis: "Sim; nós temos medo." Sabeis que há medo, consciente ou inconsciente. Que sucede, quando o ouvis? *Escutai,* por favor, observai a vós mesmos. Que sucede quando ouvis dizer que tendes medo da vida? *Medo* — qual a vossa reação a ele, como ente humano? Obviamente, a primeira coisa é que não sabeis o que fazer com ele. O que sabemos é só tratar de evitá-lo, de achar um meio de superá-lo, reprimi-lo, controlá-lo, esquecê-lo. Mas, isso não é solução. O medo continua existente, qual uma chaga purulenta. Não sabemos o que fazer. E esta é a primeira coisa que precisamos compreender: ignoramos o que fazer com essa coisa, com a qual já nos acostumamos completamente. Ela se tornou parte integrante de nossa vida — essa coisa chamada MEDO. E a mente que teme necessita de uma crença, necessita de algum meio de fuga. Assim, a coisa principal é saber que estamos com medo — e não fugir.

Ouvindo estas coisas, têm elas para vós alguma significação? Porque, como dissemos, a mente que teme jamais encontrará a luz. Poderá, em decorrência do temor, inventar uma coisa a que chama "luz"; em conseqüência de sua escuridão, imaginar um céu ou um inferno. Mas, o medo permanece. Há, pois, duas coisas que merecem exame: a necessidade de liberdade para olhar, observar com clareza; e a impossibilidade de olhar, por causa do medo. Têm os entes humanos, que vivem nesta sociedade tão complexa, alguma possibilidade de libertar-se do medo, inteiramente, em todos os níveis de sua existência? Vamos averiguar isso, não por meio de análise ou especulação, porém entrando realmente em contato com o que chamamos "medo".

Duvido muito que alguém dentre nós tenha realmente entrado em contato com ele. "Estar em contato", quer dizer, *tocá-lo.* Estar em contato com uma coisa é conhecê-la sensitivamente, tocá-la, apalpá-la; só então podeis estar em comunhão com ela, estar com ela em relação. Duvido que estejais realmente em contato com qualquer de vossos temores, ainda que tenhais contato com ele — depois de passado, acabado.

Compreender o medo não é compreendê-lo como um assunto intelectual, "verbal". Perceber que um precipício é uma coisa perigosa é um fato, e não uma suposição intelectual: tendes à vossa frente um abismo. Da mesma maneira devemos perceber o medo. E nós dizemos que, a menos que a pessoa se liberte totalmente do medo, não será possível o descobrimento da realidade, o florescer daquela imensidade. Podeis fazer o que quiserdes, entrar em todas as igrejas do mundo, ler todos os livros sagrados (coisa sem nenhuma significação), ou aderir a um certo movimento político, comunista ou outro, e reduzir a vida a uma "sociedade política"; mas, se não estiverdes livres do medo, não haverá amor. Cumpre-nos, pois, descobrir se há possibilidade de sermos efetivamente livres.

Que é o medo? Como nasce ele? É compreensível o medo da dor física, saber que o fogo queima, que a doença produz dores. Mas, o evitar a dor física é também um problema muito complexo. Ontem senti dor — ouvi isto com toda a simplicidade — ontem senti dor, e tenho a lembrança dessa dor e a esperança de que ela não volte hoje ou amanhã. Tive ontem uma experiência aprazível e espero que ela volte hoje e que amanhã torne a repetir-se. A dor de ontem, quero evitá-la hoje e espero que não volte amanhã. Mas, o prazer de ontem, desejo-o novamente hoje e amanhã. Eis a origem do medo: o medo é gerado pelo pensamento. O pensamento lembra-se da dor ontem sentida. Há a lembrança daquela dor, como experiência, como conhecimento, e por causa dessa lembrança vem a reação do pensamento, que diz: "Espero não tornar a senti-la hoje ou amanhã." Observai em vós mesmos este fato tão simples! Ontem experimentei um grande deleite, sexualmente, ou ao olhar uma nuvem, uma flor, ao escutar o vento entre as árvores. Tenho a lembrança de uma coisa muito agradável e desejo a sua repetição; o pensamento diz: "Desejo-a novamente hoje, e amanhã também."

O pensamento, pois, é a origem do medo, sendo o pensamento a memória de milhares de experiências de prazer, e milhares de experiências de dor. Existe essa lembrança que é o resultado de numerosas experiências, conhecimento. Eis o computador, o cérebro eletrônico que somos. Somos o passado, os milhares de "memórias" associadas a cada experiência, a cada lembrança. E, quando "provocado" esse passado, o pensamento reage, na forma de prazer ou de dor. Diz: "*Isto* eu quero; *isto* deve continuar; *isto* deve ser repetido" — um prazer sexual, ou outra forma de prazer. Ou diz: "Aquela dor torturou-me horrìvelmente, não desejo sua repetição, nem hoje, nem amanhã." O pensamento é mecânico, como o computador, como o cérebro eletrônico — que responde a todas as perguntas mais rapidamente que o cérebro humano.

O pensamento é velho; o pensamento nunca é novo; o pensamento nunca é livre — *nunca!* A idéia de "liberdade de pensamento" é apenas uma idéia "política". Se examinardes todo o processo do pensar, se o aprofundardes bem, vereis por vós mesmos que o pensamento é a reação da memória de ontem ou de dez mil "ontens". O pensamento, pois, é bem velho, nele não há nada novo. O pensamento jamais descobrirá qualquer coisa nova. Portanto, ele é a origem do medo. E, então, pergunta-se: "Pode o pensamento ter fim?". Pode o pensamento, que é a própria estrutura de nossas células cerebrais, pode toda essa estrutura de dez mil anos quietar-se? Vós tendes de fazer esta pergunta, tendes de trabalhar, como agora estamos fazendo — pois espero que estais trabalhando junto comigo. Como dissemos, o pensamento é tempo. O tempo é o intervalo entre "o que é" e "o que deveria ser". — A dor e o medo da dor (de tornar a sentir dor amanhã), o intervalo entre "o que é" e "o que deveria ser" — é a projeção do pensamento. E, assim, do pensamento surge o pensador, o pensador que diz: "isto é prazer" e "isto é dor". Começa o "complexo" do medo.

12 de maio de 1968.

O OBSERVADOR E A COISA OBSERVADA

(Amsterdã — II)

Se permitis, continuaremos com o mesmo assunto de que ontem estávamos tratando. Ao contemplardes um vasto campo de tulipas, que se estende até o horizonte, palavras começam a acorrer-vos à mente: que bela cor! — seu brilho e contextura, sua tonalidade! — Aquele campo, cheio de cor e de beleza, é reduzido a palavras. Ou tratais de traduzi-lo de acordo com um certo símbolo ou, ainda, desejais descrevê-lo, pintá-lo,ou levar para casa algumas daquelas flores. E, enquanto observais, começa o pensamento a discernir, a julgar, a avaliar; cria-se espaço entre vós e a flor, entre vós e aquele campo de brilhante colorido. Esse espaço, essa separação entre o observador e a coisa observada, entre o pensador e o pensamento, significa que há duas entidades distintas. Nessa divisão em observador e coisa observada encontra-se todo o problema da vida, todo o problema da existência. Nela há conflito, escolha, luta constante.

Dissemos ontem que temos numerosos problemas em todos os níveis de nossa existência. E a nós mesmos perguntamos se há possibilidade de descobrirmos a raiz de todos esses problemas tão complexos e sutis, em vez de atendermos a cada problema separadamente; e perguntamos também se, pela observação do próprio foco, da própria raiz de nossos problemas, não teríamos possibilidade de ir mais longe, descobrindo a fonte única de onde brotam todos os problemas.

Perguntamos também, ontem, se o homem que vive na moderna sociedade, com suas tremendas pressões, sua competição,

sua corrupta moralidade, sua desordem total, tem alguma possibilidade de libertar-se do medo. Não apenas do medo ao desconhecido — a morte — mas também do medo da vida, desta monótona vida diária de rotina, de luta, de incessante competição, de constante medição de nós mesmos com algo superior, medição dos êxitos alcançados, na qual se encontra sempre frustração, agonia, contínua luta, interna e externa. Poderá o homem — i.e., vós e eu — em algum tempo libertar-se desse problema central ou, por outra, de um dos principais problemas da vida, que é o medo?

Igualmente já vimos que o pensamento é a origem do medo — esse pensamento que separa o observador, do belo campo de tulipas. E perguntamos se o pensamento, que interfere e lhe dá forma, um certo "contorno" de julgamento — se esse pensamento (gerador do medo e do prazer, e do qual tanto dependemos para resolver as nossas dificuldades) pode, em algum tempo, resolver algum problema. Ora, essa bem pode ser a questão central, o foco que precisamos compreender para nos habilitarmos a resolver todos os nossos problemas. Porque o homem sempre confiou no pensamento. Tudo o que fazemos ou deixamos de fazer vem do pensamento. Pensamento organizado é idéia e, em conformidade com uma idéia, um ideal, agimos. Pode-se observar que a ação é sempre uma coisa viva: o fazer, o ser, o atuar, está sempre no presente vivo; e a idéia, o ideal, acha-se no futuro irreal. Assim, quando, na ação, há separação entre o "ato" e o "atuar", há sempre conflito; o atuar está no agora e, em comparar o atuar com o ideal, há conflito. Por conseguinte, não há ação, porém, sim, um mero movimento de aproximação ao que "deveria ser".

Perguntamos, pois, a nós mesmos, se é possível agir — escutai, primeiro, sem dizerdes que "é" ou que "não é" — sem idéia; isso significa que "ver" é "agir". É assim que procedemos em presença de um grave perigo, de uma crise tremenda. Num grande perigo, a ação é instantânea, não há nenhuma idéia ou ideal de acordo com o qual agimos, há a imediata "resposta" a um "desafio" direto. O pensamento não tem tempo para funcionar. Vós mesmos deveis ter observado isso em vossa própria vida, ou seja que, quando há um grave perigo ou necessidade de ação imediata, o pensamento não tem tempo para interferir no agir. E, como ontem dissemos, o medo

(assunto que nos interessa nesta manhã) nasce do pensamento. O pensar no amanhã ou no que ontem nos causou prazer ou dor, o nutrir com o pensamento aquela dor ou prazer, dá-lhes continuidade. Isso é suficientemente claro, não?

Tomai qualquer dos nossos problemas (nacional, internacional, o sentimento de isolamento, de pertencer a um grupo oposto a outro grupo ou comunidade — brancos contra pretos, etc.), torna-se bem evidente que tal problema foi criado pelo pensamento. O pensamento, que sempre buscou a segurança por meio da divisão, da nacionalidade, do separatismo, criou o problema. Depois, entra em atividade para resolver esse problema. Mas, nunca o resolverá! Podem promulgar-se leis, mas a legislação não destruirá o estado de isolamento, de exclusão por oposição a outros. E, todavia, estamos sempre a servir-nos do pensamento para resolver os nossos problemas. Mas, se observardes, vereis que foi o pensamento quem os criou.

Considerai a guerra. Historicamente, nestes cinco mil anos os homens tiveram doze mil guerras — quase três guerras por ano! O pensamento criou a guerra. O pensamento criou uma maneira de vida que inevitavelmente leva à guerra. Percebendo isso, *pensamos:* "Precisamos de paz." E começamos a inventar "planos", normas, métodos; enquanto, por um lado, tratamos de constituir um forte exército nacionalista, por outro lado, lutamos pela paz internacional e a fraternidade. Essa enorme contradição é gerada pelo pensamento. É fácil observar que o pensamento, com sua busca de conforto, segurança, prazer — sexual ou outro — causa, em todas as relações humanas, inúmeros problemas. E ao pensamento recorremos para resolver os problemas que ele próprio criou!

Pode-se perceber facilmente como se origina o medo. Há o medo físico — da dor, da doença, da velhice, da morte, ou da dor há tempos experimentada e que poderá voltar. O pensamento lembra-se da passada experiência e, reagindo a essa lembrança, produz o medo. Isso se pode observar bem claramente em nossa vida. Temos uma doença, padecemos dores físicas, contraímos câncer ou outro mal, e o pensamento, que guarda a lembrança de um estado em que não havia doença nem dor, assusta-se. Dizemos, então: "Por que meios poderei livrar-me deste mal? — Quando temos uma doença — e a

maioria de nós sofre de alguma espécie de desordem física, de dor — porque deve o pensamento interferir? — o pensamento, como reação à lembrança de um tempo em que não sofríamos dor. Porque deve o pensamento interferir, e criar mais ansiedade?

E, psicologicamente, dentro em nós, "da pele para dentro", temos numerosos problemas de temores — dos mais simples, como o medo do escuro, ao mais complexo de todos os problemas das relações humanas — ou seja o amor. E há o medo da morte.

Observando-vos interiormente, não em conformidade com algum filósofo, analista ou especialista (porque, quando vos observais de acordo com outrem, não estais observando a vós mesmos, porém vendo-vos com os olhos do especialista, e o que este diz é então muito mais importante do que o que realmente sois), podeis ver, diretamente, vossos inumeráveis estados contraditórios, vossas ansiedades, "sentimentos de culpa", vossa solidão, desespero, vossa vida de rotina e cada vez mais mecânica. É o pensamento o culpado de tudo isso. E, assim, perguntamos a nós mesmos se ao pensamento (que tem seu lugar próprio, como coisa mecânica, como coisa velha, como resultado da experiência, da memória, do conhecimento e, portanto deve funcionar quando fazemos coisas mecânicas, como lembrar-nos de nosso endereço, lembrar-nos de uma atividade técnica — pois, de outro modo, não teríamos possibilidade de viver ou de fazer alguma coisa) — interrogamo-nos se ao pensamento compete algum lugar, além de seu lugar próprio. Porque, como temos dito, o pensamento gera medo, não apenas medo de nossos semelhantes, mas o medo da vida, o medo a nós mesmos, medo de tantas coisas! E, observando a si próprio como ente humano, qualquer um pode ver bem claramente como o medo se tornou existente. É possível ficarmos completamente livres do medo? Isso significa, com efeito, ser necessário investigar toda a estrutura e natureza do pensamento.

O homem sempre viveu do pensamento. Mas a vida é uma coisa constantemente nova. A vida está a desafiar-nos a todos os momentos com novas exigências, novos aspectos, novas maneiras de viver. A esse "desafio" respondemos sempre de acordo com o velho padrão, ou seja com o pensamento. Surge, assim, uma contradição. Ora, é possível — por favor, não penseis que

estou "variando" — é possível pôr fim ao pensamento? Podemos olhar aquele campo de tulipas sem a interferência do pensamento ou da palavra? Não sei se alguma vez experimentastes (ou alguma vez o fizestes) olhar para uma flor, uma nuvem, uma árvore, sem a palavra, sem a memória, sem o conhecimento de uma coisa "vista antes" — olhá-la como se a estivésseis olhando pela primeira vez; olhá-la sem o pensador e, portanto, sem pensamento. Assim, o espaço entre vós, como observador, e a coisa observada, desaparece. Isso não significa que vos tornais a flor ou vos identificais com a flor (isso seria absurdo, pois não podeis ser uma tulipa). Há pessoas que procuram identificar-se com a coisa que vêem; isso é pura infantilidade. Mas, ver aquele campo de tulipas sem nenhum centro, sem observador — assim fazendo, aquele espaço desaparece.

E, quando não há espaço entre o observador e a coisa observada, o observador *é*, então, a coisa observada. Exteriormente, isso é relativamente fácil — quando se trata de olhar uma flor, uma nuvem, um pássaro a cruzar os ares. E é também possível por meio de certas drogas que muita gente anda a experimentar; porque uma droga, um preparado químico pode apagar instantaneamente aquele espaço, havendo então um estado de completa e total observação de "o que é". Peço-vos acompanhar-me porque, mais adiante, iremos considerar um assunto muito complexo. Ficai-me escutando, simplesmente. Não vos estou aconselhando a tomar drogas para destruirdes o estado de separação. Elas, com efeito, não o destroem de modo nenhum. Uma droga pode produzir uma modificação química nos nervos, em todo o corpo, tornando-o extremamente sensível, e essa sensibilidade à flor que vemos sobre a mesa destrói aquele espaço. É, porém, uma sensibilidade artificial; precisais tomar de novo a droga a fim de terdes a mesma experiência. Eu nunca a tomei, mas tenho conversado com pessoas que já o fizeram; pode-se assim saber o que realmente acontece. Como dissemos, ao observarmos a tulipa sensitivamente, com nossos olhos, ao observarmos aquele campo colorido de ponta a ponta, sem nenhuma palavra, sem nenhum movimento da mente ou do pensamento, desaparece o espaço e sobrevém um estado mental completamente diferente, com o qual *olhamos*. Isso é relativamente fácil em relação a coisas objetivas. Mas, a coisa se torna muito mais complexa, muito mais sutil, quando se trata de fatos interiores,

como o medo, o ódio, a agressão, a violência — que é a herança animal do homem, pois todos nós somos extremamente violentos, agressivos.

Antes de tudo, temos de reconhecer que, interiormente, somos de várias maneiras violentos: a violência da opinião, do julgamento, da arrogância, do domínio, a violência da autodisciplina, a violência do ajustamento a um padrão, a violência da aceitação e da obediência; a violência que em cada um de nós existe, impelindo-nos ao domínio, à arrogância, à conquista de poder, posição, prestígio. Em quase todos os entes humanos existe essa violência — sexualmente e a outros respeitos.

Ora, como devemos enfrentar a violência, de modo que ela seja totalmente erradicada da mente e da inteira estrutura do pensamento? Ao observardes essa violência em vós mesmos (se dela tendes algum percebimento), vedes que há, de um lado, um pensador e, de outro, a coisa chamada "violência", agressão, cólera, etc. Enquanto falo, permiti-me sugerir-vos que façais isso, que observeis em vós mesmos a violência. Agora podeis não estar encolerizados, mas, observando-vos, podeis ver que houve momentos em que sentistes cólera e que, em tais instantes, havia uma separação entre a coisa chamada "cólera" e o observador. O observador diz: "Estive furioso" ou "Nunca mais devo enfurecer-me" — aí tendes a violência e a não violência.

Observando bem, vereis que se verifica uma divisão entre a chamada "cólera" e a entidade que diz "Estou encolerizado, estive encolerizado". Isso é bastante simples de compreender. E, quando há essa divisão em pensamento e o pensador que diz "estive encolerizado", há separação. Nesse intervalo de tempo, nesse espaço, há um conflito para dominar a cólera ou tentar controlá-la, transcendê-la, ou aceitá-la como coisa natural, inevitável. É, pois, nesse intervalo que começa todo o conflito, não? Tende a bondade de fazer essa observação enquanto falamos. Fazei-a, e vereis, por vós próprios, o fato que ela revelará.

Há séculos vimos aceitando essa divisão; há milênios que ela se tornou uma parte de nossa tradição. A maneira como queremos resolver o problema da cólera, por exemplo, consiste em superá-la, controlá-la, reprimi-la, etc. Pensamos que a enti-

dade que a reprime e controla é separada. Ora, ela é separada? Ou a entidade que pensa estar encolerizada é a própria cólera, dela não está separada, absolutamente? Há só aquele estado de cólera, aquele estado de violência. Ao reconhecermos o fato de sermos violentos, inventamos o ideal da "não violência", na esperança de que, com ele, venceremos a violência; servimo-nos da idéia da não violência como um instrumento, uma alavanca, para nos libertarmos da violência.

Ora, existe alguma maneira diferente de agir, de modo que não haja conflito de espécie alguma ao enfrentarmos a violência que em nós se manifesta? Espero me estejais seguindo. Sabemos que a maneira normal, consagrada, tradicional, de resolver um problema, como a violência, envolve sempre conflito, luta, dor e, no final de tudo, não ficamos livres da violência. Assim, perguntamos: Existe alguma maneira completamente diferente de resolver este problema, uma maneira não tradicional? Quer dizer, observardes a cólera sem nenhuma interferência do pensamento, assim como observastes aquela flor, do campo de tulipas? Enquanto estáveis a observá-la sem nenhum pensamento, não havia observador nem coisa observada e, sim, apenas um "estado de ver". Identicamente, é possível olharmos a violência sem nenhuma interferência do pensamento — observá-la, pura e simplesmente? Isso se torna um problema bastante complexo, porque, quando dizemos que somos violentos, o próprio processo de reconhecimento da violência é produto do pensamento, não é verdade? Isto é, sentistes cólera antes, ontem, e hoje tendes a lembrança daquela cólera; e, se, posteriormente, de novo vos encolerizais, a lembrança daquela experiência (que ontem chamastes "cólera") "responde" à nova reação, e a chamais "cólera". Assim, o pensamento, no processo de reconhecer a cólera, a violência, e dela desejar livrar-se, é ainda um caminho que leva ao conflito, à repressão, à imitação.

Estais prestando atenção? Se não estais, não importa (afinal, vós é que sois os interessados). Porque precisamos libertar-nos totalmente da violência, senão não seremos entes humanos. A mente, em alguma forma, é violenta. Na expressão verbal, no olhar, no gesto, destruís o amor. E, não havendo amor, não pode haver paz no mundo. Podeis ter Ligas de Nações e Nações Unidas, tantas quantas quiserdes, e outras coisas mais: nunca tereis a paz. E, sem paz, não se pode ver com

clareza, não há amor, porém tão só esta horrível, esta monstruosa civilização da máquina.

Não sei se já tivestes ocasião de conversar com os especialistas que trabalham com o cérebro eletrônico, os computadores, se sabeis o que essas máquinas estão fazendo. Os computadores estão-se encarregando de todas as atividades do homem. Estão construindo uma sociedade na qual imperará a máquina. Isso obviamente irá acontecer. O homem vai ter uma grande abundância de lazer. Os especialistas serão, talvez, os únicos mandantes, e nós outros — vós e eu — seremos escravos. Provavelmente está a formar-se uma nova cultura, da qual não fazemos nenhuma idéia. Os que se interessam por este problema e o observam com toda a atenção mostram-se bastante perturbados. A menos que nós, entes humanos, efetuemos uma total mutação em nossa maneira de viver — e este, afinal, é o "caminho da vida" — então o pensamento (que é puramente mecânico, pois o pensamento não é novo, nele não há nada de novo) irá controlar a nossa vida. Eis porque tanto importa (tende a bondade de ver isto por vós mesmos) descobrirmos uma maneira de viver na qual o pensamento, que é mecânico, não possa interferir, a não ser quando tenha de funcionar mecanicamente.

Por essa razão, releva sobremodo compreender a natureza e estrutura do pensamento. Que é o pensamento? Que é pensar? Não espereis que eu, que vos estou falando, vos dê a resposta. Aqui está um "desafio" — escutai isto, por favor! — aqui está um desafio: Que é o pensamento? Que é pensar? Qual a origem do pensamento? Eis um desafio inteiramente novo; como "responder" a ele? Quereis sair em busca de uma resposta, esperar que alguém vo-la dê, ou dizeis "Não sei"? E, no próprio ato de dizerdes "Não sei", estais esperando achar a resposta, para poderdes dizer "Sei agora a resposta"? Ou que sucede realmente ao vos verdes frente-a-frente com este imenso desafio? Se o desafio é, de fato, vital, importante, a mente se torna quieta, não é verdade? O pensamento fica em suspenso, porque não tem resposta para dar. Mas no desejo de descobrirmos uma saída dessa maneira mecânica de vida, servimo-nos do pensamento como o meio de descobri-la. E, por conseguinte, reduzimos o desafio novo à condição de "velho"; e os desafios, quando vitais, são sempre novos. E este, com efeito, *é* um desafio vital: nossas casas estão ardendo, nossa moralidade, nossas

igrejas, nossa sociedade, tudo está a desintegrar-se, a corromper-se. Há um imenso desafio que temos de enfrentar: o desafio do computador, e a relação do homem com ele.

Se esperardes que o especialista resolva esta questão, vos vereis, de novo, completamente enredado. A questão, pois, é de como efetuar uma mutação total, uma completa mudança em nossa vida — uma mutação que resolva todos os nossos problemas. A meu ver, a raiz de nossos problemas: o medo, a violência, a imensa agonia da vida, a perene busca de prazer — a origem, o foco de todos esses problemas é o pensamento. E é possível fazer cessar o tempo, que é pensamento? Como sabeis, estamos habituados com a idéia, a tradição, de que, com o tempo, gradualmente, lentamente, seremos diferentes, haverá com a evolução uma mutação mental e nos tornaremos seres humanos com um espírito totalmente novo. Se admitirdes isso — que, com o tempo, tereis uma mente nova, uma "qualidade" bem diferente na sua estrutura e natureza — se admitirdes tal coisa, continuareis a ter neste mundo uma existência mecânica. E a presente geração será responsável pela sorte da vindoura, por efeito da educação, etc., de modo que, "com o tempo", não haverá mudança de espécie alguma. Cada vez nos tornaremos mais mecanizados.

Conseqüentemente, a questão fundamental não é como nos livrarmos do medo, da violência, dos nossos inumeráveis problemas; a questão básica é se o pensamento, como tempo, pode findar, de modo que, psicologicamente, não haja nenhum amanhã. Portanto, tomai interesse por este assunto, e investigai-o deveras. Compreendeis? Como sabemos, muito facilmente nos comprometemos a seguir uma determinada linha de ação. Acho que há diferença entre "estar ligado a uma coisa" e "estar todo interessado numa coisa". Nós estamos interessados na vida, não estamos "ligados" à vida. Quando nos ligamos a um determinado movimento — comunista, socialista, católico, qualquer coisa — tal compromisso representa um "processo" deliberado do intelecto, do pensamento. Nesse "processo" não há nada novo. Mas, se estamos seriamente interessados, como *nós* realmente estamos, na vida de cada dia, completamente entranhados de todos os seus problemas, não há então separação; o pensamento não está em função e a dizer "estou muito interes-

sado". *Vós* estais interessados. E, assim, pergunta-se: Pode o pensamento, como tempo e como medo, cessar de todo?

Já explicamos suficientemente o movimento do pensar, o movimento do tempo. Vamos fazê-lo, mais uma vez, de diferente maneira. Mas, a explicação, a descrição da causa, jamais fará cessar o tempo. Dar a um homem faminto uma descrição de alimentos nutritivos não tem valor nenhum; o que ele quer é comida. Assim, se vos basta a descrição do movimento do pensamento e sois capaz de ajustar-vos a essa descrição, então, o pensamento nunca terá fim. Mas, se esta questão vos merece toda a atenção, como deve merecer, se sois realmente sérios, cabe-vos responder à pergunta acerca da mente, resultado do pensamento, resultado do tempo (tempo como evolução — milhões de anos!) que produziu o cérebro atual. Este cérebro está agindo mecanicamente, com uma enorme carga de condicionamento. É possível uma mutação total, que nos permita viver numa dimensão toda diferente? Eis o verdadeiro problema. Como responder a esta pergunta? A maneira tradicional de fazê-lo é analisando — analisando o inteiro processo de nosso viver, passo por passo — não apenas a mente consciente, mas também a mente inconsciente; analisando cada sentimento, cada pensamento, cada movimento, como estão fazendo os analistas e psicólogos. Essa análise requer tempo. E, nesse processo, existe um grande perigo. Porque, para analisar, não se requer apenas a capacidade de analisar com o máximo de clareza, livre de qualquer tendência, de qualquer erro de julgamento — e isso não é possível porque o próprio analista está condicionado. Outrossim, o processo analítico, intelectual, verbal, requer tempo; e, enquanto fordes analisando, dia por dia — o processo mecânico da sociedade, da cultura, moldará vossa mente, forçando-vos, dirigindo-vos, impelindo-vos.

A análise, portanto, não é o caminho certo. *Deveis* ver essa verdade; porque, fazendo-o — vendo a falsidade da análise, vós a rejeitareis de todo, pois ver a sua falsidade é perceber essa verdade. Se, ao verdes uma coisa falsa, a reconheceis como falsa, essa própria ação é a verdade. E, ao verdes claramente a falsidade da análise, que tendes então? Tendes o problema de olhar sem serdes impelido pelo analista; olhar o fato sem análise. Estareis, então, olhando o medo como que com olhos novos, não é assim? Não haverá nenhum esforço para superá-lo, para analisá-

-lo, mas o estareis olhando tal como olhais aquele campo de tulipas. Quando olhais o medo sem a interferência do analista, do pensador, existe então medo?

Só se pode olhar desse modo quando a mente está silenciosa. Se, enquanto olhais o campo de tulipas, vossa mente faz barulho, mantém-se desatenta, de fato não estais olhando aquelas flores. Mas, quando, para olhardes, dais atenção total, isto é, vossa mente, vosso coração, vossos nervos, vossos olhos, vereis então que não há separação nenhuma e, por conseguinte, não há medo. Não estou dizendo isto para o aceitardes, mas, sim, para o fazerdes! Olhar é o maior dos milagres. Nada precisais fazer senão dar toda a vossa atenção para olhardes aquele campo, para olhardes vossa esposa ou marido, olhardes vossa crença, vossas opiniões, e juízos, e avaliações. Vereis que não há então nenhum medo. A mente passou por uma extraordinária transformação. Só a pessoa que está desatenta pode ser nociva.

12 de maio de 1968.

O AMOR

(Amsterdã — III)

ESTIVEMOS considerando a questão do pensamento e como ele divide e fragmenta a nossa vida. E, nesta manhã, se consentis, desejo examinar a questão do pensamento nas relações entre os homens. Que lugar compete ao pensamento? Como se pode observar, em todas as partes do mundo, nós criamos a fragmentação na vida. A vida dos negócios é diferente da vida diária; os religiosos diferem dos cientistas; o socialista do comunista; o indivíduo oposto à comunidade, ou a comunidade oposta às várias nacionalidades. Em toda a parte se está verificando essa fragmentação, tanto exteriormente, como interiormente. E, onde há fragmentação, há necessariamente oposição, resistência. Isso é um fato evidente. Ante tal fragmentação, ficamos a pensar se será possível promover uma integração (como se costuma dizer), e se essa coisa que chamamos "integração" é realmente possível ou se se trata de uma idéia inteiramente falsa.

Não se pode "integrar" o preto com o branco; o que se obtém é uma cor diferente. Portanto, deve haver uma ação impossível de fragmentar-se, de dividir-se em ação política, religiosa, familial, individual, comunal, etc. E a mim me parece importantíssimo descobrir se existe realmente alguma possibilidade de agir total e completamente, de modo que a vida religiosa não fique em oposição à vida de família e à vida dos negócios; de modo que nenhuma linha de ação fique em oposição a outra. Muitas pessoas acham que, dado o adequado ambiente econômico

e social, tudo sairá certo, e o homem viverá feliz para todo o sempre; que tudo é apenas questão de organização política.

Como dissemos, a vida está fragmentada, fato este que cada um pode observar em si mesmo. Odiamos e amamos, queremos ser bons e estamos sempre a resistir à tentação, ao mal, etc. E perguntamos a nós mesmos se é possível haver uma ação que nunca possa dividir-se, fragmentar-se, que seja sempre completa. Nesta manhã, investigaremos — não intelectualmente, como se se tratasse de uma idéia ou teoria — iremos descobrir, realmente, por nós mesmos, se, em nossa vida diária, em tudo o que fazemos, nos é possível agir completamente, totalmente, de modo que não haja fragmentação de espécie alguma.

Para examinarmos cabalmente esta matéria, parece-me indispensável compreender a questão do prazer e da disciplina, que consideramos necessários ao viver. O prazer, de modo geral, é que nos guia em quase tudo o que fazemos. Abandonamos um prazer por um prazer maior, uma satisfação menor por uma satisfação maior, etc. E todo prazer, toda satisfação, traz sua especial disciplina, amoldada a um padrão estabelecido pelo prazer anterior, pela lembrança de uma experiência precedente, a qual molda a atividade do pensamento. Como se pode observar, em geral atuamos de acordo com os ditames do prazer. Esse prazer disfarça-se em moralidade, austeridade, virtude, ideal, etc. Não é inevitável a fragmentação quando o prazer é o princípio diretor da vida? Porque o prazer, inevitavelmente, gera medo. Pode-se ver claramente como o prazer funciona: a lembrança de uma experiência que ontem nos propiciou grande deleite, o desejo de que ela continue, e o medo de que tal não aconteça — aí temos, já, o começo da fragmentação da vida.

Isso não significa que somos infensos ao prazer (o que seria absurdo), mas cumpre compreender a natureza e estrutura do prazer. Essa compreensão importa realmente, porquanto o prazer é o causador desse fracionamento da vida em vida religiosa, vida social, etc. Ao verdes uma folha a flutuar no vento — e aqui, na Holanda, venta muito — ao verdes a beleza daquela folha a dançar alegremente ao vento — experimentais um grande deleite, um grande prazer. Contemplando o poente cheio de luz e de glória, ou uma bela flor, um lindo rosto, não podeis deixar de sentir prazer. Não podeis rejeitar, ou reprimir, ou "transmutar"

esse prazer; nós o *sentimos* e, portanto, temos de aceitá-lo, assim como aceitamos o céu azul, a terra verdejante, o deserto, a montanha. Mas, quando ele se torna a necessidade predominante da vida, como acontece com a maioria de nós; quando se torna uma ânsia, consciente ou inconscientemente, verifica-se essa divisão da vida em compartimentos fragmentados.

Perguntando o que é o prazer, devemos também perguntar o que é o amor. Que lugar compete ao prazer nas relações humanas, e prazer é amor? Em regra — a menos que gostemos de entreter absurdas ideologias e teorias, sem nenhuma significação — o amor é prazer. E essa questão merece examinada com certa profundeza, a fim de descobrirmos o lugar que compete ao pensamento, nas relações entre os entes humanos, e descobrirmos se essas relações se baseiam no prazer ou se são produto do amor, da afeição. Eis a matéria que vamos considerar todos juntos; isto é, vamos estar em comunhão. A explicação verbal pode produzir uma certa qualidade de comunicação; temos de servir-nos de palavras para nos comunicarmos uns com os outros, mas as palavras, em si, não têm realidade; são elas apenas um meio de manifestarmos o que sentimos, o que pensamos, o que compreendemos, o que percebemos. Mas, talvez possamos estabelecer entre nós uma relação não verbal, de modo que estejamos em comunhão num nível completamente diferente do nível verbal, embora obrigados a usar palavras. Essa comunhão, quando se examina um problema complexo, como o das relações e tudo o que elas implicam, não é um processo mental; não é uma coisa que se tem de compreender intelectualmente, a seu respeito reunir um certo número de idéias, e pensar tê-la compreendido. Pelo contrário, para compreendermos qualquer problema humano complexo, com ele temos de estar em absoluta comunhão, isto é, devotar nossa mente e nosso coração a compreendê-lo. Por esse motivo, é necessário escutar com muita atenção, zelo e afetividade. Não podemos ficar vivendo meramente no nível intelectual, porque, aí, cessa toda comunhão.

Vamos, pois, conversar sobre este assunto bem a sério, e não indiferentemente ou dando ouvidos e importância apenas a um homem que está falando, a um amontoado de palavras e de idéias — coisa absurda e infantil! Se, nesta manhã, pudermos examinar esta questão das relações, talvez alcancemos aquela ação que é sempre total, não importa o que estejamos

fazendo — trabalhando num escritório ou numa fábrica, cozinhando, lavando pratos, ou cavando no jardim, ordenhando uma vaca, segurando a mão de outra pessoa, olhando uma árvore ou uma nuvem, ou admirando a beleza de uma ave — uma ação única e total, emanada de uma só fonte. Assim, ao examinarmos, ao investigarmos a questão das relações, temos, também, de perguntar que lugar cabe ao pensamento nas relações — sendo "pensamento" a resposta ou reação à memória, ao conhecimento, à experiência, ou seja ao passado. Que lugar compete ao passado nas relações? Se, nas relações humanas, o passado dirige todas as ações, como de fato dirige, geralmente falando, existem então relações? As relações entre pessoas representam, decerto, o movimento total da vida — um movimento, e não um estado estático que pode ser lembrado e que atua com base nessas lembranças.

Estamos "verbalizando" demais? Digamos a coisa diferentemente, se possível. "Relação" significa estar em contato, tocar, apalpar, ver o que o outro ser humano *é*, estar intimamente em contato com o outro ("o outro" pode ser uma pessoa, uma idéia, uma ideologia apregoada pela propaganda). "Estar em relação" é isso. O estado de relação é sempre do presente; do contrário, não estamos relacionados. A menos que estejamos em constante contato com a realidade de um ente humano, com todas as suas peculiaridades, etc., a menos que estejamos completamente em contato com ele, no presente, não existe nenhuma relação. Se estou em relação convosco de acordo com uma certa imagem, formada pela lembrança de milhares de dias passados, e atuando em conformidade com essa imagem — isso é "estar em relação"? Vós tendes uma imagem de mim, um símbolo, uma idéia e, consoante essa imagem, idéia, símbolo, atuais, em vossas relações comigo. Estais, portanto, atuando de acordo com a lembrança de coisas passadas, agradáveis ou dolorosas; e eu, por minha vez, estou fazendo a mesma coisa. Estamos ambos vivendo no passado. A ação que dele resulta chamamos em geral "relações".

E nós estamos questionando o passado. É muito importante questionar tudo o que se nos oferece, duvidar de tudo o que alguém diz, inclusive este que vos está falando — principalmente ele — porque sois muito facilmente influenciáveis, principalmente por instrutores vindos do Oriente! Credes que eles

possuem alguma misteriosa filosofia, estão cumprindo uma importante missão, vêm oferecer-vos um mirífico misticismo oriental — e outras inúteis infantilidades. Nada disso tem valor algum e só pode engendrar a autoridade, a superstição, o "culto dos heróis" — coisas sem nenhum significado para a compreensão da verdade. E é isto que estamos tentando aqui: compreender a verdade, descobrir, absolutamente por nós mesmos, o que é a verdade — não uma verdade abstrata, mas, sim, a verdade da vida, a verdade do cotidiano viver, a fim de que sejamos efetivamente honestos para conosco.

Peço-vos, portanto, não aceiteis o que este orador está dizendo, mas, sim, vos sirvais dele como um espelho, no qual vos vedes refletidos tais como sois. Isso pode ser um tanto assustador, mas é necessário vos verdes realmente nesse espelho, a fim de descobrirdes o verdadeiro, sem ser conforme alguma opinião, ou segundo a experiência ou a teoria de outrem. Estamos considerando a questão das relações, questão sumamente importante, porquanto a vida, em todos os seus aspectos, é relação; a vida cessa quando não há relação. O monge que se retira para uma caverna solitária, ou uma cela, ou o que quer que seja, continua a estar em relação, ainda que não pareça. Pode estar em relação com uma idéia, um conceito, uma fórmula; ele continua num estado de relação. E "estar em relação" significa estar ativo no presente, pois de outro modo não há relação. Para a maioria de nós, "relações" significa lembranças de prazeres ou dores acumuladas nas relações com outra pessoa — nas relações entre marido e mulher, entre os filhos, etc. Assim, todas as nossas relações — se as observamos bem — baseiam-se numa imagem. E a imagem é o passado; pode-se-lhe tirar ou acrescentar alguma coisa, mas, no âmago, ela é sempre o passado. Podeis ver muito facilmente como se forma essa relação, essa imagem. Não há necessidade de examinar isso, porquanto o seu mecanismo é bastante óbvio: o pensamento, remoendo o insulto, o prazer, as exigências e apetites sexuais e sua satisfação, etc., formou, a pouco e pouco, essa imagem de prazer e de dor que constitui a essência de todas as relações, sejam as relações entre o homem e a mulher, sejam as relações entre o indivíduo e a comunidade ou entre a comunidade e a nação ou o mundo. Assim, quando se está examinando esta questão das relações, torna-se naturalmente necessário compreender, por inteiro, o pro-

cesso do pensar. Existe uma relação verdadeira no amor, tal como o conhecemos? No amor, que lugar cabe ao pensamento? Existe amor, se existe pensamento?

E que significação tem o prazer nas relações? — seja o prazer sexual, seja o prazer de estar em companhia de outrem, de viver com outrem, e todos os problemas daí decorrentes. Tende a bondade de observar isso em vós mesmos, em vez de vos limitardes a escutar o que digo. Porque, se o amor é prazer, quando esse prazer é contrariado, há ciúme, ódio, cólera. E pode haver ciúme quando há amor? Todavia, é isso o que acontece: dizemos "Amo-te", e daí decorre medo, agonia, ansiedade, o desejo de dominar, de possuir, de ser possuído, de dar. Possuir é também uma forma de prazer. Tudo isso se encontra naquilo que chamamos "amor". Se não existe amor, então que é "relações"? É bem evidente que nós não temos amor. Se houvesse amor, haveria uma educação de espécie totalmente diferente; não estaríamos destruindo os nossos filhos. Portanto, cumpre examinarmos esta questão do prazer e, examinando-a, depara-se-nos também a questão da dor e do medo. O prazer é mantido e nutrido pelo pensamento. Este é um fato bem simples, que qualquer um, por si próprio, pode observar: a lembrança de um incidente agradável, a que o pensamento dá continuidade hoje e espera ver repetido amanhã. Nesse processo existe o medo de não o termos amanhã, e o desejo de que ele nos seja garantido.

O pensamento, pois, tem uma importância imensa em nossa vida, em nossas relações. O pensamento gera inveja, comparação, ciúme, e por essa razão não estamos de modo nenhum em relação. Quando cada ente humano vive em seu próprio isolamento, em sua própria atividade egocêntrica (ainda que seja casado, tenha filhos, relações sexuais, etc., ele está sempre isolado), como pode haver alguma espécie de relação?

Assim, quando vemos, realmente, e não teoricamente, esse fato, ou o aceitamos tal qual é, acalentamo-lo, damos-lhe polimento e uma enorme significação, ou rejeitamos de todo a sua estrutura, negamos toda essa tradição de relações geradoras de tanto ódio, e ciúme, e antagonismo. E, então, vemo-nos também forçados a perguntar: Porque existe tanto sofrimento neste estado de relação? Porque tem o coração humano de arcar com tão pesado fardo, em todo o mundo, da aldeia mais atrasada à urbe mais "sofisticada"? Pode o sofrimento terminar?

Muito importa fazer esta pergunta. Não devemos acostumar-nos com o sofrimento; e isso é o que faz a maioria de nós. Com ele nos conformamos, aceitamo-lo, ou adoramo-lo, à maneira dos cristãos, simbolizado na Igreja. Mas, nunca indagamos porque existe esse sofrimento; não apenas o sofrimento individual, mas o sofrimento humano, a dor da humanidade, a dor do mundo. O homem que não tem o que comer nem onde abrigar-se é um ente oprimido, sofredor. E o opressor é igualmente sofredor. E sofredor é o sacerdote, tanto quanto o negociante; toda a humanidade leva essa pesada carga de sofrimento. E nós o aceitamos como parte de nossa existência. Quando "aceitamos" qualquer coisa, seja uma coisa muito bela que vemos num quadro, sejam os contornos da montanha ou a árvore toda florida — quando aceitamos qualquer coisa e com ela nos habituamos, nossa mente e nosso coração se embotam, se entorpecem. E nesse estado não existe inocência.

Assim, é possível acabar com o sofrimento? Tem um ente humano, que vive neste mundo, com família, filhos, que vive no isolamento, no desespero, na ansiedade, cheio de "sentimentos de culpa", etc. — tem esse ente humano alguma possibilidade de libertar-se do sofrimento? Quer dizer, é possível analisar todo o problema do sofrimento — como vem ele, de que fonte brota, como tem continuidade em nossa vida, escurecendo-nos os olhos, o coração, a fala, a visão das coisas? Há necessidade de o analisarmos, passo por passo, examiná-lo, descobrir-lhe a causa? E quando se descobre e compreende a causa do sofrimento, ele se acaba? Claro que não; isso nunca aconteceu. Deve haver, portanto, uma maneira diferente de se alcançar o fim do sofrimento, a compreensão do sofrimento, do sofrimento que o amor produz, do sofrimento que há quando não somos amados pelo ente que desejamos amar, do sofrimento que nos oprime o coração. Pode esse sofrimento terminar, para que possamos viver como seres humanos, com deleite, com beleza, com felicidade, com a Verdade? Isto não é nada de enigmático, procedente do "misterioso" Oriente; é um problema humano.

Antes de tudo, para se pôr fim ao sofrimento é necessário compreender a natureza do tempo, porquanto nós aceitamos o tempo como um meio de superar dificuldades, de resolver dificuldades. O sofrimento existe, e nós dizemos: gradualmente, através do tempo, poderemos, de alguma maneira, afastá-lo de

nós. O sofrimento tem fim por meio de tempo — do tempo psicológico e também do tempo cronológico? No tempo cronológico, poderemos habituar-nos com ele, ir-nos conformando com ele, gradualmente, dia pr dia. Mas, psicologicamente, interiormente, dizemos para nós mesmos: "Dele me livrarei lentamente, ou tratarei de esquecê-lo, de racionalizá-lo, de fugir dele." Positivamente, só há uma maneira de acabar com o sofrimento — mas não por meio da análise, da fuga, da racionalização, e, sim, enfrentando-o, olhando-o, pondo-nos em completa comunhão, em integral relação com ele.

Atentai para isto: quando olhais uma árvore, nunca o fazeis a não ser com a imagem que tendes dessa árvore, com o conhecimento botânico que dela tendes. Vossos olhos a vêem através da imagem do conhecimento, da lembrança ou do prazer; nunca a olhais sem a imagem, sem pensamento, nunca a olhais simplesmente. E tenho certeza de que nunca olhastes vossa esposa ou marido dessa maneira, isto é, sem a imagem que tendes a respeito dela ou dele. E quando olhais para a nuvem, para a ave, para a luz refletida na água, sem a imgem, estais então diretamente em contato com a coisa, não há espaço entre vós e a coisa que estais observando. Fazei-o, uma vez, e vereis, por vós mesmos, o que acontece. O intervalo de tempo entre o observador e a coisa observada, a distância, o espaço, passa por uma extraordinária mudança. Da mesma maneira, olhai o sofrimento, sem tratar de evitá-lo ou de acalentá-lo; olhai-o, ponde-vos inteiramente em contato com ele. E com ele só estareis em contato se lhe dispensardes toda a atenção e cuidado; e só podeis dispensar-lhe toda a atenção se vossa mente estiver quieta. Quando não há resistência ao sofrimento, vê-se que ele passa por uma transformação total; mas isso não significa que aceitais o sofrimento, que com ele vos identificais. Vós *sois* o sofrimento; não há "vós" e o "sofrimento". O observador, o pensador, *é* o pensamento. Ao perceberdes esse fato com o máximo de clareza — não como idéia, porém como realidade, como uma coisa que apalpais, tocais, vedes — notareis que o medo, bem como o sofrimento, chega ao seu fim quando entramos em direto contato com ele.

Cumpre-nos também descobrir individualmente o que é o amor. Como sabeis, muito se fala a respeito dele. Como tem sido deturpada esta palavra, pelo político, pelo teórico, pelo

sacerdote, pelo marido, pela mulher — como os entes humanos a têm deturpado, esta bela palavra! Ela está fortemente "carregada". E para descobrir o que ela significa, não intelectualmente, porém entrando em direto contato com ela, nada se deve fazer. Se alguma coisa se faz, trata-se de ação do pensamento, e o pensamento é velho. O pensamento funciona sempre no campo do "conhecido". E só quando se está libertado do "conhecido" pode haver inocência, pode haver amor. Compreendeis? Podeis aprender essa frase, mas a palavra não é a realidade. Isso significa, com efeito, que, para amar, não deve haver medo, não deve haver sofrimento. Não se trata aqui do amor por um ou do amor por todos, porém do amor puro e simples. E este só pode nascer quando se compreende inteiramente a atividade do "eu", do "ego", com todas as suas invenções, sua solércia, seus absurdos; quando se entra realmente em contato com a futilidade do pensamento.

O pensamento tem seu lugar próprio, tecnologicamente; se não sabeis para onde vos estais dirigindo, não conseguireis chegar a vossa casa; tendes de saber o caminho para lá. Mas, se o amor é produto do pensamento, então, nele se encontra dor, ódio, inveja, divisão. Assim, em verdade, amar significa morrer, não? Morrer para tudo o que se conhece como sendo "eu". Mas, ninguém quer morrer dessa maneira. Somos todos excessivamente egoístas, excessivamente egocêntricos, com nossas opiniões e juízos, nossa pátria, nossos deuses e crenças. Seria maravilhoso se pudéssemos lançar fora tudo isso, não pela força da vontade ou da determinação, porém simplesmente, vendo-o com olhos que nunca foram contaminados pelo passado, vendo-o de maneira totalmente nova! Quer dizer, vendo o "ego", o "eu", com olhos límpidos. Um dos nossos problemas é que somos muito velhos, não fisicamente, talvez, porém velhos em tradição, bem no fundo de nós mesmos, historicamente. Sendo tão velhos, não nos renovamos; a renovação não pertence ao tempo; é o fim do ontem. E, quando finda o ontem, existe o amor nas relações.

18 de maio de 1968.

A LIBERTAÇÃO DO APEGO

(Amsterdã — IV)

Nós podemos falar infindavelmente, explicando, amontoando palavras, chegando a conclusões várias. Mas, se, pondo-se de parte toda essa confusão verbal, chegamos a uma única ação clara, esta ação vale por dezenas de milhares de palavras. Em geral, temos medo de agir, porque nós mesmos nos vemos confusos, em desordem, cheios de contradição e aflição. Apesar desse estado de confusão e desordem, nutrimos a esperança de alcançar uma clareza de especial qualidade, uma clareza que jamais possa ser toldada, que não nos possa ser dada ou ensinada, não nos possa ser arrebatada, uma clareza que de si mesma se nutra, sem nenhuma espécie de esforço, de volição, de "motivo"; uma clareza que não tenha fim e, portanto, não tenha começo. A maioria de nós — se nos tornamos realmente cônscios de nossa confusão — deseja essa clareza, dela necessita.

Nesta manhã (e sinto muito tenhais de estar sentados neste salão, quando lá fora há nuvens formosas, um Sol radioso, árvores que balouçam ao sopro da brisa), nesta manhã, vejamos se cada um de nós poderá alcançar aquela clareza, de modo que, ao sairmos daqui, levemos a mente e o coração cheios de luz e tranqüilidade, sem nenhum problema, sem medo. Ser-nos-ia, portanto, de imenso valor examinarmos a fundo esta matéria, para vermos se há possibilidade de sermos "a luz de nós mesmos", uma luz independente de outrem, completamente livre. Isso requer que exploremos um problema um tanto complexo. Podemos explorá-lo intelectualmente, analiticamente, retirando camada por

camada de nossa confusão e desordem, e levando nesse trabalho muitos dias, muitos anos, ou até a vida inteira — e talvez, no fim, nada encontremos; ou podemos desprezar esse processo analítico, de causa e efeito, e alcançar diretamente aquela luz, sem a interposição da autoridade do intelecto ou de uma norma. Para isso requer-se "meditação" — uma palavra de que tanto se tem abusado, uma palavra que se tornou "monopólio" do Oriente e, portanto, totalmente fútil.

Não compreendo porque o Oriente alcançou essa peculiar ascendência espiritual sobre o Ocidente, como se essa gente levasse no bolso a Verdade e no-la pudesse dar. A maioria deles a "dão" por um preço considerável; tendes de pagar pela Verdade! Ou dela se servem, dessa ascendência, como um meio de explorar-vos, em nome de uma idéia ou de uma promessa. Não sei porque isso acontece com relação a esses infelizes que vêm da Índia, inclusive eu próprio (embora eu não seja indiano, pois rejeito toda e qualquer nacionalidade). Pode ser que, por representarem uma civilização muito antiga e tanto falarem em espiritualidade, tenham eles alcançado tamanha autoridade. Mas, é bem possível que não a tenham, que sejam iguaizinhos a vós e a mim, tão confusos e embotados como nós, ainda que saibam manejar com destreza as suas línguas, tenham aprendido uma meia-dúzia de artimanhas e sejam capazes de impingir a outros um sistema, um método de meditação.

A palavra "meditação", pois, já está bastante "estragada"; como a palavra "amor", ela tem sido corrompida. Não obstante, é uma bela palavra, cheia de significação, uma palavra de grande beleza — não a palavra em si, mas o seu significado. E nós vamos verificar, por nós mesmos, se podemos cada um de nós alcançar aquele estado em que a mente está sempre em meditação. Para lançarmos as bases dessa meditação, temos de compreender o que é viver — viver e morrer. A compreensão da vida e do transcendental significado da morte é meditação. Não consiste ela em buscar experiências místicas, profundas; não é — como praticada no Oriente — uma repetição de palavras, como também o fazem os católicos e outros; constante repetição de uma série de palavras, por mais consagradas e venerandas que sejam. Essa coisa pode tornar a mente quieta, mas também a torna bem embotada, entorpecida, mesmerizada. O mesmo efeito se pode obter, muito mais facilmente, tomando-se um

tranqüilizante. Assim, a repetição de palavras, a auto-hipnose, a observância de um sistema ou método — não é meditação.

Penso que devem ficar-nos bem claros estes dois fatos: o desejo de experiência e a observância de um método, de um sistema, que promete recompensar-nos com uma maravilhosa experiência transcendental. Quando se fala de experiência, essa palavra significa "passar por um certo estado, percorrê-lo do começo ao fim" — não é isso? E "experimentar" implica, também, um processo de reconhecimento, não é verdade? Tive ontem uma experiência que me proporcionou prazer ou dor. Para vivermos inteiramente essa experiência, temos de reconhecê-la. O reconhecimento implica uma coisa já sucedida antes, e, por conseguinte, a experiência nunca é nova. Tende isto sempre em mente: a experiência nunca pode ser nova, porque já ocorreu antes e dela, por conseguinte, ficou uma recordação, uma lembrança, uma memória e, portanto, a pessoa que diz "Tive uma maravilhosa experiência transcendental" está explorando os seus semelhantes, pensando ter tido tal experiência — a qual, afinal de contas, já é coisa passada e, portanto, de todo velha. A verdade não pode ser experimentada, e nisso consiste a sua beleza; porque ela é sempre nova, nunca é uma coisa que ontem ocorreu. O que ontem ocorreu — isso tem de ser esquecido de todo, ficar completamente acabado; o incidente de ontem deve acabar-se com o ontem. Mas, levar para diante aquele incidente, aquela experiência, considerada como um grau de aperfeiçoamento, ou querer transmitir a outros aquela coisa extraordinária, querer impressionar, convencer a outros, isso me parece perfeitamente irracional.

Precisamos, portanto, ter muita cautela com essa palavra "experiência", porquanto só podemos reconhecer uma experiência quando ela já ocorreu conosco. Quer dizer, tem de haver um centro, um pensador, um observador, para guardar e conservar aquela coisa acabada. A experiência, por conseguinte, é algo já morto; não é nada novo. Tal é o caso do cristão, imbuído de seu especial condicionamento, "carregado" de dois mil anos de propaganda; quando ele tem uma visão de seu Salvador (ou como quer que ele o chame), essa visão é uma mera projeção de seu próprio condicionamento, de seu próprio desejo. O mesmo acontece em relação a Krishna, ou outro qualquer. É necessário, pois, o máximo de cautela em relação a essa palavra. Não é

possível experimentar-se a verdade enquanto existe um centro "recordativo", representado pelo "eu", pelo "pensador"; então, a verdade não se manifesta. E, quando um outro diz que teve uma experiência do real, não confieis nele, não aceiteis sua autoridade. Todos estamos prontos a aceitar qualquer um que nos promete alguma coisa, mas não há ninguém que possa dar-vos aquela luz — nenhum guru, nenhum instrutor, nenhum salvador; ninguém! Porque, no passado, aceitamos tantas autoridades, depositamos nossa fé em tantas pessoas, por elas fomos explorados, e todas falharam completamente. Portanto, devemos desconfiar de toda e qualquer autoridade espiritual, rejeitá-la. Ninguém pode dar-nos "aquela luz que nunca se apaga".

Há mais uma coisa em relação à nossa aceitação da autoridade: o seguirmos todo aquele que promete, por meio de um certo sistema, um certo método ou disciplina, levar-nos à suprema realidade. Seguir é imitar. Tende a bondade de observar bem isso, de "escutá-lo" com simplicidade. Porque o que cumpre fazer é negar de todo a autoridade de qualquer outro, por mais teatral, por mais "asiático" que ele seja. Seguir implica não só que enjeitamos nossa própria claridade, nossa própria investigação, mas também que somos movidos pelo desejo de recompensa. A verdade não é uma recompensa. Se queremos compreendê-la, deve ser lançada para o lado toda e qualquer idéia de recompensa e de punição. A autoridade implica medo. E se de acordo com ela nos disciplinamos, temendo não obter aquilo que o explorador nos promete em nome da verdade ou da experiência, estamos renunciando à nossa própria clareza e honestidade. Assim, se dizeis que, para meditar, tendes de seguir um determinado caminho, um determinado sistema, então, obviamente, vos estais condicionando de acordo com tal sistema ou método. Talvez obtenhais aquilo que o método promete, mas o que obtiverdes será apenas cinzas. Porque vosso propósito é alcançar algo, ter êxito, e na raiz dele está o medo — e o medo se relaciona com o prazer.

Está, pois, claramente entendido entre nós (entre vós e minha pessoa) que aqui não há autoridade alguma? Quem vos fala não é autoridade. Não está tentando convencer-vos de nada, não vos pede que o sigais. Deveis saber que, quando seguis outra pessoa, vós a destruís. O discípulo destrói o mestre, e o mestre destrói o discípulo. Esse é um fato que se pode

observar historicamente, e também na vida diária; quando a esposa domina o marido ou o marido domina a esposa, ambos se destroem mutuamente. Não há, aí, liberdade, não há beleza, nem amor. Assim, se isso está bem entendido, podemos começar a meditar sobre a vida, sobre a morte, sobre o amor. Porque, se não lançarmos a base correta, uma base de ordem, uma base claramente delineada, e profunda, então o pensamento se tornará inevitavelmente tortuoso, enganoso, irreal e, por conseguinte, sem valor.

O lançamento dessa base, dessa ordem, é, pois, o começo da meditação. Nossa vida, a vida que levamos cada dia, do nascer ao morrer — casamento, filhos, empregos, realizações — nossa vida é um campo de batalha, não só dentro de nós mesmos, mas também exteriormente, na família, no trabalho, no grupo, na comunidade, etc. Nossa vida é uma luta constante; e essa luta é o que chamamos "viver". Dor, medo, desespero, ansiedade, e o sofrimento, qual uma sombra, a perseguir constantemente nossa vida! Uma pequena minoria, talvez, é capaz de observar essa desordem, sem procurar justificativas externas (embora haja causas externas dessa confusão). Essa pequena minoria talvez possa observá-la, conhecê-la, olhá-la, não apenas no nível consciente, mas também num nível mais profundo, sem aceitar nem rejeitar esta desordem, esta confusão, este caos aterrador, existente em nós mesmos e no mundo. E são sempre as pequenas minorias que promovem as grandes transformações.

Sabeis que muito se tem escrito acerca do inconsciente, principalmente no Ocidente. A ele se está atribuindo desmedida importância. Entretanto, ele é tão trivial e superficial como a mente consciente. Vós mesmos podeis observá-lo e, se o fizerdes, vereis que isso que se chama "o inconsciente" é o resíduo da raça, da cultura, da família, de vossos próprios "motivos" e apetites. Esse resíduo lá está, oculto. E a mente consciente anda ocupada com a diária rotina da vida — trabalho, sexo, etc. Atribuir importância a um ou ao outro (ao consciente ou ao inconsciente) parece-me uma coisa totalmente estéril. Ambos são muito insignificantes, salvo que a mente consciente deve possuir conhecimentos técnicos para podermos ganhar o nosso sustento.

Esta interminável batalha, que se trava tanto no nível mais profundo, como no nível superficial, é a constante de nossa vida

responsável por toda a desordem, confusão e aflição nela existentes. E tentar meditar com essa mente, de acordo com esta ou aquela escola oriental, é uma coisa sem nenhuma significação, pueril. Entretanto, muita gente o faz, pensando que escapará à vida, estendendo uma coberta sobre sua própria aflição. Mas "meditação" significa estabelecer a ordem nessa confusão, não por meio de esforço, porque todo esforço deforma a mente. Isto é bem óbvio: para ver a verdade, deve a mente achar-se perfeitamente clara, sem deformação, sem autocondenação, sem seguir direção alguma. Cumpre, pois, lançar essa base. Quer dizer, a virtude é necessária. Ordem é virtude. Essa virtude nada tem em comum com a moralidade social por nós aceita. A sociedade nos impôs um certo padrão de moralidade, permite-nos ser ávidos, matar-nos mutuamente, em nome de Deus, em nome da pátria, em nome de um ideal; permite-nos competir, ser invejosos, "dentro da lei". Isso não é moralidade nenhuma. Deveis rejeitá-la totalmente, dentro em vós mesmos, para serdes virtuosos. E a beleza da virtude está em que ela não é um hábito, não é um exercício que se pratica todos os dias para se ser virtuoso. Isso é uma coisa mecânica, uma rotina sem nenhuma significação. Ser virtuoso significa — não é verdade? — saber o que é a desordem — a desordem, isto é, a contradição em nós existente, a solicitação de tantos prazeres e desejos e ambições, da avidez, da inveja, do medo. São estas as causas da desordem existente dentro e fora de nós. Delas precisamos estar conscientes, entrar em contato ou estar sempre em contato com essa desordem! E, com ela só podemos relacionar-nos se não a negamos, se não tratamos de justificá-la ou de responsabilizar outros por ela.

Na rejeição da desordem, encontra-se a ordem. A ordem não é uma coisa que podemos estabelecer; a virtude, que é ordem, procede da desordem, isto é, do conhecimento da natureza. Isso é bastante simples, se sabemos observar em nós o estado de extrema desordem e contradição. Odiamos, e pensamos amar. Aí está o começo da desordem, da dualidade. E a virtude não é produto da dualidade, mas uma coisa viva que encontramos em cada dia; não é a repetição de algo que ontem chamamos "virtude". Tal repetição é mecânica, sem nenhum valor. Necessitamos, pois, de ordem. A ordem faz parte da meditação. Ordem significa beleza; e em nossa vida há tão pouca beleza! A beleza não é um produto humano; não se acha num quadro, por

mais moderno ou mais antigo que seja; não se acha no palácio, na estátua, e tampouco na nuvem, na folha, na superfície das águas. A beleza se encontra onde está a ordem — na mente isenta de confusão, e na qual existe ordem absoluta. E só é possível essa ordem absoluta com a total negação do "eu", quando ele se tornou inteiramente nulo. O findar do "eu" faz parte da meditação. Essa é a mais alta forma de meditação — a *única,* aliás.

Cumpre-nos, também, compreender outro fenômeno da vida, ou seja a morte — morte por velhice ou doença, morte acidental ou natural. Inevitavelmente envelhecemos, e a idade se mostra na maneira como temos vivido nossa vida, nossos rostos revelam se temos buscado crua e brutalmente a satisfação de nossos apetites. Perdemos a sensibilidade, aquela sensibilidade que tínhamos quando éramos jovens, novos, inocentes. Quanto mais envelhecemos, mais insensíveis nos tornamos, mais embotados, mais desatentos, e gradualmente descemos à cova.

Existe, pois, a velhice, e existe aquela coisa extraordinária chamada "a morte", que tanto terror nos inspira. Quando não sentimos medo, é porque racionalizamos esse fenômeno e aceitamos os editos do intelecto. Mas, ela continua a existir. E, obviamente, há o acabar do organismo, do corpo. E aceitamos naturalmente esse fato, porque vemos que tudo morre. Mas o que não queremos aceitar é o fim psicológico — o fim do "eu", que é o fim da família, da casa, dos êxitos, das coisas que fiz e que farei, de meus preenchimentos e frustrações. E realmente tememos que se acabe essa entidade psicológica — "eu", "ego", "alma" — todas as formas e nomes que damos ao centro de nosso ser.

E termina, efetivamente, a entidade psicológica? Tem continuidade? Diz-se no Oriente que ela continua pela reencarnação — nascendo-se "melhor" na próxima vida, se vivemos justamente esta. Se credes na reencarnação, como o crê a Ásia em peso (não sei por que razão, mas essa crença lhes proporciona enorme conforto), essa idéia, se a observais com toda a atenção, implica naturalmente que o que agora se faz em cada dia é de imensa relevância. Porque, na próxima vida, cada um terá de pagar ou de ser recompensado pelo que fez, pela maneira como viveu. Assim, o importante não é o que credes acontecerá na próxima vida, mas o que nesta sois, a maneira como viveis. E

a mesma coisa se deve entender no tocante à ressurreição. Aqui, vós a simbolizastes numa pessoa, e adorais essa pessoa, porque não sabeis *renascer em vossa vida de agora* (e não no Céu, à direita de Deus-Padre, o que quer que isso signifique).

Assim, o relevante é como agora viveis, e não quais sejam as vossas crenças; o importante é o que sois, o que fazeis. Mas, nós receamos que aquele centro chamado "eu" tenha fim, e perguntamos: Ele se acaba? Prestai, por favor, atenção a isto: vós sempre vivestes na esfera do pensamento, isto é, sempre destes uma tremenda importância ao pensar; mas o pensar é velho, nunca novo, o pensar é a continuação da memória. Se sempre vivestes na esfera do pensamento, evidentemente há uma certa espécie de continuidade: a continuidade de uma coisa morta, acabada, velha. Portanto, só aquilo que chega a seu fim pode ser novo. Conseqüentemente, importa sobremodo compreender o morrer: morrer para tudo o que conhecemos. Não sei se alguma vez experimentastes fazê-lo, ainda que por uns poucos dias: livrar-vos do conhecido, livrar-vos da memória, livrar-vos de vosso prazer, sem discussão, sem medo; morrer para vossa família, vossa casa, vosso nome, tornar-vos completamente anônimo. Só a pessoa totalmente anônima se acha num estado de "não violência". Portanto, morrer todos os dias, não como idéia, porém realmente! Fazei isso, uma vez!

Como sabeis, temos acumulado muitas coisas, não apenas livros, casas, dinheiro no banco, mas também, interiormente, as lembranças de insultos, de lisonjas, de "neuróticos preenchimentos"; a memória que vos prende à vossa experiência pessoal, que vos dá posição. Morrer para tudo isso, sem discussão, sem medo, abandoná-lo, simplesmente. Fazei-o, uma vez, para verdes o que acontece. Já foi tradição, no Oriente, um homem rico abandonar de cinco em cinco anos, mais ou menos, tudo o que tinha, inclusive seu dinheiro, e recomeçar da estaca zero. Isso já não é possível, hoje em dia, com o excesso de população, a "explosão demográfica", e tanta gente a cobiçar o vosso emprego. Mas, fazer isso psicologicamente não significa abandonar a esposa, as roupas, o marido, os filhos, a casa; significa não estar apegado a nada. Nisso se encontra grande beleza. E, afinal de contas, isso é amor. Amor não é apego. Havendo apego, há medo. E o medo, inevitavelmente, se torna autoritário, impele-nos a possuir, oprimir, dominar.

Meditação, pois, é a compreensão da vida, e compreender a vida é estabelecer a ordem. A ordem é virtude, é luz, luz que não pode ser acendida por outrem, por mais experiente, talentoso, erudito, espiritual que seja esse outrem. Ninguém, nem na terra nem no céu, pode acendê-la, senão vós próprios, com vossa compreensão e meditação.

Morrer, dentro em nós, para tudo! Porque o amor é puro, sempre novo e lúcido. Após terdes estabelecido em vós mesmos essa ordem, essa virtude, essa beleza, essa luz, estareis aptos a ir mais longe. Isso significa que a mente, uma vez implantada essa ordem, que não é produto do pensamento, se torna de todo em todo quieta, silenciosa — naturalmente, isto é, sem esforço algum, sem nenhuma disciplina. E, na luz desse silêncio, se desenrolarão todas as ações do nosso viver diário. E o bem-afortunado que logrou chegar tão longe encontrará nesse silêncio um movimento totalmente diferente, sem nenhuma relação com o tempo, nem com palavras, um movimento não mensurável pelo pensamento, porque sempre novo. Ele é aquela coisa imensurável que o homem sempre buscou. Mas, vós tendes de alcançá-lo, porque ninguém vo-lo pode dar. Não é palavra, nem é símbolo — que são coisas destrutivas. Porém, para que ele surja, cumpre haver ordem completa, beleza, amor. Por conseguinte, deveis morrer, psicologicamente, para tudo o que conheceis, para que vossa mente se torne clara, não torturada, e seja capaz de ver as coisas como são, tanto exterior como interiormente.

19 de maio de 1968.

TEM A VIDA ALGUM SIGNIFICADO?

(Amsterdã — V)

OBSERVANDO-SE o que está acontecendo no mundo, o caos, o desnorteamento e a brutalidade do homem para com o homem, a qual nem a religião, nem a ordem social (ou mesmo a desordem) nunca conseguiram impedir; observando-se as atividades dos políticos, dos economistas, dos reformadores sociais, em todas as partes do universo, vê-se que eles estão causando cada vez mais confusão, crescente angústia. As religiões, isto é, as crenças organizadas, não concorreram, a nenhum respeito, para proporcionar ao homem um estado de ordem e felicidade duradoura, de profundas raízes. E tampouco as utopias — dos comunistas ou dos grupos menores que se constituíram em comunidades — trouxeram ao homem uma perene clareza. E necessita-se de uma tremenda revolução, no mundo inteiro, de uma mudança de inaudita magnitude. Não temos em mente uma revolução externa, mas, sim, uma revolução interior, no nível psicológico, a qual, como é perfeitamente óbvio, representa para o homem a única esperança de salvação. As ideologias carrearam a brutalidade, o assassínio em várias formas, as guerras. As ideologias, por mais nobres que se afigurem, são, em verdade, ignóbeis. É de toda necessidade uma mudança total na própria estrutura de nossas células cerebrais, na estrutura mesma do pensamento. E, para promover-se essa profunda e duradoura mutação, revolução ou mudança, requer-se uma enorme soma de energia. Requer-se um "ímpeto", uma intensidade constante e inalterável, e não o interesse fortuito ou o passageiro entusiasmo, geradores de certa qualidade de energia, que depressa se dissipa.

Para efetuar essa mudança nos entes humanos, no nível psicológico, "da pele para dentro", por assim dizer, necessitamos de energia, eficiência, intensidade, ímpeto. E o homem sempre esperou alcançar tal força por meio da resistência, de constante disciplina, imitação, ajustamento. Esse é um fato observável nas ordens religiosas, em todo o mundo, ou nas pessoas que se ligaram a uma determinada ideologia. Esperam essas pessoas que, crendo em alguma coisa, atuando em conformidade com uma ideologia, ou dedicando-se a uma dada crença, doutrina, dogma, adquirirão aquela intensa energia, necessária para se promover uma radical mutação na mente e no coração humanos. Entretanto, essa resistência, essa disciplina, esse mero ajustamento a uma idéia, não deram ao homem aquela indispensável força e eficiência. Cumpre, pois, descobrir uma ação de espécie diferente, capaz de produzir a energia indispensável.

Na presente estrutura social, em nossas relações humanas, quanto mais agimos, menos energia temos. Isso porque em nossa ação há contradição, fragmentação e, por conseguinte, tal ação gera conflito e, com isso, desperdício de energia. Cabe-nos encontrar aquela energia inalterável, constante, que nunca esmorece. E, para mim, existe essa ação produtiva daquela força vital necessária à revolução radical da mente. No respeitante à maioria de nós, a ação, que significa "fazer", estar ativo", se verifica consoante uma idéia, uma fórmula ou um conceito; se observardes vossas próprias atividades, vosso próprio movimento, na ação, vereis que formulastes uma idéia ou ideologia e, em conformidade com ela, estais agindo. Há, assim, uma separação entre a idéia do que "deveis fazer", ou do que "deveis ser", ou de "como deveis agir", e a ação *real;* isso cada um pode observar muito claramente em si próprio. A ação, pois, é sempre um movimento de aproximação à fórmula, ao conceito, ao ideal. E há uma divisão, uma separação entre o que "deveria ser" e "o que é", a qual acarreta dualidade e, por conseguinte, conflito.

Como dissemos na reunião anterior e em todas as nossas palestras aqui, não fiqueis meramente escutando palavras; as palavras, em si, pouco importam e nunca efetuaram uma mutação radical no homem; podeis amontoar palavras, com elas "tecer grinaldas", como em geral fazemos; podemos viver de palavras, mas elas são cinzas, não trazem beleza à vida, não suscitam o amor. E se hoje estais apenas a escutar uma série de idéias

ou de palavras, então sinto dizer-vos que partireis daqui de mãos vazias. Mas, se realmente desejais "escutar", não apenas ao orador, mas também vossos próprios pensamentos, "escutar" vossa maneira de vida, escutar o que se está dizendo, não como coisa exterior a vós, porém como algo que realmente vos está ocorrendo, podereis ver a sua realidade — ou falsidade. Cada um tem de ver por si próprio e não por meio de outrem, o que é verdadeiro e o que é falso. E para descobrirdes isso cumpre escutar, zelosa, afetuosa, atentamente, ou seja com seriedade, fervor. Muito importa sermos aplicados, ardorosos, porque só há vida, vida em abundância, para os que têm realmente esse desvelo, essa intensidade, e não para os que são meramente intelectuais, curiosos, emocionalistas ou sentimentalistas.

Estamos falando sobre a ação (pois a vida é ação, todo o viver é ação, toda relação é ação), e quando observamos em nós mesmos o movimento da ação, percebemos aquela divisão entre "o que deveria ser" — o ideal — e a ação real. Nossa ação é, em geral, o resultado de uma idéia, um ideal, uma crença, uma suposição, uma fórmula; por conseguinte, existe uma divisão, e o "movimento de aproximação", isto é, o esforço para chegarmos o mais perto possível do ideal. Nisso há conflito, e esse conflito é consumo de energia. Ação significa fazer, agir, no presente vivo e, quando a ação obedece a um padrão, não está no presente: é ação consoante o passado ou segundo o futuro; conseqüentemente, dessa ação vem confusão, vem conflito. Vede, percebei este fato tão simples, ou seja que no conflito há um enorme desperdício de energia. O desvirtuamento da energia decorre, básica e fundamentalmente, do agir conforme um princípio, uma crença, uma ideologia.

Existe ação sem fórmula? Espero esteja clara esta pergunta. Isto é, quando a ação — que está sempre no presente ativo, vivo — é uma "aproximação", um esforço para se chegar o mais perto possível do ideal, há conflito. E esse conflito é a causa essencial da perda de energia. Necessitamos de uma enorme quantidade de energia para efetuarmos uma transformação psicológica em nós mesmos, como entes humanos, porque já vivemos demais num mundo de hipocrisia, num mundo de brutalidade, violência, desespero, ansiedade. Para vivermos humanamente, com sanidade, temos de transformar-nos. Para operar uma mutação em si

próprio e, portanto, na sociedade, necessita o indivíduo daquela energia vital, porque ele não difere da sociedade; a sociedade é o indivíduo, e o indivíduo é a sociedade. E para operar a mudança radical, essencial, que se faz necessária, na estrutura da sociedade — que é corrupta, imoral — requer-se mudança na mente e no coração humanos. Para efetuarmos essa mudança necessitamos de abundante energia, e essa energia é negada ou pervertida, ou deturpada, quando atuamos em conformidade com um conceito; e é isso o que fazemos no cotidiano viver. O conceito se baseia no passado, na História, ou numa conclusão e, portanto, não há ação verdadeira, porém, tão só, "aproximação a uma fórmula".

Assim, perguntamos se há uma ação não baseada em idéia, numa conclusão formada com coisas mortas, passadas. Nós vamos averiguar — se pudermos trabalhar e cooperar nesta tarde, e não apenas ouvir um orador falar — nós vamos investigar se existe uma ação que produza mais energia, e não menos e cada vez menos.

Essa ação existe. Dizer que ela existe não é criar mais uma idéia. E para descobrirdes individualmente essa ação, tendes de iniciar exatamente do começo, ou seja partindo de vosso comportamento pessoal, de vossa própria estrutura mental humana. Quer dizer, nós nunca estamos sós, mesmo ao passearmos sozinhos numa floresta. Podeis achar-vos em companhia de vossa família, estar em sociedade, mas a mente humana está de tal maneira condicionada pelo passado — experiência, conhecimento, memória — que não sabe o que significa "estar só". E o indivíduo teme estar só, porque "estar só" significa — não é verdade? — que ele tem de ficar "fora da sociedade". Nela poderá viver, mas como um forasteiro. E, para ser um forasteiro no meio social, deve estar livre dele. Exige a sociedade que o indivíduo atue de acordo com uma idéia; é só isto que a sociedade conhece, só isto o homem sabe fazer: ajustar-se, imitar, aceitar, obedecer. E quando uma pessoa aceita os decretos da tradição, quando se ajusta ao padrão social (isto é, que os entes humanos estabeleceram), faz então parte dessa existência humana condicionada, que desperdiça sua energia num esforço contínuo, em constante conflito, confusão, aflição. Temos possibilidade de libertar-nos dessa confusão, desse conflito?

Essencialmente, esse conflito existe entre a ação e o que a ação "deveria ser". E qualquer um pode e deve observar em si próprio como o conflito está constantemente a esgotar sua energia. A estrutura social — que, em seu todo, é de competição, agressão, aceitação de uma ideologia, uma crença, etc. — baseia-se no conflito, não só interior, dentro do indivíduo, mas também exterior. E dizemos que se não há conflito dentro em nós, se não há luta, batalha, nos tornaremos animais, nos tornaremos indolentes — porém esse não é o fato real. Não conhecemos nenhuma outra espécie de vida senão esta com que estamos acostumados e que é uma luta constante, do nascer ao morrer; é só esta a vida que conhecemos.

Observando-se essa espécie de vida, pode-se ver que enorme desperdício de energia ela representa. E cabe ao indivíduo desvencilhar-se desta desordem social, desta imoralidade social; quer dizer, ele deve ficar *só*. Ainda que continue a viver na sociedade, não aceitar sua estrutura, seus valores — a brutalidade, a inveja, o ciúme, a competição; por conseguinte, *ficar só*. E aquele que está *só* é um ser espiritualmente amadurecido.

Em todo o mundo há revolta, mas tal revolta não procede da compreensão da estrutura social, que é cada um de nós. Essa revolta é fragmentária; quer dizer, o indivíduo pode revoltar-se contra uma certa guerra, e lutar e matar o semelhante, em sua guerra "favorita"; ou pode ser um crente religioso, de uma dada cultura ou grupo — católico, protestante, hinduísta, etc. Mas, "revoltar-se" significa rebelar-se contra *toda* a estrutura, e não contra um mero fragmento dessa cultura. Para compreendermos a totalidade dessa estrutura, devemos, em primeiro lugar, *olhá-la,* tornar-nos cônscios dela, sem fazermos nenhuma escolha. Não podeis escolher uma determinada parte da sociedade e dizer: "Gosto disto, não gosto daquilo. Isto me agrada, aquilo não me agrada" — porque, nesse caso, estareis apenas a ajustar-vos a um certo padrão e resistindo a outro padrão; por conseguinte, estais ainda envolvidos na luta. Assim, o importante é ver o quadro inteiro da existência humana, a realidade de nossa vida diária — *ver esse quadro,* estar consciente dele, não como idéia, nem como conceito, porém realmente cônscio dele, assim como temos consciência de estar com fome. A fome não é uma idéia, não é um conceito: é um fato. Do mesmo modo, quando se vê essa confusão, essa aflição, essa luta constante, interminável,

quando percebemos tudo isso sem discriminar, não há conflito de espécie alguma; a pessoa está então "de fora" da estrutura social, porque sua mente se desvencilhou de todos os absurdos da sociedade. Porque tendes ideais, sois agressivos; porque tendes crenças, dogmas, pertenceis a certos grupos e comunidades, sois violentos.

Assim, pode uma pessoa observar a si própria — não analiticamente, porém observar-se simplesmente? — porque "a pessoa" é o ente humano, "a pessoa" é a estrutura social, "a pessoa" é a entidade que criou essa desordem social; de modo que, observando a si própria, começa ela a compreender a natureza total dessa estrutura. Nessa compreensão há uma ação não baseada em nenhuma fórmula, uma ação total. E esse é o estado de maturidade. Não somos entes amadurecidos, e somos mais ou menos desequilibrados. Afinal de contas, a forma extrema de desequilíbrio é aquela em que um homem crê ser uma coisa que ele não é; ou está identificado com uma idéia que ele é incapaz de "viver". E, se me permitis dizê-lo, provavelmente noventa e nove por cento das pessoas são desequilibradas, porque andam a perseguir ideais sem nenhum valor; e, por sermos idealistas, somos violentos. Vós pertenceis a um grupo que crê em certos ideais, outra pessoa pertence a outro grupo, e eis a guerra! Assim, quando estamos cônscios, no sentido de não haver escolha de espécie alguma, daí procede uma ação que não é fragmentária. Não há então "amar e odiar". O que há é só uma "qualidade" de vida que nunca pode ser atingida pelo ódio, pela cólera, pelo ciúme, pela inveja. E, para alcançarmos essa espécie de vida, necessitamos de muita energia.

Como sabeis, o homem, isto é, cada um de nós, em qualquer parte onde viva, deseja descobrir um estado mental, um "estado de viver", que não seja uma tortura, que não seja uma batalha. Estou bem certo de que todos nós, por mais medíocre ou por mais intelectual que seja qualquer de nós, desejamos descobrir um "curso de vida" em que impere a ordem, a beleza, e um imenso amor. É isso o que o homem vem buscando há milhares de anos. Mas, em vez de achá-lo, o homem o "externalizou", o pôs "fora de si próprio", criando deuses, salvadores, sacerdotes com suas idéias e, desse modo, perdeu a coisa essencial. Tudo isso temos de rejeitar, recusar-nos a aceitar um céu por intermédio de outrem ou seguindo outrem. Ninguém, nem na terra, nem

no céu, pode dar-vos aquela vida. Para alcançá-la, temos de trabalhar infinitamente.

E, ao procurarmos compreender esta existência, esta vida tão dolorosa, devemos também perguntar qual é o significado da vida, qual a sua finalidade. Somos educados erradamente, preparados para obter um dado emprego, um meio de vida e, depois, cairmos na vida de família, na luta interminável. É para isso que vivem os entes humanos; isso é realmente vida? Por essa razão inventamos a teoria de um "modo de ser" diferente; a teoria de que existe alguma coisa além desta vida ou que, em nós, há algo que é a verdadeira divindade, etc., etc. — coisas que absolutamente não são fatos. Os fatos se encontram em nossa vida diária, e temos o dever de rejeitar toda a estrutura que nós mesmos inventamos a fim de fugirmos à vida de cada dia. É no cotidiano viver que temos de promover a mudança, e não num certo mundo futuro, ideológico.

Assim, cumpre-nos perguntar a nós mesmos: Qual a finalidade da vida? Para que vivemos? Qual o significado da vida? O significado da vida não é determinado pelos teóricos, pelos teólogos. Estes se acham tão condicionados por sua crença, sua experiência, pela igreja ou pelo grupo a que estão agrilhoados, que não podem ver a Verdade. Assim, somos forçados a perguntar: Qual a finalidade da vida? Qual o seu significado? Tem a vida alguma significação? Ou o que há é só esta vida de luta, de batalha, desespero e infinita confusão? Muitas vezes já fez o homem tais interrogações. Não é a primeira vez que as faz. Fê-las repetidamente e, não descobrindo o significado da vida, inventou um significado. Eis uma manobra intelectual: dar significado à vida. Mas é necessário investigarmos, por nós mesmos, qual o significado, a finalidade da vida, em vez de inventarmos tal significado ou finalidade; descobrirmos se esse significado existe ou não. Por conseguinte, nada devemos aceitar ou rejeitar. Quer dizer, para o descobrirmos devemos achar-nos num estado totalmente negativo. Percebei este ponto: para ver qualquer coisa com clareza, a mente deve estar vazia. Até para vermos uma folha de árvore, se a mente faz barulho, pensa noutras coisas, em seus problemas, cheia de idéias e de conhecimentos, não teremos possibilidade de ver a beleza, a delicadeza daquela folha. Identicamente, para vermos o significado profundo da vida, vermos se tal significado existe realmente, temos

de esvaziar-nos de nosso condicionamento. Podem as células cerebrais que, antropológica e biologicamente, vêm sendo condicionadas há milhões e milhões de anos, pode esse cérebro tão fortemente condicionado tornar-se totalmente quieto, para ver qualquer coisa nova?

Ao fazermos a pergunta sobre se a vida tem alguma significação, nós é que temos de descobrir a resposta; a mente, o próprio cérebro deve achar-se perfeitamente quieto, isto é, o "velho cérebro", esse cérebro que se acha fortemente condicionado, que reage e diz: eu sou católico, sou protestante, sou holandês, sou hinduísta, etc. Para descobrirmos o significado da vida — se tal coisa existe, aquele velho cérebro deve quietar-se. Isso faz parte da meditação. Não se trata de reprimi-lo, pois não podemos reprimi-lo; não se trata de alterá-lo, pois não podemos alterá-lo. Mas, se estamos vigilantes, sem escolha, podemos ver como o velho cérebro está sempre a interferir, sempre a reagir prontamente e em conformidade com seu condicionamento. Se dele ficardes apenas conscientes, vereis que ele se aquietará; haverá intervalo entre o desafio e a "resposta". Quando há resposta a qualquer desafio, é a velha mente que "responde" de imediato. E quando estais vigilantes, sem nenhuma interferência (isto é, cônscios, sem escolha, do fato), vereis que o velho cérebro se tornará tranqüilo. Eis o verdadeiro significado da meditação. Esta palavra tem sido deturpada pelos exploradores ou pelos que têm um certo sistema e desejam impingi-lo aos outros — o que demonstra que eles não sabem, absolutamente, o que é meditação.

Assim, para descobrirmos se há um significado para esta vida tão cheia de sofrimento e aflição, com passageiros momentos de deleite e ventura, temos de fazer a nós mesmos, com toda a seriedade, aquela pergunta. A resposta só será achada se o velho cérebro não for tranqüilizado a poder de drogas e de artifícios; com o velho cérebro verdadeiramente quieto, descobriremos se existe um significado. E ao ser descoberto esse significado, o velho cérebro (que é o centro, o "eu", o "ego", a personalidade que assume o caráter de "pensador" e "experimentador") deixa de existir.

Um dos fatos mais extraordinários da vida é que nossa consciência, nossa condição mental, é muito estreita, muito limitada,

porque pensamos fragmentariamente; e, tornando-nos cônscios dessa limitação, procuramos por vários meios expandi-la — mediante leituras, drogas, experiências psicodélicas, porque percebemos que nossa mente é bem medíocre, superficial, e está sempre a opinar e julgar. Percebendo esse fato, perguntamos se podemos ultrapassar essa limitação. E o perigo aí existente é que inventamos um deus; todos os deuses são invenções humanas — os salvadores, os gurus, os que dizem "nós sabemos e vós não sabeis". Mas, se rejeitardes tudo isso, *completamente,* descobrireis por vós mesmos que a vida tem um extraordinário significado, um significado não inventado. Sabereis então o que é o amor. Sabereis o que é ação, o que é virtude. Não há severidade na virtude. A virtude é ordem, e essa ordem não pode resultar da severidade, que os sacerdotes têm praticado na vida e sempre trataram de impor aos outros. Que extravagante a idéia de vivermos uma vida de severidade, também chamada "austeridade", para descobrirmos a realidade! É claro que devemos viver uma vida austera, mas essa austeridade não é produto da severidade; ela vem naturalmente, facilmente, por meio da compreensão. Compreender em seu todo a vida que levamos significa estar cônscio dela sem nenhuma escolha. Se chegardes até aí, vós a compreendereis; e tendes de chegar até aí, porque nossa casa, nossa vida, está sendo destruída. Para sustarmos essa destruição, devemos, no viver cotidiano, manter-nos vigilantes (sem escolha), tão intensamente vigilantes que todo conflito termine. Vem daí um estado de solidão gerador de intensa energia, a energia de que necessitamos para efetuarmos uma radical revolução no nível interior. É uma coisa bem estranha o não serdes capazes de "chamar" a realidade, não poderdes chamar a vós todo o firmamento e a beleza da terra. O que tendes de fazer é apenas deixar aberta a janela, para permitir entrar aquela beleza, aquele amor. Mas, para deixardes aberta a janela, precisais de ordem e, por conseguinte, de negar toda a desordem desta vida, desta sociedade que o homem criou. E só quando há ordem interior completa, é possível alcançar-se aquela realidade imensurável.

Dispomos ainda de alguns minutos; achais que valeria a pena fazerem-se perguntas? Esperai um instante, senhor, antes de interrogardes algo. Sei que temos muitas questões, pois cumpre questionar tudo, duvidar de tudo, inclusive dos dizeres deste

orador. Essa é a única maneira de descobrir alguma coisa, porque só assim somos livres; mas é sempre necessário fazer a pergunta certa. Nunca formulamos as perguntas corretas, as perguntas essenciais. Essa é uma das coisas mais difíceis, porquanto, para fazerdes uma pergunta certa, deveis vós mesmos tê-la examinado e, se a examinastes profundamente, a ela tereis respondido. Mas, se esperais que outro dê a resposta, por mais certa que seja a pergunta, será apenas verbal, porque não trabalhastes nela, não a examinastes, não a explorastes. Dessarte, é necessário interrogar corretamente. E a interrogação correta achará sempre a resposta exata; não uma resposta dada por outrem; "o outro" é meramente uma caixa de ressonância, e uma caixa de ressonância é coisa sem importância. A palavra "guru", tão incorretamente empregada no mundo inteiro, significa "aquele que mostra" — qual um indicador de direção, na estrada. Não construís um santuário em redor desse indicador, não depositais grinaldas em torno dele, não lhe obedeceis, não lhe demonstrais respeito; vós o olhais, e continuais o vosso caminho. Mas, quando o indicador se torna importante, estais então perdidos, estais sendo explorados.

INTERROGANTE: Qual a melhor atitude perante a hostilidade e a brutalidade?

KRISHNAMURTI: Pergunto a mim mesmo o que se entende por "atitude". Porque necessitamos de uma atitude? Que significa "atitude"? Assumir uma posição, chegar a uma conclusão. Se assumo uma atitude em relação a uma questão, isso significa que depois de estudar, depois de examinar, depois de sondar a questão, cheguei a uma conclusão. Cheguei a esse ponto, a essa atitude, o que significa que o próprio ato de assumir uma atitude é resistência; conseqüentemente, esse ato, em si, é violência. Não podemos tomar uma atitude em relação à violência ou à hostilidade. Isso significaria interpretar esse fato conforme nossa particular conclusão, imaginação, compreensão. O que nós perguntamos é: temos possibilidade de olhar a hostilidade em nós existente, essa criação de inimizade dentro em nós mesmos, essa violência, essa brutalidade que há em nós, sem tomarmos nenhuma atitude; temos possibilidade de ver o fato tal como é? Ao assumirdes uma atitude, já tendes um preconceito, já tomastes

um partido e, por conseguinte, não estais olhando, não estais compreendendo o fato em vós existente.

Assim, senhor, olharmos a nós próprios sem nenhuma atitude, sem nenhuma opinião, nenhum juízo, nenhuma avaliação, é tarefa das mais árduas. Nesse olhar há claridade, e é essa claridade, que não é uma conclusão, uma atitude, é essa claridade que destrói toda a estrutura da brutalidade e da hostilidade.

INTERROGANTE: Se compreendermos o que significa "escutar com todo o nosso ser", compreenderemos também todas as demais questões sobre que falais?

KRISHNAMURTI: "Compreendemos uma coisa quando lhe damos nossa mente e nosso coração?" É isso que quereis perguntar, senhor?

INTERROGANTE: Em vossas palestras tendes mencionado diversas coisas, e uma delas foi o "escutar com todo o nosso ser". Se compreendermos o que significa "escutar com todo o nosso ser", compreenderemos tudo o mais que dizeis?

KRISHNAMURTI: Claro que sim! — se tiverdes "escutado com todo o vosso ser" qualquer problema. Todos os problemas estão relacionados com um só problema; não há "um problema" e "outros problemas". Todos os problemas, problemas humanos, estão inter-relacionados. E quando compreendo um só problema completamente, compreendi todos os problemas. Compreender, por exemplo, o problema da inveja não significa sondá-lo e examiná-lo intelectualmente, chegar a uma conclusão, e dizer: "Está certo, está errado", ou outra coisa qualquer. Compreender significa "escutar o problema", e de modo nenhum podeis escutar o problema se vossa mente não está tranqüila. Ao compreenderdes um só problema, não importa se profundo, se superficial, ele está relacionado com todos os outros problemas. Então, escutando-o tranqüilamente, sem escolha, dele estando cônscios, começareis a compreender e a transcender todos os problemas.

INTERROGANTE: Não é melhor deixar de praticar um ato de bondade quando só o praticamos por dever, sem amor?

KRISHNAMURTI: Se não tendes amor, mas por dever praticais um ato de bondade, esse ato tem valor? É preciso fazer essa pergunta? Há necessidade de responder a ela? A palavra "dever" é uma palavra terrível. Só a empregamos quando não temos amor. O coração que ama não tem dever nenhum, nenhuma responsabilidade. Havendo amor, qualquer que seja a ação que praticardes, há responsabilidade; mas se a responsabilidade vem do dever, e não existe amor, trata-se então de um ato horrível, porque acarreta confusão e aflição.

22 de maio de 1968.